BiZZ

RAIMUNDOS

PHIL COLLINS

APACHE INDIAN

CONCRETE BLONDE

RUSH

O SEGREDO DE GEDDY LEE

Flagrante em Londres

PARALAMAS

tudo sobre o novo disco

SOUNDGARDEN entrevista exclusiva

hollywood

THE HOLLYWOOD WAY

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

JOVEM PAN 2 - A RÁDIO

Roupas gentilmente cedidas por Gibson-São Roque

NÃO DÁ PRÁ DESLIGAR

EDITORIAL

É compreensível que alguns leitores insistam em ver na BIZZ um mingau preparado por alguns espertinhos, consumidores atentos das revistas importadas, que todo mês compilam "as mais quentes", enumeram os lançamentos da indústria da música e babau. É pra esses leitores, muito exigentes por sinal, que vamos acender a luz.

Pra fazer esta edição, rolaram 261 interurbanos nacionais e internacionais, contando aí as conversas intensas com nossos repórteres e correspondentes e as virtualmente incontáveis horas de entrevistas com seus (e nossos) ídolos. De ponta a ponta, anúncios fora, esta edição traz 147.867 letras de informação (e opinião, a vilã da estória). Na tabuada das redações, isso dá, arredondando, 2.100 linhas, o equivalente a 29 metros de texto - ou o mesmo que sete Fuscas enfileirados.

Tamanho, porém, não é documento, por isso continuamos investindo na qualidade do time, uma lista-do-crioulo-doido que inclui o diretor da maior e única TV musical do país, especialistas dos principais jornais diários, músicos, pesquisadores, fotógrafos, disc-jockeys, Fãs doentes, ratos de show e de estúdio, muitos aí ainda "sem nome", mas com talento e competência pra escrever e assinar embaixo - como a agora editora-assistente Gabriela Dias, fanzineira irrecuperável que entra pra BIZZ mas continua fazendo o Panacea, um dos mais antenados periódicos do circuito independente brasileiro.

Em outríssimas palavras, nosso esforço é um antídoto pra doença econômica do país, que empurra o preço de capa cada vez mais lá pra cima. Nós estamos fazendo com que a BIZZ valha cada um de seus suados cruzeirinhos.

OTÁVIO RODRIGUES

BIZZ

Ano 10 - Nº 3 - Edição 104 - Março, 1994

18
Antecipamos os indizados do **PRÊMIO BIZZ**.

22
MÚSICA E QUADRINHOS: a história oficial

28
PHIL COLLINS assume que é um chato

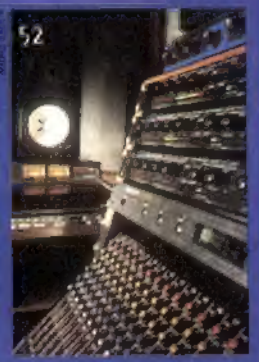
30
Arrasta-pé no estúdio: os **RAIMUNDOS** falam do disco de estréia e recebem seu ídolo maior, **Zenilton**

34
Nosso repórter perde as estribeiras e baba ao telefone falando com **Geddy Lee**, do **RUSH**

38
Chris Cornell mostra que três anos de silêncio não roubaram a força do **SOUNDGARDEN**

44
Os **PARALAMAS** contam tudo sobre *Severino*, o disco gravado na Inglaterra

52
Uma geral na tecnologia dos **HOME STUDIOS**



este mês

SHOWBIZZ
8 **Johnette Napolitano confessa seus pecados**
9 **Chico Science dando pano pro mangue**
10 **Apache Indian e os avanços do Maskavo Roots**
12 *Garagem*, **Honky visita River Phoenix**
14 **Rap'n'roll em Brasília, Radiohead nirvaneando**
15 **Jacko numa fria, Humahuaca, Second Come**
16 **Snoopy Doggy Dogg, as rapidinhas do Big Trep**
17 *Mix*: **música é notícia em todo mundo**

AO VIVO
60 **M2000 Parte 2, Linton Kwesi Johnson, Skank**

LANÇAMENTOS
62 **Chico Science & Nação Zumbi**
64 **Mudhoney, Poster Children, Devotos**
65 **Ratos De Porão, Robert Cray Band**
66 **Carmen Electra, Foreigner, Artigo 288**
67 **Velvet Underground, Soundgarden, Edmon**
68 *Index*: **os discos que estão chegando às lojas**
70 *Parada*, *Bolso de Discos*, *Arquivo Pessoal* e *Alta Rotação*

REPLAY
72 **David Bowie, Van Morrison, AC/DC**

ZONA FRANCA
74 **Teenage Fanclub, A Tribe Called Quest, Paw, Dick Dale, The Orb, a coletânea** *Planet Rap*, **Shonen Knife**

DISCOTECA BÁSICA
78 *Pisces, Aquarius, Capricorn & Jones, Ltd.*, **com os Monkees**

CARTAS
80 **ZZ Top contra e a favor, escândalo Sepultura,**

CONVOCAÇÃO
adidas®

mostre que você é bom de bola e garanta sua convocação para a copa.
é só responder:

QUAL O FABRICANTE DA BOLA OFICIAL DA COPA 94?

VOCÊ PODE VER A COPA DE PERTO, COM TUDO PAGO!
E AINDA CONCORRE A 05 KITS ADIDAS COMO ESTE DA FOTO.

O vencedor verá a Copa via TURISMO MONARK (011) 253-4322

Lembre-se: escreva no envelope *CONVOCAÇÃO ADIDAS/ BIZZ - Av. das Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - São Paulo-SP.*

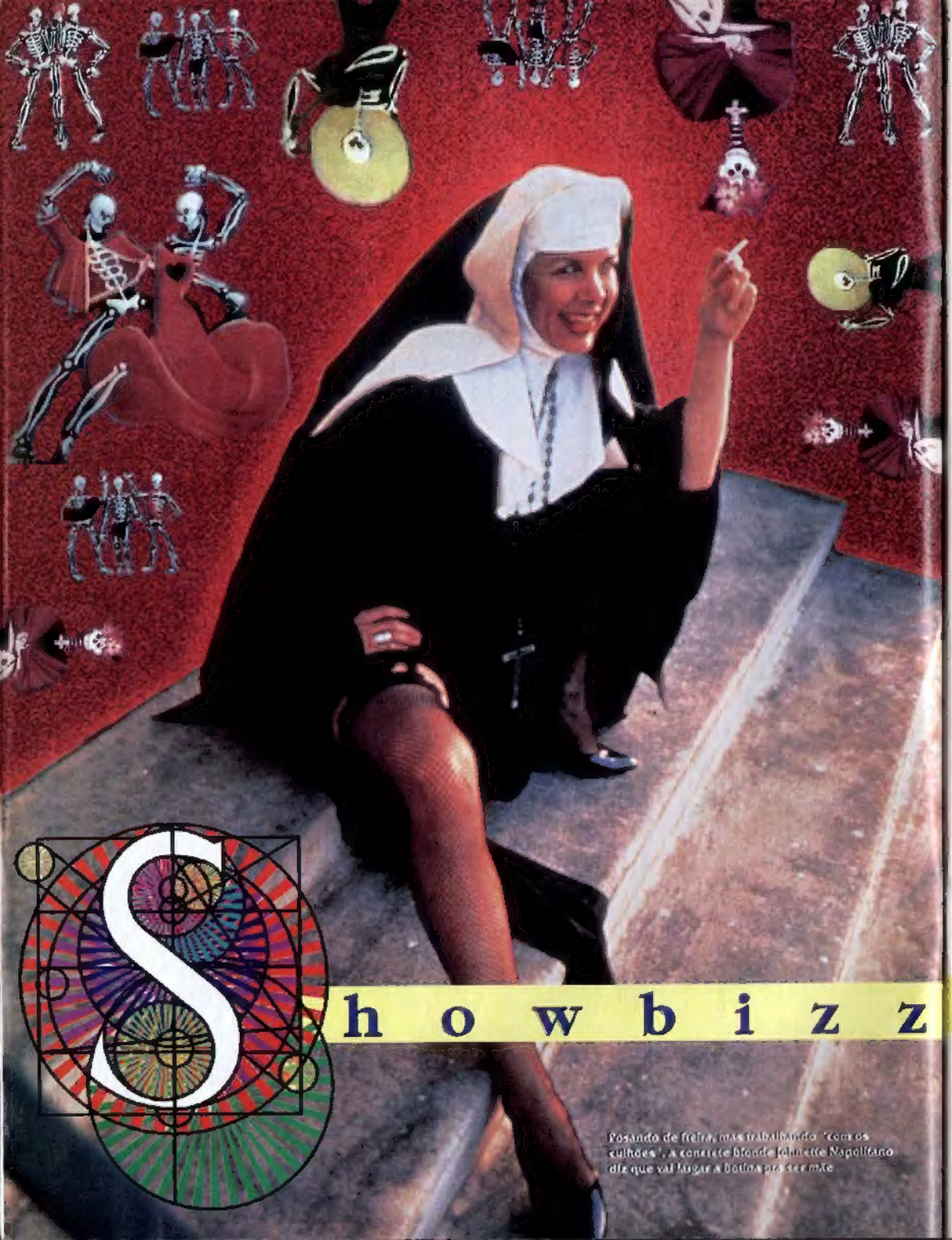
WorldCup 94 Authorized Tour Operator

Nome _____
Endereço _____
CEP _____ Cidade _____ Estado _____
Telefone _____ Código DDD _____
Idade _____ Nº de camisa _____ Nº de calçado _____
O FABRICANTE DA BOLA OFICIAL DA COPA 94 É A _____
PROMOÇÃO adidas APOIO BIZZ

CERT. REG. FED. Nº 010003/94

R E G U L A M E N T O

O concurso CONVOCAÇÃO ADIDAS é aberto a todas as pessoas que queiram participar e que residam em território nacional. Cada concorrente poderá participar com quantos cupons quiser, desde que enviados em envelopes separados. Os cupons deverão estar preenchidos totalmente e trazer a resposta correta. Só serão válidos os cupons originais. Os cupons que não atenderem as especificações acima serão considerados nulos. Cada cupom deverá ser enviado num envelope para *EDITORA AZUL- CONVOCAÇÃO ADIDAS/ BIZZ - Avenida das Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900- São Paulo - SP.* O prazo para o envio dos cupons encerra-se no dia 01/04/94, valendo a data de postagem no correio. O sorteio será realizado na sede da Editora Azul, no dia 04/04/94, com livre acesso aos interessados. O sorteio será efetuado em duas fases consecutivas, a saber: na primeira fase, serão sorteadas 5 cartas cujos contemplados farão jus a um KIT ADIDAS, composto de 1 (uma) bola de futebol Questra, 1 (uma) camisa de futebol, 1 (um) par de chuteiras e 1 (um) par de meias de futebol da Adidas; na segunda fase , as cartas já premiadas serão devolvidas à urna de onde será sorteado o prêmio principal. Nesta segunda fase será sorteada apenas 1 (uma) carta, cujo contemplado fará jus a uma viagem aos Estados Unidos da América, no período de 18/06 a 05/07/94 para assistir à primeira fase e as oitavas-de-final da Copa do Mundo. Juntamente com a passagem aérea, o vencedor terá direito a hospedagem, refeições e ingressos para os jogos do Brasil. Os vencedores serão avisados por telegrama e terão seus nomes publicados na revista BIZZ, edição 106. Não podem participar desta promoção os funcionários das empresas envolvidas (Editora Azul, Adidas e Monark Turismo) bem como seus parentes. Concurso autorizado pelo Ministério da Fazenda sob nº 01A00/034/94.



Posando de freira, mas trabalhando "com os culhões", a concrete blonde Johnette Napolitano diz que vai lutar a bolina pra ser mãe

O "Blonde" que vale a pena

Enquanto você espera notícias sobre o 4 Non Blondes, há outro "Blonde" bem mais interessante dando sopa por aí. Trata-se do **Concrete Blonde**, um grupo de Los Angeles que, sob o comando da baixista e vocalista Johnette Napolitano lançou o brilhante *Mexican Moon* (recém chegado ao Brasil, via EMI-Odeon).

Do outro lado da linha, em Boston, a vocalista Johnette Napolitano pergunta como está o tempo no Brasil e explica o nome da banda. "A gente se chamava Dream Six, mas havia muitos 'dreams' em ação: Dream Syndicate, Dream Academy. Um amigo meu sugeriu Concrete Blonde. Achamos que soava legal e colocamos na banda". E isso já faz dez anos.

Mexican Moon traz na capa vários símbolos do Dia dos Mortos, uma festividade tipicamente mexicana - sugestão de Johnette. Dentro, você encontra rock da melhor qualidade, seja em baladas ("Rain", por exemplo) ou sons mais pesados (como "Heal It Up", cujo clip passa direto na MTV). Um dos destaques é o vocal rasgado de Johnette, cheio de influências de *soul music*. "Cantar para mim não é apenas soltar a voz. Eu trabalho com o meu corpo inteiro, principalmente com os 'culhões'. Ouvi muita soul music, como Aretha Franklin e The O'Jays e acho que isso influenciou bastante o meu trabalho."

As letras, quando não falam de relações pessoais – "mas sem aquela coisa de 'meu namorado me deixou' " , diz Johnette – trazem outra de suas fixações: os temas religiosos. "Jonestown" traz a fala do pastor que levou um mundo de pessoas à morte na Nicarágua. "Jesus Forgive Me (For The Things I'm About To Say)" tem um clima gospel. "Fui criada num meio religioso e a imagem de pastores tirando dinheiro das pessoas me deixa louca da vida. Por isso é que sempre faço esse tipo de música." Johnette posou em algumas fotos vestida de freira *(veja ao lado)*. "Não posso dizer que isso tenha agradado a minha família."

Pena que o disco possa ser o canto de cisne do Concrete Blonde. Johnette diz que está um pouco cansada de excursões e do clima de grupo. "Penso em fazer um trabalho solo, dar um tempo.... Depois a gente se junta de novo e vê que caminho vamos tomar". Quem sabe ela possa realizar um de seus maiores desejos: ser mãe. "Tenho 36 anos e acho que está na hora de ter um filho. Mas primeiro tenho que acertar algumas coisas com meu namorado."

Mangues e mangaba no vídeo do Chico

Está em cartaz nas boas emissoras do ramo o clip de "A Cidade", faixa de trabalho do disco de estréia de Chico Science e Nação Zumbi pelo selo Chaos (Sony). O clip, que teve direção de Guilherme Ramalho e fotografia de Rui Mendes, foi filmado em praias e palafitas (as favelas flutuantes) do Recife, entre elas uma tal de Ilha Sem Deus. O clip teve também a participação do Velho Mangaba *(foto acima)*, figura folclórica da cidade, que costuma animar o povão com músicas de duplo sentido.

Apache Indian bota o mundo pra dançar ao som do bhangramuffin

O FILHO MAIS ESPERTO DE GHANDI

Apache Indian, a mais nova sensação do pop, nasceu inglês em 11 de maio, a mesma data da morte de Bob Marley. Filho de hindus, foi batizado Steven Kapur e se tornou o inventor do *bhangramuffin*, uma esperta fusão do bhangra – música típica da terra de Ghandi – com o falatório dos Djs jamaicanos. "Meus pais sempre ouviram música hindu e quando comecei a compor, acabei incorporando essas influências", conta o DJ em entrevista exclusiva à BIZZ. E vale dizer: ele foi criado em Birmingham, cidade inglesa que já deu ao mundo UB40 e Steel Pulse.

Contratado pela gravadora Island, Apache lançou em 92 o disco *No Reservations* que, além de participações de Maxi Priest e Frankie Paul (outra das superestrelas do dancehall reggae), transformou o DJ num ídolo em toda a Ásia. Chegou a vender mais discos que Michael Jackson e Whitney Houston! "As pessoas viam meus clips na MTV e ficavam surpresas: pela primeira vez elas podiam conferir um asiático, falando de problemas do continente, como o sistema de castas, Aids e adolescentes que sofrem com os casamentos arranjados pelos pais."

O sucesso do DJ animou outros descendentes de hindus a partirem para o bhangra-pop. "Hoje na Inglaterra, há bandas de rock e hip hop usando as batidas do bhangra." Mês que vem sai lá fora seu novo disco, que deve ter produção de Sly Dunbar (o bruxo jamaicano) e participação de Mick Hucknall, cantor do Simply Red. "Não confirmo nada. Prefiro que descubram assim que ele chegar às lojas", despista. Por aqui e por enquanto, chega o álbum *Nuff Vibes & Remixes* (PolyGram), que entre outras traz a massiva "Boom Shack-a-Lack".

10 nomes mais que cotados para o Lolapallooza 94

- Nirvana
- The Breeders
- Smashing Pumpkins
- Beastie Boys
- Parliament
- L7
- Hole
- Lemonheads
- White Zombie
- Therapy?

Metaleiros até na pose, o grupo detona uns skas de primeira

ROCK AND REGGAE AO SOM DO MASKAVO ROOTS

Uma banda de reggae formada por fãs de rock pesado. Esta é a definição dos brasilienses do **Maskavo Roots**, a mais nova aquisição do selo Banguela (dos Titãs). Vindos de bandas como Cravo Rastafari, DFTA (ou Don't Feed The Animals) e Anticorpos Corrosivos, os integrantes do Maskavo descobriram sua faceta reggae nos ensaios. "A gente sempre tocava uns sons do Bob Marley", entrega o guitarrista Carlos. Um dos hits do Maskavo é "Besta Mole" que, segundo ele, é dedicada "aos problemas amorosos dos adolescentes". O disco, previsto para sair no primeiro semestre, deve incluir sete músicas da demo do grupo (algumas em inglês), além de três inéditas.

TOQUE COM OS MELHORES MÚSICOS DO BRASIL E DO MUNDO

Vídeo-Aulas

* CÓD 0517

* CÓD 0518

** CÓD 0542

* CÓD 0541

* CÓD 0544

* CÓD 0529

* CÓD 0546

* CÓD 0547

* CÓD 0548

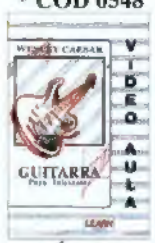
* CÓD 0549

* CÓD 0550

* CÓD 0540

* CÓD 0543

* CÓD 0501



* CÓD 0507

* CÓD 0519

* CÓD 0545

* CÓD 0535

* CÓD 0511

** CÓD 0509

*** CÓD 5001

*** CÓD 5002

*** CÓD 5003

*** CÓD 5004

* Fita Simples = US$ 34,00
** Fita Dupla = US$ 49,00
*** Fita Importada = US$ 50,00
Dólar Comercial

Código	Qtde.	Título	Preço Unit.	Preço Total

OPÇÕES DE PAGAMENTO (marque com um "X"):
☐ **Cheque nominal** à M.P.O. VÍDEO IMP. E EXP. LTDA - Rua Urbanizadora, 148 - Sumaré - S. Paulo - SP - CEP 01252-040
Cheque nº _____ Valor _____ Banco _____
☐ **Débito no cartão de crédito** (aceitamos todos os cartões):
Nome do cartão _____ nº _____ Val. ___/___
☐ **Depósito em conta corrente** - Bradesco - Ag. 0498-7 - Conta nº 54234-2

TOTAL DO PEDIDO	
DESC. 10%	
TOTAL A PAGAR	

Nome: _____
Endereço: _____
CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
Fone:( ) _____ Data: ___/___/___ Assinatura: _____

LIGUE JÁ
Fone: (011) 263-1522
Fax: (011) 62-7608

Possuímos mais de 50 títulos
Solicite catálogo grátis

MPO VIDEO

DÓLAR COMERCIAL DO DIA DO PAGAMENTO - TAMBÉM NAS MELHORES REVENDAS - INFORMAÇÕES (011) 263-1522

Garagem

Mais espaço para a *Garagem*! Eis aí. Escrevam: BIZZ, a/c Gabriela Dias, av. Nações Unidas, 5.777, São Paulo/SP, 05479-900.

Elza Cohen (sétima da esq. pra dir.) **e cambada comemoram um Superdemo**

E PRA QUEM PENSAVA QUE NÃO HAVIA NADA DE NOVO...

Há cinco anos, Elza Cohen percebeu que nada de novo estava aparecendo. Não estava mesmo ou só não havia espaço para o novo aparecer? Elza logo achou a resposta: produzindo shows, ela se deu conta de que o problema era espaço. Havia bandas de sobra, que começaram a mandar "montes de demos" para a "produtora" ouvir.

Foi então que ela bolou o **Superdemo**: mini-festivais alternativos com quatro a cinco shows, feira de zines + demos e muito bate-papo. "O evento cresceu tanto que atraiu até presidentes de grandes gravadoras."

Elza é uma apaixonada: "Ouço muita demo. No rádio não tem nada pra escutar". Fotografa tudo, faz compilações em vídeo. Em 93, "revelou" **Little Quail** e **Os Raimundos**. Para 94, quer produzir um programa de TV com clips e jornalismo, além de lançar um CD, o *Ao Vivo No Superdemo*. A moça está precisando de patrocinadores. Escrevam: Rua Venceslau Brás, 18/302, Rio de Janeiro/RJ, 22290-140. Fone (021) 541-2577.

MANTRA CORRE POR FORA NO CIRCUITO INDEPENDENTE

Mantra: guardem esse nome. Com apenas duas demos, a banda – formada em maio de 93 pelos irmãos Paulo (vocal e guitarra) e Fábio Nascimento (baixo) – já está na mira das gravadoras. A história: os irmãos moraram dezesseis anos no exterior. Lá conheceram Chris (guitarra), que veio pro Brasil com eles pra montar o Mantra (com Toni como baterista). As músicas da primeira demo ("Tell Us Something" e "Spinning") dão uma boa idéia do som deles: um cruzamento bem-feito de Minisury com

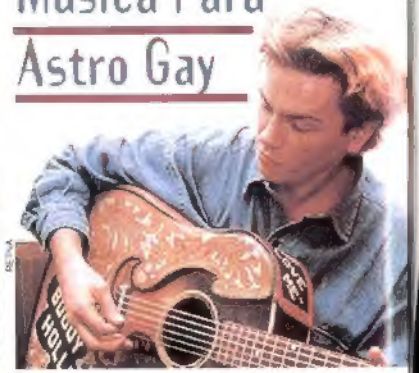
Mantra: visual brega, mas com um som pesadão

Megadeth. A segunda, mais "recheada", deve ser a base pro disco que eles querem lançar. Escreva: Alameda Robalo, 358 / res. 11, Alphaville, Barueri/SP, tel.: (011) 723 3561.

ZINES

PUNCH (*nº2, jan/fev 94, tabloide, 16 págs., papel jornal, CR$ 300 + 3 selos*)
Boas matérias e entrevistas, extensa divulgação de zines e demos. Inhumanoids, Piu Piu E Sua Banda, Sonic Youth, HQs. Vai se fundir com o *Hauuzc*, um outro zine. Peça: é o último número: Caixa Postal 28517, Rio de Janeiro/RJ, 21832-970, Brasil.

Rappers Fazem Música Para Astro Gay



River morreu antes de ouvir a homenagem

O trio inglês de rap Honky, cujo estilo lembra o De La Soul, homenageia o frangão River Phoenix, morto no ano passado devido a excesso de drogas. A música é "Private Idaho", mesmo nome do filme em que Phoenix interpretou um garoto de programa. Pena que River embarcou antes de conferir a homenagem. Outra boa música do trio é "The Whistler", que espertamente sampleia "The Tracks Of My Tears", sucesso do *soulman* americano Smokey Robinson.

O FIM DA COLUNAS

A gente passou quatro edições pra descobrir a América: reggae e rap são importantes demais para ficarem presos apenas a colunas. Nada de guetos! Daqui pra frente, todo mundo igual na sala de visitas do ShowBizz.

Brasília embarca no rap'n'roll

Gog vem com seu rap armado de samples do Pantera e letras contra o racismo

A exemplo da trilha do filme Judgment Night, que junta roqueiros ao lado de rappers como Run DMC e Cypress Hill, Brasília também aderiu ao rap'n'roll. Cerca de cinqüenta bandas, a maioria saída das populosas, pobres e desorganizadas cidades-satélite, pegam pesado nas letras e tocam acompanhadas por baixo/guitarra/bateria.

O principal destaque do movimento é o quinteto **Câmbio Negro**. Formada em 90, a dupla Jamaica (scratches) e X (vocais e letras) conta com ajuda de músicos de bandas thrash nos shows. "Com a banda a gente tem mais espaço pra divulgar o hip-hop sem perder as raízes", acredita X.

Outro seguidor do rap'n'roll é o rapper **Gog**. O disco Vamos Apagá-los... Com Nosso Raciocínio (distribuído pelo selo Vitrine Paulista, fone 011/256-3573) tem samples de "This Love" (Pantera) e até do próprio Câmbio Negro, passando por uma reportagem de TV sobre chacinas nos subúrbios. Em "Disque Gang", o rapper critica os engraçadinhos que usaram o serviço telefônico de mesmo nome para denunciar grupos de rap como criminosos.

A mistura não pára por aí. Animados com o casamento, os roqueiros procuram mais e mais a colaboração dos rappers em seus discos. O DJ Jamaica faz scratches em "Mulheres", faixa do primeiro disco do hardcore **D.F.C.** O ex-Detrito Federal Alex Podrão, hoje no thrash Bab-H, tem um projeto na linha do Body Count: o nome é **Ricochete**. Este ano devem sair outros nomes como **Código Penal**, **Dino Black** (cuja música de trabalho, "Porcos Malditos" conta como foi perseguido pelos policiais só pelo fato de ser negro), além do novo disco do Câmbio Negro.

A balada "Creep" transformou o Radiohead em queridinho das rádios americanas

RADIOHEAD: "Nirvaninha" nas paradas

"A nossa trajetória é parecida com a do Nirvana, só que no caminho inverso", contou à BIZZ o baterista do **Radiohead**, Phill Selway. Assim como o Nirvana precisou da Inglaterra para encontrar a fama, o Radiohead, desprezado em Londres, teve de descobrir a América primeiro para chamar a atenção. *Pablo Honey*, álbum de estréia do grupo, vendeu setecentas mil cópias só nos Estados Unidos. O disco veio puxado pelo single "Creep", lançado na Inglaterra no começo de 92. Ninguém notou. "Só que um cara de São Francisco meteu a música no ar e ela pegou por lá. Quando fomos fazer uma pequena turnê nos EUA todo mundo conhecia 'Creep'", lembrou Phill. O Radiohead já está com 25 músicas prontas para entrar em estúdio agora no final de março e gravar o sucessor de *Pablo Honey*. Com medo de ficar marcada como banda de um sucesso só. "Já chegamos a pensar nisso, mas desencanamos. Tanto em *Pablo Honey* quanto no disco que vamos gravar, há várias músicas tão boas e melhores que 'Creep'".

EXCLUSIVO

Encontrada a solução do caso Michael Jackson:

"Fez mal, tem que casar". Com essa máxima, nossos avós já teriam resolvido a questão.

SECOND COME DÁ MAIS UMA

O vocalista Fábio (com fone) e o produtor Dado Villa Lobos fazendo os sons do Second

O pessoal do **Second Come** terminou as gravações de seu segundo disco, chamado Record. A produção ficou nas mãos de Dado Villa Lobos, da Legião Urbana e capo do selo Rock It!, que lança os discos do Second Come. O grupo ousou mais no álbum, colocando samples e fazendo outras experiências. "O som está melhor porque tivemos mais tranqüilidade pra trabalhar", diz o vocal Fábio Leopoldino.

Entre as faixas prediletas de Fábio estão "'My Cancer", que fala da doença na cabeça das pessoas, "Little Friend", onde ele lembra de amigos invisíveis da infância, e "Air Head", uma brincadeira com bandas que abusam do som pesado. Record, que deve chegar às lojas nos próximos dias, vai ter dezessete faixas e o CD pode ter como bônus uma versão diferente de "It's Wrong", de You, primeiro disco da banda.

A Volta do Rock Progressivo

O baixista Willy lança CD com o Humahuaca

O rock progressivo brasileiro viveu grandes momentos nos shows do grupo Humahuaca, que nos anos 70 envolvia os mais aficionados pelo gênero em apresentações memoráveis. Com o lançamento internacional pela Record Runner, o CD de **Willy Verdaguer e Humahuaca** chega às lojas este mês e, embora não tenha sido gravado com a formação original do grupo, é um registro valioso de um dos melhores trabalhos instrumentais da época.

OUÇA ESSA

"Só aceitei o convite porque disseram que eu ia comer um monte de mulher"
(*Ricardo Horn, novo guitarrista dos Engenheiros*)

"O mix de 'Give It Away', dos Chili Peppers, foi feito por uma galinha. Nós a colocamos na mesa de som e mexíamos apenas nos botões em que ela cagasse"
(*Al Jorgensen, do Ministry*)

"A indigência das letras baianas é digna dos murais da Pestalozzi"
(*Aldir Blanc*)

"Neurônio de roqueiro é que nem mãe: só tem um"
(*Bussunda*)

Latidos que incomodam

Divulgação

O boca suja Snoop Doggy Dogg continua irritando muita gente

Está declarada a guerra ao gangsta rap. O estilo "chulapa" do hip hop, que tem em **Snoop Doggy Dogg** seu maior ídolo (o cara vendeu milhões de cópias com o disco Doggystyle), está sendo deixado de lado por algumas rádios americanas.

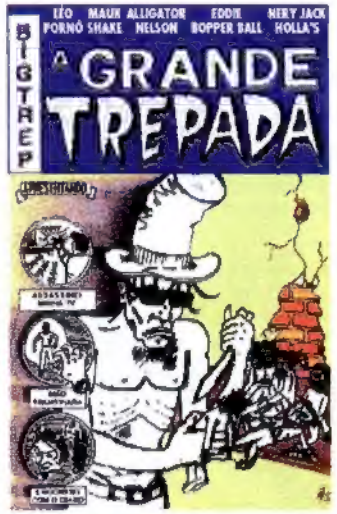
A KACE, emissora de Los Angeles, e a WBLS, de Nova York, se recusam a tocar Snoop e outros seguidores do gangsta. O diretor da WBLS é ainda mais radical: bate o telefone na cara de quem tocar no nome do rapper. Porém, a decisão não é unânime: "Gin And Juice", seu mais novo remix, está indo bem na programação de algumas FMs por lá.

Isso não é tudo. O rapper, que enfrenta processos de assassinato e estupro, foi expulso de um hotel em Londres, Inglaterra, assim que descobriram que era ele o autor de "What's My Name". No final do mês passado pintou mais um problema: um garoto americano de três anos matou a irmã a tiros e depois disse que estava imitando o Snoop.

Em sua defesa, Snoop Doggy Dogg, de apenas 22 anos, diz que sua música não traz violência e nem tampouco insulta as mulheres (tratadas como bitches, ou seja, piranhas). "Antes do rap surgir, já existia violência. Se eu fosse branco nessa mesma situação, não iria haver tanto drama", declarou.

Preocupados, os rappers menos radicais também pensam em dar um jeito na turma do gangsta. Em Nova York foi lançada a campanha Rap It Up! Positive Rap 94 para incentivar o rap de mensagens positivas. Será feito um concurso entre os jovens, que deverão fazer letras baseadas em mandamentos da Bíblia. Os cinco finalistas da competição irão participar do programa de televisão Talent Showdown, que será apresentado em maio nos Estados Unidos.

a trepada salvadora dos topetudos cariocas



"Infelizmente, o rockabilly é um ritmo jurássico para a maioria das pessoas: não tem emissora nem casa noturna tocando", desabafa Mauk Shake, guitarrista da banda carioca **Grande Trepada** (carinhosamente conhecida como **Big Trep**). Os topetudos cariocas esperam melhorar a situação do ritmo com o álbum *Rockabilly Voodoo*, que saiu pelo selo Polvo *(veja capa ao lado)*.

Além de Mauk Shake, a Big Trep é formada por Eddie Bopper (baixo), Alligator Nelson (ex-Kongo, guitarra), Fábio (bateria, que entrou no lugar de Nery Jack Hellás) e Léo Pornô (vocais). Com um instrumental de alta qualidade e letras em português, o grupo, que está fazendo fama com o bom rock dos anos 50, aposta em diversas tendências musicais em seu CD de trinta músicas (28 da demo gravada em 28 canais, mais as inéditas "À Meia-Noite Levarei Sua Alma" e "A Morte Caminha Ao Seu Lado"). "Não seguimos apenas um estilo. Misturamos punk, psycho, rockabilly e até surf rock, como em 'Surf Drácula'", garante Bopper.

Rapidinhas

- O **Megadeth** entrou em estúdio para preparar seu novo disco. Curiosidade: os caras estão compondo as músicas momentos antes de gravar.
- Ele não desiste... **Peter Criss**, ex-baterista do **Kiss**, lançou o EP Criss. Se você está pensando que ele regravou "Beth", música de seus tempos de mascarado, acertou.
- Jar Of Flies, novo disco do **Alice In Chains**, batendo recordes: foi o primeiro EP da história a entrar em primeiro lugar na parada americana.
- Chama-se **Grip** a nova banda de **Dave Lombardo**, ex-baterista do Slayer. O disco deve sair ainda no primeiro semestre de 94.
- O vocalista **Ray Gillen**, que cantou com o Black Sabbath e Badlands (banda de Jake E. Lee, ex-Ozzy) foi encontrado morto em seu apartamento). A causa mortis ainda é desconhecida.

MIX

O balanço da mídia

ZZ Top encapado

Teve gente que reclamou ao dar com o **ZZ Top** na capa da BIZZ de janeiro. Tínhamos bons motivos: o contrato de trinta milhões de dólares do trio texano e uma entrevista exclusiva com o baixista Dusty Hill. Assim, acabamos saindo na frente de muitas coleguinhas lá de fora, como a *Pulse!* (de fevereiro) e a *Guitar World* (de março), entre outras, que também zizitopearam na capa

Adeus a Zappa

A *Musician* de fevereiro fez reportagem de capa para dar adeus a um dos maiores compositores do nosso tempo. O magazine americano colheu depoimentos de vários músicos que passaram pela escola Z, e artistas como Matt Groening (o criador dos Simpsons) e Cal Schenkel (capista de vários discos do mestre). Mas foi Don Rose, presidente da Rykodisc, quem talvez tenha melhor expressado o sentimento de perda. Disse ele: "Este país não dá valor a um artista até que ele morra ou se mude para a França. Infelizmente, acho que a herança de Frank irá tomar muito mais vulto a partir de agora. Isso me deixa indignado. Há tanta riqueza e gênio em sua música. Ele vai fazer falta."

O rei se foi, mas não foi esquecido

Com a chamada "Seitas, Drogas e Rock'N'Roll", a *Rolling Stone* de 24 de fevereiro veio de **Bob Marley** na capa, festejando sua entrada para o Rock'N'Roll Hall Of Fame. Uma honra mais que merecida. Com suas canções libertárias, Marley (que continua vendendo um milhão de discos por ano) mudou a história da música jamaicana e mostrou o reggae ao mundo. É outro gênio que faz falta.

Além do pop

A inglêsa *Classic CD* é uma das melhores revistas de música clássica que rola nas bancas. Toda edição é acompanhada por um CD com faixas extraídas dos mais recentes lançamentos do mercado britânico.

E cada faixa é comentada em suas páginas de modo acessível e palatável. A edição de janeiro *(foto)* traz na capa a violinista **Anne-Sophie Mutter**, que gravou seu primeiro disco aos 6 anos e foi a primeira solista a se apresentar de vestido decotado.

Lulu Dance

O jornal O *Globo* saiu na frente e adiantou o clima do novo disco do guitarrista **Lulu Santos**. É um disco puxado para a dance music, com a colaboração do DJ Marcelo "Memê" Mansur, um mestre das pistas do Rio de Janeiro.

Fora do ar

Três boas revistas inglesas deixaram de ser publicadas: *Rock CD*, *Soul CD* e *Metal CD*. Todas traziam um CD de presente, com o melhor de cada gênero. *Lu Gomes*

melhores de 93 prêmio BIZZ

"Os Indicados"

O Brasil escolhe e a gente faz a festa. É a arrancada final do Melhores do Ano BIZZ, o mais tradicional e legítimo prêmio da música pop no país. Não tem armação: o que vale são os votos do público, que já inundam as mesas da redação a bordo de mais de 10 mil cédulas respondidas!Desde que foi criado em 85, o Prêmio BIZZ aponta os destaques da música nacional e internacional em diversas categorias. A exemplo de onze entre dez prêmios no mundo da arte e da cultura, o Melhores do Ano BIZZ costuma gerar comemorações na mesma medida em que cria polêmicas - e este ano não deve ser diferente. Em abril, além de publicar o resultado final, a BIZZ engrossa o caldo com os votos da crítica (que não entram na conta) e faz uma grande festa no Rio, com a presença de artistas, gravadoras, empresários, jornalistas, disc-jockeys, divulgadores, traficantes de informação e alguns penetras de luxo. Por enquanto, os computadores só têm chip e fôlego pra adiantar os indicados em cada categoria. Aos que votaram, parabéns: vocês acabam de assinar o nome na história. Aí estão os mais votados!

Nacional

Internacional

GRUPO

- TITÃS
- SEPULTURA
- LEGIÃO URBANA

O que deu em...
85: Ultraje A Rigor
86: Legião Urbana
87: Titãs
88: Titãs
89: Titãs
90: Legião Urbana
91: Legião Urbana
92: Sepultura

- U2
- AEROSMITH
- METALLICA

O que deu em...
85: U2
86: The Cure
87: U2
88: U2
89: U2
90: Pixies
91: Guns N'Roses
92: Red Hot Chili Peppers

Steven Tyler (Aerosmith)

DISCO

- *GABRIEL, O PENSADOR* (GABRIEL)
- *CHAOS AD* (SEPULTURA)
- *TITANOMAQUIA* (TITÃS)

O que deu em...
85: *Nós Vamos Invadir Sua Praia* (Ultraje A Rigor)
86: *Dois* (Legião Urbana)
87: *Jesus Não Tem Dentes No País...* (Titãs)
88: *Go Back* (Titãs)
89: *Ô Blésq Blom* (Titãs)
90: *O Papa É Pop* (Engenheiros Do Hawaii)
91: *V* (Legião Urbana)
92: *Supermercados da Vida* (Barão Vermelho)

Titanomaquia (Titãs)

- *A REAL LIVE ONE* (IRON MAIDEN)
- *ZOOROPA* (U2)
- *GET A GRIP* (AEROSMITH)

O que deu em...
85: *Like A Virgin* (Madonna)
86: *Bring On The Night* (Sting)
87: *The Joshua Tree* (U2)
88: *Rattle And Hum* (U2)
89: *Lies* (Guns N'Roses)
90: *No Prayer For The Dying* (Iron Maiden)
91: *Use Your Illusion II* (Guns N'Roses)
92: *Bloodsugarsexmagik* (Red Hot Chili Peppers)

A Real Live One (Iron Maiden)

MÚSICA

- "TERRITORY" (SEPULTURA)
- "RETRATO DE UM PLAYBOY" (GABRIEL, O PENSADOR)
- "PERFEIÇÃO" (LEGIÃO URBANA)

O que deu em...
85: "Será" (Legião Urbana)
86: "Alvorada Voraz" (APM)
87: "Que País É Este" (Legião Urbana)
88: "Faroeste Caboclo" (Legião Urbana)
89: "Flores" (Titãs)
90: "Pais E Filhos (Legião Urbana)
91: "Teatro Dos Vampiros" (Legião Urbana)
92: "Vanco Ventania" (Biquini Cavadão)

Legião Urbana

- "LEMON" (U2)
- "WHAT'S UP" (4 NON BLONDES)
- "LIVING IN THE EDGE" (AEROSMITH)

O que deu em...
85: "Pride (In The Name Of Love)" (U2)
86: Take On Me (A-Ha)
87: "With Or Without You" (U2)
88: "Desire" (U2)
89: "Patience"(Guns N'Roses)
90: "Knockin' On Heaven's Door" (Guns N'Roses)
91: "Losing My Religion" (R.E.M.)
92: "Smells Like Teen Spirit" (Nirvana)

Linda Perry (4 Non Blondes)

REVELAÇÃO

- LITTLE QUAIL AND THE MAD BIRDS
- GABRIEL, O PENSADOR
- RAIMUNDOS

O que deu em...
85: Biquini Cavadão
86: Violeta De Outono
87: Fausto Fawcett
88: Ed Motta
89: Uns E Outros
90: Fernanda Abreu
91: Cidade Negra
92: Yo-Ho-Delic

Os Raimundos

- SPIN DOCTORS
- RAGE AGAINST THE MACHINE
- 4 NON BLONDES

O que deu em...
85: Katrina And The Waves
86: Sigue Sigue Sputnik
87: Suzanne Vega
88: Tracy Chapman
89: Information Society
90: Faith No More
91: Extreme
92: Nirvana

Chris Barron (Spin Doctors)

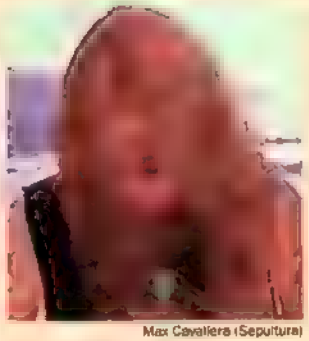
Nacional

Internacional

VOCALISTA

- MAX CAVALLERA (SEPULTURA)
- GABRIEL, O PENSADOR
- RENATO RUSSO (LEGIÃO URBANA)

O que deu em...
85: Paulo Ricardo
86: Renato Russo
87: Renato Russo
88: Renato Russo
89: Renato Russo
90: Humberto Gessinger
91: Renato Russo
92: Max Cavallera



Max Cavallera (Sepultura)

- EDDIE VEDDER (PEARL JAM)
- BONO VOX (U2)
- LAYNE STALEY (ALICE IN CHAINS)

O que deu em...
85: Bono Vox (U2)
86: Sting
87: Bono Vox
88: Bono Vox
89: Axl Rose (Guns N'Roses)
90: Axl Rose
91: Axl Rose
92: Anthony Kiedis (Red Hot Chili Peppers)

Bono Vox (U2)

INSTRUMENTISTA

- CARLINHOS BROWN
- IGOR CAVALLERA (SEPULTURA)
- CHARLES GAVIN (TITÃS)

O que deu em...
85: Luiz Schiavon (teclados, RPM)
86: Luiz Schiavon
87: Edgard Scandurra (Ira!)
88: João Fera (teclados, Paralamas), Edgard Scandurra (guitarra, Ira!), Nando Reis (baixo, Titãs), João Barone (bateria, Paralamas)
89: Toni Bellotto (guitarra, Titãs), Nando Reis (baixo, Titãs), Charles Gavin (bateria, Titãs), Sérgio Britto (teclados, Titãs)
90: Augusto Licks (guitarra, Engenheiros Do Hawaii), Humberto Gessinger (baixo, Engenheiros Do Hawaii), Carlos Maltz (bateria, Engenheiros Do Hawaii)
92: Andreas Kisser (guitarra, Sepultura)

Carlinhos Brown

- FLEA (RED HOT C. PEPPERS)
- LARS ULRICH (METALLICA)
- SLASH (GUNS N'ROSES)

O que deu em...
85: Mark Knopfler (guitarra, Dire [illegible])
86: Johnny Marr (guitarra, The Smiths)
87: John Taylor (baixo, Duran Duran)
88: The Edge (guitarra, U2), Adam Clayton (baixo, U2), Larry Mullen (bateria, U2), Gilian Gilbert (teclado, New Order)
89: Slash (guitarra, Guns N'Roses), Adam Clayton (baixo, U2), Larry Mullen (bateria, U2), Chris Lowe (teclados, Pet Shop Boys)
90: Slash (guitarra, Guns N'Roses), Duff McKagan (baixo, Guns N'Roses) Steven Adler (bateria, Guns N'Roses), Martin Gore (teclados, Depeche Mode)
92: Lars Ulrich (bateria, Metallica)

SHOW

- JORGE BEN JOR E TIM MAIA
- VIPER
- TITÃS

O que deu em...
85: RPM
86: RPM
87: Sting
88: Titãs
89: Titãs
90: Legião Urbana
91: Engenheiros Do Hawaii
92: Sepultura

Ben Jor e Tim Maia

- METALLICA
- RED HOT CHILI PEPPERS
- MADONNA

O que deu em...
88: New Order
89: A-Ha
90: Bon Jovi
91: Fish No More
92: Ramones

Lars Ulrich e James Hetfield (Metallica)

Nacional

Internacional

CAPA

- GABRIEL, O PENSADOR (GABRIEL)
- TITANOMAQUIA (TITÃS)
- CHAOS A.D. (SEPULTURA)

O que deu em...
87: *Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas* (Titãs)
89: Ó Blesq Blom (Titãs)
90: *O Papa É Pop* (Engenheiros Do Hawaii)
91: *Arise* (Sepultura)
92: *Supermercados Da Vida* (Barão Vermelho)

Capa do Gabriel

- *GET A GRIP* (AEROSMITH)
- *VS.* (PEARL JAM)
- ZOOROPA (U2)

O que deu em...
85: *A Momentary Lapse Of Reason* (Pink Floyd)
89: *A Delicate Sound Of Thunder* (Pink Floyd)
90: *Violator* (Depeche Mode)
91: *Metallica*
92: *Nevermind* (Nirvana)

Vs., do Pearl Jam

CLIP

- "SERÁ QUE É ISSO QUE EU NECESSITO" (TITÃS)
- "TERRITORY" (SEPULTURA)
- "PERFEIÇÃO" (LEGIÃO URBANA)

O que deu em...
85: "Rádio Pirata" (RPM)
86: "Tempo Perdido" (Legião Urbana)
87: "Lugar Nenhum" (Titãs)
90: "Deus E O Diabo" (Titãs)
91 "Orgasmatron" (Sepultura)
92: "Brazil Banana Samba" (Yo-Ho-Delic)

Cena de "Territory" clip do Sepultura

- "SAD BUT TRUE" (METALLICA)
- "RAIN" (MADONNA)
- "LIVING IN THE EDGE" (AEROSMITH)
- "LEMON" (U2)

O que deu em...
84: "Take On Me" (A-Ha)
87: Hunting High And Low (A-Ha)
90: "Blaze Of Glory" (Bon Jovi)
91: "You Could Be Mine" (Guns N'Roses)
92: "November Rain" (Guns N'Roses)

Cena de "Rain", clip de Madonna

LETRISTA

- CAETANO VELOSO
- RENATO RUSSO (LEGIÃO URBANA)
- GABRIEL, O PENSADOR

Renato Russo (Legião)

Gabriel, O Pensador

O que deu em...
87: Renato Russo (Legião Urbana)
88: Cazuza
89: Renato Russo
90: Humberto Gessinger (Engenheiros Do Hawaii)
91 Renato Russo
92: Humberto Gessinger

Caetano Veloso

prêmio BIZZ 93

Nota nem todas as categorias entraram na votação em todos os anos, daí alguns resultados do "O que deu em..." estarem aparentemente incompletos; já os três indicados em cada categoria não estão necessariamente na ordem em que foram votados.

MÚSICA E QUADRINHOS, UMA VELHA HISTÓRIA

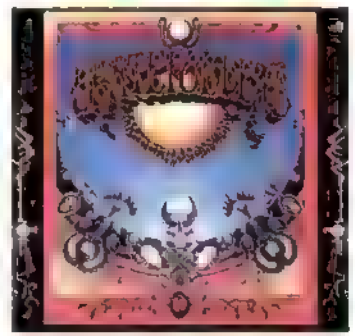
HQ e rock/pop têm um caso há muito tempo: desenhos invadem capas e encartes de discos sem pedir licença e superstars da música se inspiram em *comics* ou viram personagens de revistas. Um troca-troca que não está no gibi...

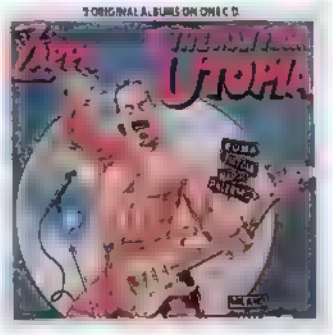
Artistas e personagens dos dois campos se misturam em trabalhos conjuntos, trocam homenagens e se divertem com tietagem pura e simples. Bons exemplos: Neil Gaiman, escritor de *Sandman* (a mais famosa história-em-quadrinhos para adultos do momento), está trabalhando em um projeto com Alice Cooper; a música "I'm The Law", do Anthrax, é uma homenagem ao personagem inglês Judge Dredd (no Brasil, Juiz Dredd), a maioria das bandas de Seattle vivem declarando serem fissuradas pelos quadrinhos da editora Fantagraphics (também de Seattle), a "Sub Pop" da HQ americana

Mas não pára por aí. Há quadrinistas cujo *hobby* é tocar (Simon Bisley, desenhista do Lobo, um personagem já publicado no Brasil, é baterista de heavy metal), além de músicos que são fãs declarados de quadrinhos (Frank Zappa teve muitas capas feitas por artistas famosos, como o italiano Liberatore, aquele do *Runxerox*) e até quadrinistas-músicos como o brasileiro Marcatti e o americano Robert Crumb, que tocam blues do Mississippi e fazem quadrinhos underground. O americano David Mazzuchelli se apresentou numa *jam session* da II Bienal de quadrinhos do Rio e é baixista de um grupo progressivo experimental.

E há também o novo filão para os *comics*: as biografias de astros do rock. Para 94, por exemplo, está previsto o lançamento de uma sobre Jimi Hendrix (*The Story Of Jimi Hendrix*), desenhada pelo americano Bill Sienkiewicz, aquele que fez *Elektra Assassina*, *Fúria Interior* (de Wolverine) e o politizado *Brought To Light* (de Alan Moore).

Nada como viajar nas inúmeras relações entre música e HQ. Ponha os óculos e passeie nesta página e nas seguintes para entender o que mil palavras jamais explicariam. *Gabriela Dias*





À esquerda, encarte do álbum *Gloryhallastoopid – Or Pin The Tale On The Funky* (Parliament), creditado a um tal de Gribbitt. No alto, ilustrações em *Rocket To Russia* (Ramones), de John Holmstrom, e em *Sandinista!* (The Clash), de Steve Bell. À direita, quatro capas de feras em HQ: Robert Crumb (*Cheap Thrills*, de Janis Joplin), Rick Griffin (*Aoxomoxoa*, do Grateful Dead), Charles Burns (*Brick By Brick*, de Iggy Pop) e Liberatore (*The Man From Utopia*, de Frank Zappa)

Influências de HQ em capas de discos: Betty Boo *(ao lado*, de George Miller) e Gang Of Four *(abaixo*, do vocalista Jon King e do guitarrista Andy Gill) – *veja à direita o quadro, Música Também Desenho. No outro página*, o disco-tributo de Jan And Dean à outra "dupla dinâmica" e dois grupos que viraram personagens de quadrinhos: os Ratos De Porão (de Marcatti) e o Kiss (Victor Stabin, Mark Samuels & Jose Rivero)

O QUE É QUE HÁ, VELHINHO?

Histórias-em-quadrinhos e rock/pop têm ao menos uma coisa em comum, sempre tidos como "gêneros menores" de arte, aos poucos foram adquirindo respeitabilidade, seja pela sofisticação de formas e temas, ou pela diversidade de estilos nesses tipos de expressão.

Mas não só nas capas de discos ou nos argumentos dos *comics* suas estradas se cruzam. Basta ver as bandas que tiveram suas próprias histórias-em-quadrinhos, desde The Archies até Ratos De Porão, passando pelo Kiss.

Ou os personagens de HQ que foram temas de canções para Duanne Eddy ("Popeye, The Hitchhiker"), Donovan ("Sunshine Superman"), Black Sabbath ("Iron Man"), Ramones ("Sheena Is A Punk Rocker"), Bob Dylan ("Jokerman"), Screaming Blue Messiahs ("I Wanna Be A Flintstone"), Spin Doctors ("Jimmy Olsen's Blues") etc.

Fora o lado nacional, que se rendeu aos *comics* em hits da Jovem Guarda ("Lobo Mau", "Festa Do Bolinha", "Gasparzinho"...), além de músicas mais recentes de Gilberto Gil ("Superhomem, A Canção"), Ataualpha Y Us Panqui ("Rê-Rê-Rê-Rê", com um sampler da risada do Pica-Pau) e Devotos De Nossa Senhora Aparecida ("Gibis, Ramones & Motörhead"). Certos grupos basearam a própria imagem numa estética derivada dos *comics* – além dos citados The Archies e Kiss, há muitos outros: 10cc, The Tubes, The B-52's, Devo, The Cramps, The Plasmatics, Gwar, Green Jellÿ...

Os filmes estrelados por "astros dos quadrinhos" deram outra forma para essa aproximação, com trilhas assinadas por Queen (*Flash Gordon*), Danny Elfman (*Dick Tracy, Batman*), Madonna (*Dick Tracy*) e Prince (*Batman*). CELSO PUCCI

DESENHOS ANIMADOS

Como legítimos herdeiros televisivos e cinematográficos dos quadrinhos, os desenhos animados se apropriaram sem cerimônias do rock/pop. OK, mesmo quem não é do tempo dos *Archies* dos *Impossíveis*, do *Jackson 5* ou de Josie And The Pussycats, passou tardes em frente à TV assistindo às travessuras musicais de seus inúmeros descendentes. Essa permuta continua até hoje – vide as aparições de astros pop nos *Simpsons* (Ramones, Aerosmith...) ou a sensação causada por Beavis & Butt-Head, cuja "podreira" incorpora o espírito anárquico do rock'n'roll. Mesmo os clips adotaram recursos de animação – vide "Take On Me" (A-Ha), "Pleasure Of Live" (Tom Tom Club), "Harlem Shuffle" (Rolling Stones), "Drug Against War" (KMFDM) e até mesmo o nacional "Brazil Banana Samba" (Yo-Ho-Delic).

No cinema as coisas não são diferentes: há desde o clássico beatlemaníaco *Yellow Submarine* (68, de George Dunning), até *Fritz, The Cat* e *American Pop* (de 72 e 81, ambos de Ralph Bakshi), *Rock'N Rule* (83, de Clive A. Smith) e as sequências de animação de *The Wall* (82, de Alan Parker), do desenhista Gerald Scarfe. C.P.

Homem-Fluido, Coil (O Homem-Mola) e Multi-Homem, ou Os *Impossíveis* (à esq.). *Jam* de Patinho Duck, Leão Da Montanha, Zé Colmeia e Catatau *(abaixo)*. Os Ramones e Hommer *(à dir.)*

Crash! Bang! Pow!

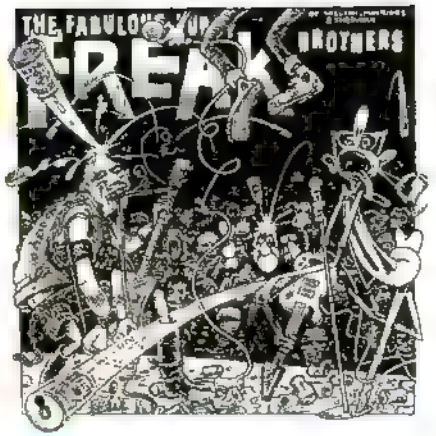
Onomatopéias fazem parte da tradição da HQ – e também do rock'n'roll. Vide o "Wop-Bop-A-Lula-Be-Bop-Bam-Boom", celebrizado por Little Richard em "Tutti Frutti". Abaixo, dez grupos com nomes onomatopaicos:

NOMES INSPIRADOS EM QUADRINHOS

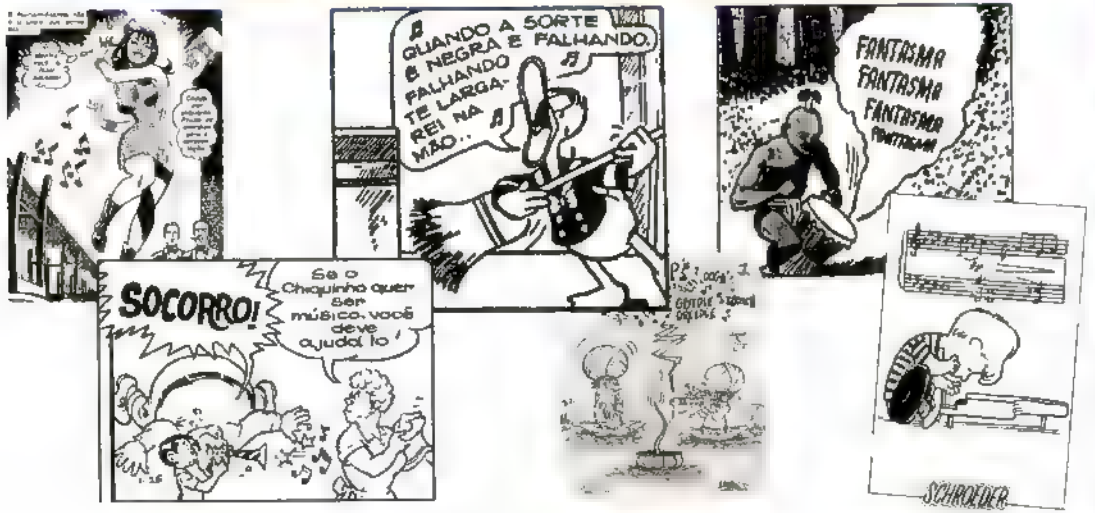
- **Betty Boo** (de Betty Boop, personagem criada nos anos 30 pelo desenhista Max Fleischer)
- **Captain America** (primeiro nome da banda Eugenius)
- **Donald "Duck" Dunn** (baixista do Booker T. & The MG's)
- **Klark Kent** (de Clark Kent, a identidade secreta do Superhomem, que batizou o grupo do baterista Stewart Copeland, antes do Police)
- **Mickey Junkies**
- **Microdisney**
- **Que Fim Levou Robin?**
- **Snoop Doggy Dog** (seria baseado no cachorro Snoppy?)
- **Spy Vs. Spy**
- **Tom & Jerry** (primeiro nome da dupla Simon And Garfunkel)

O REVERSO DA MOEDA

(OU QUANDO O SOM INVADE OS QUADRINHOS)



A o lado, o trio hippie Freak Brothers, de Gilbert Shelton, num show punk. Abaixo, o gato Fritz e comparsas (de Robert Crumb) tenta impressionar as gatinhas e uma versão HQ para o clássico tema de Jimi Hendrix. No pé da página *(a partir da esquerda)*, Mary Jane quer tirar Gwen Stacy da cabeça do enrolado Peter Parker (Homem-Aranha, de Stan Lee, safra 72), a turma do matuto Ferdinando (de Lil Abner) com a boca no trombone, o Pato Donald (de Walt Disney) solta a franga, os flautistas malucos (de Don Martin), a mensagem ao "espírito-que-anda" (Lee Falk anos 50) e a virtuose da turma de Charlie Brown (de Charles M. Schulz)



Lançamento Exclusivo

Stomp overprint

ESTAMPA TOTAL (OVR)
DESENHO FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

OVR-1 OVR-2 OVR-3 OVR-4 OVR-5 OVR-6 OVR-7 OVR-8 OVR-9 OVR-10

CAMISETA ESPECIAL (TE)
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA

TE41 TE40 TE39 TE38 TE37 TE36 TE35 TE34 TE33 TE32 TE31 TE30 TE29 TE28 TE27 TE26 TE23 TE22 TE20 TE17 TE15 TE12

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)

M82 M81 M60 M58 M56 M56 M53 M51 M50 649 639 640 634 629 628 616 602 575 561 $10

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE (011) 299 7478

Stomp Rock Wear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P,M,G

PREÇOS
MANGA CURTA (MC) - CR$ 11.200,00
MANGA LONGA (ML) - CR$ 13.600,00
CAM. ESP. (TE) - CR$ 14.200,00
CAM. OVERPRINT (OVR) - CR$ 18.200,00

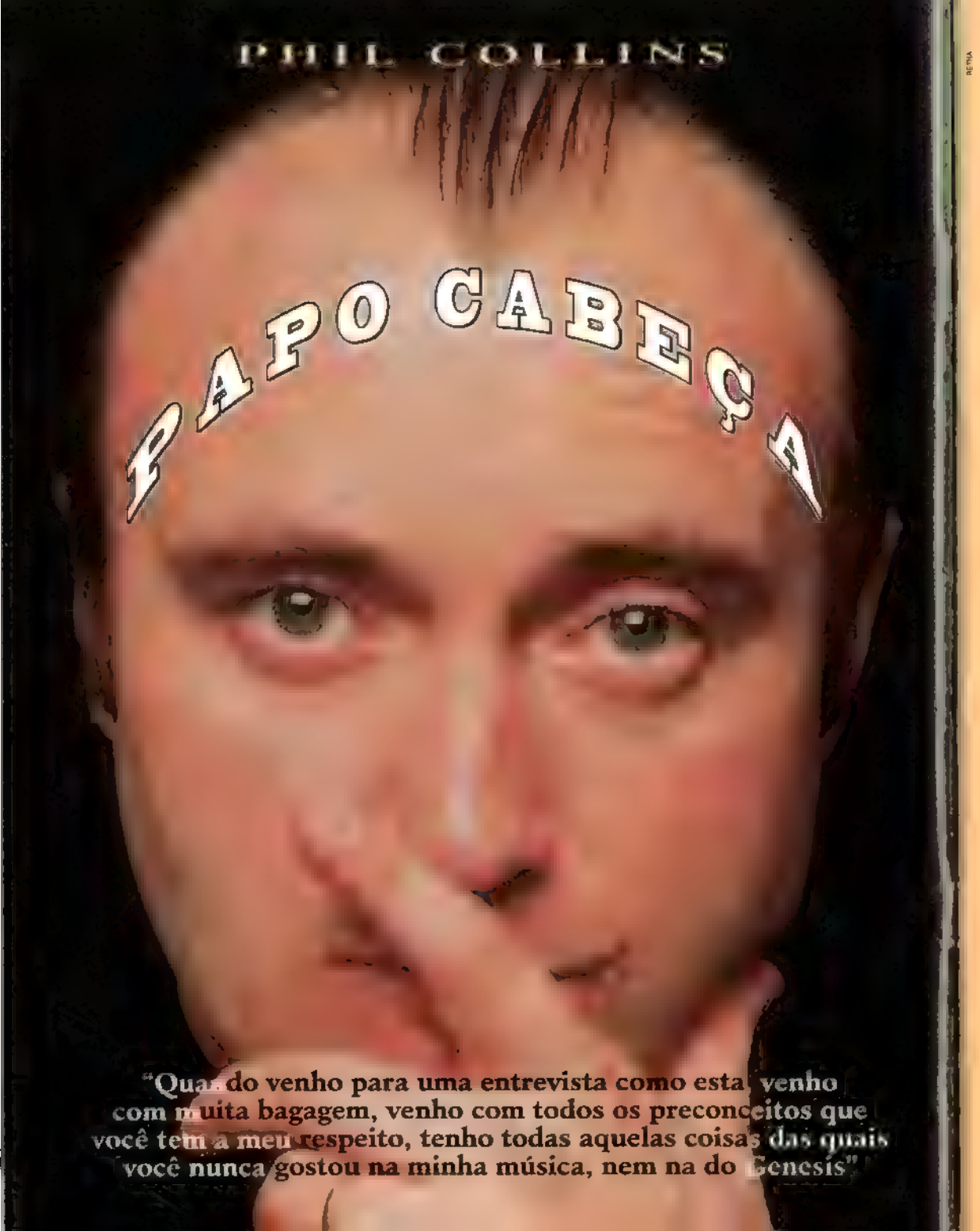
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31.03.94
De 01.04.94 a 15.04.94 aumento de 20%

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/:
STAMP- RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 - SÃO PAULO - SP.

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.



No mundo das FMs com locutores-malas, Escort novinho que passa com aquele "tss-tss-tss" dos agudos, do shopping center de bairro, do cara que lava o seu carro no sábado à tarde em frente ao portão, Phil Collins é um semideus, que emplaca os seus hits mundiais desde o tempo em que Peter Gabriel deixou o Genesis. Com uma carreira solo triliardária, até dando uma de ator de vez em quando, é um filho abençoado da indústria fonográfica mundial.

E, por incrível que pareça, lá de cima do seu pedestal iluminado, Phil Collins acha que ainda tem muito o que provar para nós aqui embaixo. Está crente que seu novo disco, *Both Sides*, pode convencer o resto do mundo que lhe falta dar uma chance. E recebeu a BIZZ para uma conversa em sua propriedade rural ao sul de Londres, onde o Genesis costuma ensaiar, que fica a quinze minutos de sua mansão. Não parece um cara que assumiu as rédeas da *Billboard* tantas vezes, mas alguém cujo ponto alto da semana é a *happy hour* com os amigos no *pub*.

Do começo: posso descrever o seu início como um fã de soul em uma banda de rock progressivo?
É... eu gostava de discos da Motown, Atlantic, era meio *mod*. E o Genesis era o típico conjunto progressivo.

Quando Peter Gabriel saiu, a sua influência no grupo cresceu e o Genesis tomou outra linha de som. Como isso aconteceu?
Para responder isso de verdade, você precisa ter os outros caras da banda aqui. Porque tudo que eu fiz foi cantar. Sinto que há uma idéia errada de que, quando comecei a cantar, transformei o Genesis numa banda para as paradas de sucesso. Eu não fiz isso. Não vou levar as glórias, nem a culpa.

Seu novo disco fala sobre seqüelas de relacionamentos, como reencontros, solidão, mágoas, arrependimento etc.
É. Houve um incidente específico, um período de tempo bem determinado, em que as coisas estavam ocorrendo comigo com alguns resultados muito dramáticos e perigosos. Foi sobre isso que escrevi.

Você sempre põe suas experiências pessoais na música. Qual é o seu limite, até onde você está disposto a abrir sua vida para o público?
Bom, eu estou realmente me abrindo para mim, escrevendo músicas sobre mim mesmo. Mas a conclusão lógica de fazer músicas e gravá-las é que saiam em um disco. Mas, quando você está compondo, não se pensa nisso, você só pensa que é a coisa certa a fazer no momento. Algumas pessoas ficam meio com vergonha dos outros saberem como elas se sentem. Teve gente que leu as minhas letras e disse: "Que é que é isso, meu Deus!". Eu não sei, algumas pessoas têm vergonha de chorar em público, eu não tenho esse problema. Se me sinto assim, vou escrever sobre isso.

Há uma canção no disco, "Sons Of Our Fathers", que fala sobre filhos que não respeitam seus pais. Você sempre foi um filho obediente?
Não muito. Mas o que eu realmente quis falar é sobre o que acontece na Inglaterra e na América. Temos hoje muitos pequenos criminosos, que são muito novos para ir para a cadeia, mas que estupram, praticam assalto à mão armada, roubam... Acho que os pais de hoje estão perdendo o seu interesse no acompanhamento das crianças, que estão ficando "adultas" mais cedo, com menos orientação e aconselhamento.

Você declarou que "agora é uma boa hora para o meu trabalho ser reavaliado". O que você quis dizer com isso?
Acho que você é um exemplo de alguém que provavelmente não é muito fã do que faço, nem do meu trabalho com o Genesis. Quando chego para uma entrevista como esta, venho com muita bagagem, com todos os preconceitos que você tem a meu respeito. Eu tenho todas aquelas coisas das quais você nunca gostou na minha música nem na do Genesis. Bom, eu estou aqui dizendo: esqueça tudo isso por um minuto e ouça este disco pelo que ele é. Esqueça que você já ouviu falar de mim antes. Quero ser reavaliado porque acredito que este disco é diferente. Dê uma ouvida ao invés de martelar o último prego no meu caixão.

Então você está tentando se afastar da sua imagem de *hitmaker*?
Não estou tentando, não acredito em manipular as coisas. Quero que o disco faça sucesso, mas estou preparado para o contrário, porque acho que ele vai confundir algumas pessoas, que muitos não o entenderão.

Uma das maiores instituições da mídia musical é o *hype*, a promoção exagerada da última tendência, a última palavra, a última moda. E isso está acontecendonum ritmo cada vez mais acelerado. Você, que é mais velho, tem que carregar a cruz dos "já era".
Eu entendo tudo isso. Cada um está tentando ser mais *in* do que o outro. É bom não termos só a velha guarda, sempre devemos descobrir as bandas novas e promissoras. Eu gostei do punk na época, embora quando apareceu, teoricamente, fosse uma ameaça para nós. E também para grupos como Pink Floyd, Moody Blues, Jethro Tull, Emerson, Lake And Palmer, Yes... A maioria desses caras se foi. Mas eu gostava. Achava excitante a idéia de alguém dar uma varrida e se livrar de tudo, era uma boa idéia. Não fiquei assustado porque sabia que eu era bom o bastante para não sair de circulação.

Quais são as pressões que você vive no seu dia-a-dia? O que lhe preocupa?
As pessoas acham que você não tem que fazer nada, todo mundo faz tudo por você. Mas eu ainda faço minhas compras, vou ao supermercado. Ainda cozinho para a família. Vou até um *pub*. Quando a porta da frente se fecha, eu tenho uma vida bem normal na minha casa. É claro que não tenho preocupações financeiras, mas resisto ao impulso de gastar dinheiro. Eu sei que é estúpido, todo mundo quer ter dinheiro para gastar. Mas eu me sinto meio culpado.

Como está sua carreira no cinema?
Devagar. Mas se eu fosse só ator ela teria andado mais rápido. Acabei de recusar uns papéis porque eu estava trabalhando no disco.

Fazendo um retrospecto de toda a sua carreira, no Genesis com e sem Peter Gabriel, passando pela banda experimental Brand X e também por sua carreira solo. Enfim, pegando tudo, quais são os discos que você mais e menos gosta?
Entre as coisas mais interessantes estão os meus trabalhos com Brian Eno. Mas algumas coisas do Brand X eram muito boas também. O que não consigo ouvir mais são mais os primeiros discos do Genesis, todos muito presos em um período do tempo, datados. Há canções da minha carreira que são passáveis. Mas me sinto melhor em relação ao conjunto do meu trabalho solo do que ao do Genesis. *Camilo Rocha*

HARD CORE DA PORRA

Vem aí uma revolução no rock brasileiro: o primeiro disco com o forró-core dos Raimundos

Lembra da década passada? Todos achavam que o cúmulo da improbabilidade seria o Aerosmith gravar com o Run DMC. Hoje, quando Rick Rubin produz Johnny Cash, ninguém se espanta. Pois é: os Raimundos, um dos bons exemplos deste momento inusitado da história humana, se preparam – debaixo dos nossos narizes – para tomar o mundo de assalto, misturando forró e hardcore.

A saga desses candangos começou em 87, quando os vizinhos Rodolfo (voz e guitarra) e Digão (bateria) se reuniam para jogar conversa fora e tocar as músicas de seu grupo favorito – os Ramones. Rodolfo lembra: "O nosso amplificador era tão ruim que ficava igual."

Com a entrada de Henrique Canisso (baixo), o negócio começou a ficar mais sério. Surgiram as primeiras composições, apareceram os primeiros shows: "Já era forró-core na época: a gente tocava uma música nossa, uma do Zenilton *(o forrozeiro predileto da banda – veja o quadro na próxima página)* e um monte dos Ramones."

Um belo dia, Digão resolveu abandonar a bateria (devido a seus problemas auditivos) e se dedicar à guitarra, deixando Rodolfo livre para ser o *frontman*. Quem "assumiu as baquetas" foi... uma bateria eletrônica. Canisso explica: "Arrumaram um show em Goiânia. Levamos tudo programado na eletrônica, pois a mesma batida dava pra todas as músicas dos Ramones. Só que, por uma diferença de impedância, o negócio tocou tudo diferente." A coisa continuou assim, aos trancos, por cerca de três anos.

Fim da primeira fase dos Raimundos.

A CAMINHO DA FAMA

Canisso virou pai, Rodolfo comprou um fusca – essas coisas de gente grande. Mas como "pau que nasce torto, morre torto", o trio acabou recrutando Fred Raimundo para a bateria, assim sossegando a formação. No início de 92, nasciam os Raimundos, como se conhece hoje.

Mais ou menos nessa época, a onda do novo pop brasileiro começou a borbulhar. E estourou na praia dos Raimundos quando a primeira demo da banda caiu nas mãos dos Titãs, que acabaram convidando os caras para abrir uma temporada no Rio de Janeiro. Uma banda que junta baião e hardcore, faz passagem de som com "Mouth For War" (Pantera) e tira covers do Zenilton não poderia ficar anônima.

O convite dos Titãs lhes rendeu uma legião de fãs e a atenção das grandes gravadoras que, em meio a um *revival* nacionalista, viam em grupos "esquisitos" – gente como Chico Science & Nação Zumbi ou Raimundos – o futuro da MPB. É Rodolfo que conta. "Várias delas nos procuraram, querendo mexer no nosso som. Podíamos estar agora cheios da grana e infelizes, mas preferimos recusar as propostas."

A grande imprensa, por sua vez, só foi notar os Raimundos no festival JuntaTribo, organizado pelo fanzine *Broken Strings*. O evento reuniu cinco mil malucos e dezessete bandas independentes durante três dias em plena Unicamp *(universidade paulista)*. Quem viu a apresentação daqueles quatro candangos de *crossover* alienígena diz que foi memorável.

Tive a impressão de que o mundo estava acabando, tal o impacto do som dos caras. O disco inclui ainda o hino "Nega Jurema", uma "balada brega pra tocar em puteiro" e outra surpresa que nem o Rodolfo lembrava qual é. Ou seja: deve ser uma zona tão grande que só ouvindo pra entender.

FORRÓ-CORE DESENCANADO

Mas, afinal, o que é o tal do forró-core? Estudiosos da "cultura nordestina", eles não são, certamente (vide a *Cabra Cega* ao lado). Fred explica: "Em Brasília, tem gente de todo lado – paraibanos, paulistas, cariocas, gringos. As bandas de lá acabam misturando tudo naturalmente." O forró surgiu, assim, meio que inconscientemente no som dessa banda que cresceu ouvindo Dead Kennedys. E pode ser até bom que funcione assim. Canisso concorda: "Outro dia, um cara de um grande jornal perguntou quando é que começou o nosso trabalho de 'pesquisa' de forró. A gente riu na cara dele."

Mas o que será dos Raimundos quando o forró-core for assimilado por todos? Rodolfo responde: "A gente não se preocupa com o próximo disco ou com o próximo ano. Nada é planejado."

Os caras parecem tão desencanados e divertidos que é impossível duvidar deles. Última pergunta: só vai sobreviver quem souber misturar? Ou, em outras palavras: haverá espaço para as TFPs do rock, tipo Dr Sin? "Vai haver espaço pra todo mundo", sentencia Canisso, com sua melhor cara de politicamente correto. *RICARDO ALEXANDRE*

Cabra-cega

Rodamos alguns clássicos do cancioneiro popular – forrós arretados, pérolas do *trash* tupiniquim, crossovers pioneiros – para conferir se os Raimundos entendem mesmo de arrasta-pé

"Jogo De Calçada" • Mutantes
Fred "Isso é Mutantes." **Rodolfo** "É a primeira vez que eu ouço Mutantes." **Fred** "Já compararam a gente com os Mutantes, esse negócio de misturar MPB com rock. Reconheci pela bateria e pelos vocais."

"Forró No Escuro" • Luiz Gonzaga
Canisso *(contando o método durante a introdução)* **Todos** *(ao entrar a voz)* "Luiz Gonzaga!" **Fred** "Com essa voz. . Meu pai é fanzão de Luiz Gonzaga."

"É Do Suor Pingar" • Abdias E Sua Sanfona De Oito Baixos
Canisso "Eu conheço outra música desse cara." **Fred** "Isso sou a nacionalismo nordestino. Não precisa falar que o forró é legal." **Rodolfo** "Eu achei legal, só que eu gosto mais daqueles forrós safados." **Canisso** "Acho interessante o virtuosismo do sanfoneiro: a escala não muda muito, mas a jogada "

"O Cavaleiro Afoito (Um Xote Super 8)" • Walter Queiroz
Rodolfo "Parece Zé Ramalho." **Fred** "Isso é muito pop. Tá mais pra Roberto Carlos." **Rodolfo** "Como é que eu vou dançar um negócio desses?" **Canisso** "É new age forró." Fred "Isso parece aquelas discos de historinha pra criança. Acaba quando?"

"Coroné Antônio Bento" • Tim Maia
Fred "Cara, é o mesmo estilo de letra dos Raimundos." **Canisso** "Não é o Tim Maia?" **Fred** "A historinha lembra 'Faroeste Caboclo'." **Rodolfo** "Isso aí parece forró de roqueiro."

"O engraçado é que eu mesmo telefonei pedindo pra gente tocar", conta Fred. "Nosso nome não estava nem no cartaz." Terminaram como unanimidade do festival.

Só quando os Titãs tiveram a abençoada idéia de criar seu próprio selo, o Banguela, é que os Raimundos "cederam". "Agora nós temos liberdade: lidamos com produtores e diretores que também são músicos", explica Rodolfo. "As outras gravadoras oferecem contratos milionários, limusine, hotel cinco estrelas, só que quem acaba pagando tudo isso são as próprias bandas, que têm que vender muito para cobrir os gastos. Nós temos o suficiente, o mínimo necessário pra fazer algo apresentável."

Foi assim que, após um acidente com Fred (ele se jogou do palco no último show com os Titãs e abriu um rombo gigantesco na cabeça), o grupo finalmente começou a gravar o seu disco de estréia. A bolacha, produzida por Carlos Eduardo Miranda (o diretor artístico do selo Banguela), deverá ter o nome da própria banda.

O som está absolutamente animal. "Deve ter uns lances de teclados, percussão, uns *backing vocals* a mais, mas essencialmente são os Raimundos ao vivo", explica Rodolfo. De fato: escutei as primeiras mixagens de "Marujo" ("a faixa que melhor define o forró-core", segundo Rodolfo) e "Beabá".

ZENILTON, O GURU

O forrozeiro que os Raimundos adoram é um veterano da sanfona e das letras de duplo sentido. Zenilton, 49 anos, nasceu em Salgueiro, Pernambuco, "alto do sertão". Veio para São Paulo com 12 e, aos 14, já estava lançando seu primeiro disco. Em 35 anos de carreira, gravou quarenta discos e compôs "mais de quatrocentas músicas". Entre elas, clássicos como "É Só Capim Canela", "O Grilo Dela", "Rio Das Pedras" e "Cana Caiana". As três últimas viraram forró-core nas mãos dos Raimundos, que acabaram conseguindo uma participação especial do "guru" Zenilton na sanfona e nos vocais. "Ficou demais", comemorava Digão após a gravação. *GABRIELA DIAS*

RUSH NA LINHA

Após meses de expectativa, Geddy Lee, baixista, vocalista e cabeça do Rush, liga para a redação da BIZZ, fala do novo disco, da turnê que está rolando, e dá pistas de como trazer o grupo ao Brasil

O cara ligaria para a redação numa noite de quinta-feira, provavelmente por volta das nove da noite. Eu, fã incondicional da banda (antes mesmo de ser jornalista, já idolatrava o grupo – mas fazer o quê?), absolutamente sozinho na redação, trincando os dentes de ansiedade. O telefone toca, britanicamente. O esquema de entrevistas internacionais via satélite é o seguinte: um secretário ou alguém da gravadora lá fora liga, faz o primeiro contato e depois o artista entra na linha.

Claro que eu esperava por toda essa "burocracia". Mas desta vez não: "Is it Robert? Hi, is Geddy." Gelei! Por mais profissional que se tente ser, eu estava falando com um cara ("God" Lee) que idolatrei a minha vida inteira e que estava me pegando de surpresa, sem pai nem mãe.

Tietagens à parte, que a justiça seja feita, no décimo-nono álbum em dezenove anos de carreira (você tem cinco segundos para lembrar de outra banda que tenha feito algo parecido), o Rush finalmente é colocado no lugar que merece. O estilo pesadão do último disco, *Counterparts*, chamou a atenção dos críticos e teve reconhecimento internacional instantâneo. "Duela a quem duela", a banda mais amada e odiada do planeta está enfim colocada pela mídia na lista dos grandes do rock. Entre prêmios e discos de platina, o grupo se destaca também no mundo da informática, um fanzine não autorizado (veiculado em disquete), conta toda a trajetória do grupo e revela o nome real dos caras, um segredo histórico. Segundo o zine, Geddy Lee é Gary Lee Weinrib, Alex Lifeson é Alex Zivojinovic e Neil Peart é Neil Peart mesmo (se pronuncia "pirt" e não "pärt").

Extremamente simpático e educado, Geddy Lee (falando numa voz bem menos anasalada do que quando canta), não dá sinais de que seu inglês não é americano. Entre risadas e surpresas, ao todo foi mais de uma hora de conversa, com revelações inesperadas para ambos os lados: o cara não fazia idéia da incontável legião de fãs que seu grupo tem por aqui. E o melhor: ele ficou extremamente entusiasmado com isso.

No *Counterparts* o som do Rush está muito mais pesado, tem mais guitarras. Por quê? É uma tentativa de voltar ao passado?

Na verdade não. Basicamente, nos dois últimos discos - que gostamos muito - as músicas não davam oportunidade de conseguirmos mais energia nos shows. Por isso resolvemos repensar todo o trabalho e decidimos dar uma pegada diferente, mais pesada, sólida e direta. A idéia é ter mais *punch* nos shows.

E você gostou do resultado final do disco? Está muito longe do ideal?

Não, o disco está praticamente perfeito e estou muito orgulhoso com isso.

Por que a volta ao velho produtor Peter Collins? *(que fez os álbuns* Power Windows *e* Hold Your Fire*)*

Antes mesmo de sabermos o que seria o disco, já havíamos decidido trocar de produtor. Queríamos alguém dos Estados Unidos, pois gostamos muito da sonoridade que alguns produtores americanos vêm conseguindo recentemente. Depois de tentarmos um monte de gente – e não termos fechado com ninguém - chegamos ao Peter, que tem qualidades excelentes: ele fez um puta trabalho com o Queensrÿche e combinou perfeitamente com a nossa maneira de trabalhar. Na verdade, ele foi fundamental para que conseguíssemos um resultado tão pesado. Há doze anos o Alex *(Lifeson, guitarrista)* não gravava guitarra com um volume tão alto!

E como foi o processo de criação?

Atualmente estamos morando nos EUA, mas apesar disso mantivemos a mesma maneira de trabalhar que tínhamos há alguns anos. Nos isolamos de tudo, fomos para o campo, eu trabalhei nas músicas e o Neil nas letras. Dessa vez, abandonei um pouco os teclados e os sintetizadores. Deixei a inspiração rolar usando baixo, guitarra e vocais, principalmente. Fiz várias linhas melódicas só com a voz.

O som do Rush está em constante evolução. O que você ouviu antes de iniciar o trabalho de composição e de gravação em *Counterparts*?

Confesso que tenho ouvido bandas bastante pesadas. Entre elas, estão o Soundgarden, os ingleses do Curve, os Red Hot Chili Peppers e muito jazz. Billie Holliday é a minha preferida.

O jazz influenciou diretamente o som do grupo nesse disco?

O jazz sempre foi referência constante para mim. Não é algo explícito que se possa enumerar, mas certas linhas de baixo e arranjos vocais são fascinantes e acabam refletindo quando vou compor alguma coisa.

Vocês estão fazendo uma turnê pelos Estados Unidos. O que mudou nos shows com um repertório mais pesado? Como foi a recepção do público?

Quanto a mudanças, ficamos muito mais ferozes no palco. Temos várias partes diferentes onde usamos efeitos especiais. Quanto ao público, não temos o que reclamar. Nossos shows têm estado lotados e a faixa etária dos espectadores diminuiu um pouco, apesar de termos mudado o repertório e incluído mais músicas antigas.

Músicas antigas? Qual o é *set list*?

São poucas músicas do *Roll The Bones*, seis do *Counterparts*. Aí voltamos no tempo e tocamos "Villa Strangiatto" do *Hemispheres*, três músicas do *Farewell To Kings*, "Mystic Rhythms" do *Power Windows*, algumas do *Moving Pictures*, "Force Ten" e "Time Stand Still" do *Hold Your Fire* e "Subdivisions" do *Signals*.

Quem está abrindo a turnê americana de vocês?

São duas bandas novas. The Melvins, de San Francisco, e Candlebox, de Seattle.

Falando em Seattle, o que você acha da cena por lá? A imprensa internacional vem escrevendo que a "seattlemania" tinha influenciado o posicionamento musical do Rush.

Isso não tem o menor cabimento. Quanto à cena da cidade, estava na cara que não ia durar muito. Ninguém agüenta tanta mídia, tanto tempo em cima de um lugar só. Fora os caras que se limitaram em ficar na onda, tem mais bandas boas do que ruins. Mas o legal mesmo vem das redondezas da cidade.

A mídia musical nunca foi muito generosa com vocês.

Você acha? Concordo em parte, mas esse tipo de coisa nunca nos incomodou. Aparecemos na hora que temos que aparecer e isso é o suficiente. Não gostamos de esquemas de marketing.

O Rush sempre teve uma inclinação tecnológica em sua carreira. Agora, alguns artistas já estão produzindo álbuns em CD ROM, onde quem ouve pode alterar a mixagem. Já pensaram em fazer um trabalho assim?

Não acho uma boa idéia. O som do Rush é muito complicado de se trabalhar e esse tipo de manifestação alteraria demais no resultado final, comprometeria o som do grupo.

Várias bandas mostram influências explícitas do Rush. O que você acha de grupos como o Primus, por exemplo?

Sem demagogia, é fantástico esse tipo de manifestação. É uma espécie de pagamento por algo que não pode ser pago. As novas bandas que buscam referências no Rush têm bons músicos, fazem hard rock honesto e fico muito orgulhoso com isso. Quanto ao Primus, tenho muito respeito por eles, são excelentes músicos e bastantes originais.

Você concorda que eles são muito influenciados pelo Rush?

Totalmente. Mas isso não tira o mérito deles, tanto que o Primus vai abrir nossos shows na segunda parte da turnê americana.

Geddy Lee ao vivo, durante a turnê 94 que agora corre os EUA

Joe Giron/Reprise

"Não tocamos em festivais. São muitas bandas, o show nunca sai como deve"

Como é a produção que vocês usam na turnê de *Counterparts*? Há muitos efeitos especiais?

Usamos muitos efeitos em diferentes partes do show. Entre eles, pedaços de filmes animados, um complexo muito grande de iluminação e áudio quadrifônico. Há coisas que não dá para contar, só vendo.

É verdade que vocês evitam tocar em shows ao ar livre porque é difícil equalizar o som?

Na história do Rush podemos contar nos dedos os shows que fizemos ao ar livre. Realmente não gostamos muito. Hoje, com o avanço tecnológico, estamos um pouco mais abertos para o assunto. Mas somos radicais quanto a festivais, não tocamos em hipótese alguma. Geralmente são muitas bandas e fica muito difícil equalizar o som e fazer o show como ele deve ser feito. Compromete a qualidade da apresentação.

Vocês já pensaram em tocar no Brasil?

No ano que vem, nós sairemos em uma turnê mundial e agora estamos fechando as primeira datas dos concertos. Eu gostaria muito de tocar por aí e checar se gostam mesmo do nosso som.

Existem milhares de fãs do Rush no Brasil. Você nunca ouviu falar nada sobre isso?

Já haviam me dito que tínhamos fãs por aí. Mas eu não fazia a menor idéia de que era tanta gente assim.

Definitivamente são muitos fãs. O que eles tem que fazer para trazer o grupo ao Brasil?

Não sei... *(risos)* É uma boa pergunta. O apoio e a dedicação dos fãs brasileiros nos contagia e um tipo de manifestação dessas acaba chamando a atenção dos nossos empresários por aqui.

Em quase vinte anos de carreira, você nunca pensou em fazer um trabalho solo ou instrumental?

Eu não, mas o Neil *(Peart, bateria)* está trabalhando em um projeto solo a ser lançado em julho ou agosto e parece ser bastante interessante. Trata-se de música experimental, totalmente inconstante.

Valeu, mas não posso desligar antes de te dizer que sou um super-fã do Rush, e que aquela "mala" que te alugou em janeiro do ano passado no aeroporto de Miami, quando você voltava para o Canadá com a sua mulher e seu filho, era eu.

Cara, para falar a verdade não lembro muito bem do episódio, mas adoro ver nosso trabalho reconhecido. Espero que nossos empresários arrumem data e local para darmos shows no Brasil. Obrigado pelo interesse. *ROBERT HALFOUN*

Espantando os fantasmas

Psicodelia, blues, punk, metal... O Soundgarden liga a batedeira e quebra o jejum de três anos com um novo disco

Alguém se lembra de quando e como Seattle começou a ser notícia? Quem respondeu que os detonadores da explosão foram Nirvana e Pearl Jam ainda não aprendeu a lição de casa: a primeiríssima banda a chamar a atenção da mídia e das gravadoras chama-se, senhoras e senhores, Soundgarden.

Muito antes de alguém pensar em inventar o termo "grunge" (antes, portanto, do conceito de "rock alternativo" ser vendável), Chris Cornell (vocal), Kim Thayil (guitarra) e Matt Cameron (bateria) misturavam influências díspares que iam do pós-punk inglês ao metal setentista (Led Zeppelin, Black Sabbath), passando pelo hardcore americano da década de 80 (Black Flag). Os inventores do "grunge"?

Não diga isso perto de Chris Cornell. Por telefone, ele é firme: "O grunge não existe." Em entrevista exclusiva à BIZZ, o vocalista do Soundgarden explica tudo: o sucesso tardio, as pedras no meio do caminho, as mudanças que levaram a *Superunknown* – o álbum que marca os dez anos da banda.

Primórdios

"Em 1982, eu era o baterista de uma banda chamada The Champs. Fui dividir apartamento com Hiro Yamamoto *(o primeiro baixista do Soundgarden)*, um cara vindo de Chicago. Nessa época, Kim *(Thayil, guitarrista)*, que também é de Chicago, estava trabalhando como DJ na KCMU, a rádio da Universidade de Washington. Hiro e Kim, claro, se conheciam."

Mas o Soundgarden só começou em 84! Certo? "É, levou dois anos até Hiro me apresentar a Kim. Na primeira vez em que nos encontramos, vimos quanto tempo já havíamos perdido: compusemos dez canções em apenas uma tarde!" Àquela altura, Chris já havia desistido da bateria. Matt Cameron assumira as baquetas, liberando Cornell para "incorporar" o papel de vocalista. "Foi assim que começamos."

E como era Seattle no início dos anos 80? "Havia muitas bandas, mas pouquíssimos lugares onde tocar. Só dois ou três clubes abriam espaço para os novos grupos, e apenas um deles, o Top Of The Court, era *all-ages (nos Estados Unidos, apenas os locais classificados como "all-ages" – em português, "todas as idades" – permitem a entrada de menores)*. Foi lá que fizemos nosso primeiro show, em 85."

Por que o Soundgarden levou tanto tempo – mais de um ano – para estrear nos palcos? "Bem, a verdade é que não queríamos dar muitos shows. Estávamos fazendo música por diversão, estávamos interessados apenas em nos juntar e escrever um monte de canções." Vocês gravavam tudo? "Nem sempre... Levamos quase dois anos pra gravar nossa primeira fita demo decente. Ela tinha seis músicas, e acabou sendo a base do nosso primeiro EP, *Screaming Life*, lançado em 87 pela Sub Pop."

Encarando o desafio de mudar (da esquerda pra direita) Kim Thayil, Matt Cameron, Ben Shepherd e – de cabelos curtos! – Chris Cornell (que aparece com um violão na página anterior)

"No início, não tínhamos preocupação com o futuro. Superunknown resgatou essa liberdade criativa"

Crises

Conversar com Chris sobre os primeiros anos do Soundgarden dá a impressão de que a banda não estava muito preocupada com o futuro. "Até certo ponto, é verdade. Tivemos uma oferta da *(gravadora independente)* C/Z. Eles chegaram a lançar uma compilação com bandas de Seattle, da qual participamos. Mas ficou só nisso." E como a Sub Pop entrou na história? "Tudo aconteceu por acaso: Jonathan Poneman viu um dos nossos poucos shows e nos ofereceu um contrato pela gravadora que ele e Bruce Pavitt, um fanzineiro amigo nosso, estavam montando. Era a Sub Pop. Eles começaram lançando um *single* do Soundgarden e um EP do Green River *(uma das primeiras bandas de Seattle, o Green River tinha em sua formação Stone Gossard e Jeff Ament, atualmente no Pearl Jam, e Mark Arm e Steve Turner, hoje no Mudhoney)*."

Quer dizer que um show mudou o rumo da banda? "É, os shows mudaram muita coisa no Soundgarden. Quando começamos a fazer turnês, percebemos que a audiência vibrava mais com certos aspectos do nosso som." Que aspectos? "A parte que aliava a música pesada com uma cadência mais lenta, mantendo uma certa psicodelia e muitos *riffs* de guitarra." Uma "fórmula"?! "Não, não havia uma fórmula, nada era pré-calculado. O fato de havermos percebido isso só nos tornou conscientes demais do tipo de música que estávamos fazendo, entende? Perdemos um pouco da espontaneidade inicial. As canções que eu ou outros membros da banda escrevíamos e que não se encaixavam no 'padrão' do Soundgarden eram inconscientemente postas de lado."

Foi por isso que Hiro deixou a banda? "Hiro ficou ainda mais auto-crítico, perdeu a confiança em si mesmo, nas canções que escrevia. Ele não queria fazer grandes turnês, também." Resultado: logo após as gravações de *Louder Than Love (o primeiro álbum do Soundgarden por uma grande gravadora, a A&M)* acabarem, Hiro saiu, dando lugar a Jason Everman, um ex-guitarrista do Nirvana. Ex-guitarrista?! "Jason era nosso amigo, mas não primava pela criatividade. Simplesmente não deu certo."

Digo a Chris que as crises pareceram não afetar o caminho do Soundgarden. "Soubemos continuar andando, é verdade. *Screaming Life* despertou o interesse de muitas outras gravadoras, mas optamos pela prudência: lançamos mais um EP pela Sub Pop *(veja a discografia completa da banda no quadro da página seguinte)* e depois fomos para a também independente SST, por onde saiu *Ultramega OK*, nosso primeiro LP, em 88. Só em 89 é que assinamos com a A&M. Tínhamos medo de que, naquela época, uma *major* não soubesse trabalhar a banda. Não podíamos ser 'vendidos' como banda de metal, e o conceito de 'grupo alternativo' ainda não havia chegado às grandes gravadoras. Estávamos à frente da indústria, e isso nos prejudicou um pouco."

O desconhecido

Os problemas que afloraram com a saída de Hiro resultaram em um jejum de dois anos. O que aconteceu até o

"Quando entramos para uma grande gravadora, não podíamos ser 'vendidos' nem como banda de metal nem como grupo alternativo: estar à frente acabou nos prejudicando"

lançamento de *Badmotorfinger*, em 91? "Arranjamos outro baixista, Ben Shepherd, um amigo de Kim. A escolha pareceu ruim à primeira vista: Ben nunca tinha feito uma turnê de verdade. Mas acabamos nos entrosando perfeitamente." Ben representou a estabilidade para o Soundgarden? "Ele agüentou a pressão do nosso primeiro álbum de sucesso, de intermináveis shows, de tocar no Loolapalooza. Muitas pessoas [illegible] nem concebem o *Soundgarden* sem Ben."

O entrosamento foi tal que, após três anos de maturação, o Soundgarden pariu *Superunknown* – um álbum que mistura blues e psicodelismo descarado às raízes punk e metálicas da banda. O que aconteceu? Chris está seguro: "De certo modo, voltamos a ter a liberdade criativa do começo. Não estamos mais preocupados com rótulos. Simplesmente nos permitimos gravar o que quisessemos, sem pensar muito." Ben foi decisivo para o processo? "Sem dúvida. Agora temos quatro compositores na banda. Não precisamos mais de nenhum projeto paralelo, nem de carreiras solo."

Foi difícil chegar a esse ponto? Chris suspira: "Passamos três anos nos libertando de alguns fantasmas. Quando entramos em estúdio, estávamos dispostos a experimentar novos caminhos. Levamos três meses para gravar as dezesseis canções de *Superunknown*. É, acho que foi um processo difícil." Valeu a pena? Chris ri: "Criativamente, este álbum é o melhor de nossa carreira. Com *Superunknown*, queremos pirar nosso público *(o Soundgarden vai estar em turnê até o final de 94, quando talvez haja shows no Brasil)*. Estamos no limite, e gostamos disso."

Gabriela Dias

DISCOGRAFIA COMPLETA

Dos EPs e álbuns acumulados pelo Soundgarden em dez anos de carreira, apenas dois foram lançados no Brasil – *Badmotorfinger*, de 91, e o novo *Superunknown*. Confira:

Screaming Life (EP), Sub Pop, 1987

Fopp (EP), Sub Pop, 1988

Ultramega OK (LP), SST, 1988

Flower (EP, 12 polegadas), SST, 1989

Louder Than Love (LP), A&M, 1989

Badmotorfinger (LP), A&M/PolyGram, 1991

Somms (EP de edição limitada), A&M, 1992

Superunknown (LP), A&M/PolyGram, 1994

TUDO SOBRE O OSCAR

PARALAMAS

entregando O SEVERINO

Depois de três meses
gravando nos arredores de Londres,
os Paralamas abrem o jogo com a BIZZ
e contam tudo sobre *Severino*, o novo disco

"Viver no exterior é bom, mas é uma bosta. Viver no Brasil é uma bosta, mas é bom"

Foi assim, citando Dori Caymmi, que João Barone, baterista dos Paralamas, assumiu a saudade do Brasil. O grupo terminava a temporada de três meses em Chertsey, vilarejo a quarenta quilômetros de Londres, quando recebeu nossos chamados, três dias seguidos. Enfurnados no estúdio do guitarrista e produtor Phil Manzanera (ex-Roxy Music), gravando *Severino* e outro disco para o mercado latino, os Paralamas experimentavam um dia-a-dia mais parecido com o de monges franciscanos do que o de um grupo de rock.

Sem muito tempo para as delícias do Primeiro Mundo, Herbert, Bi e Barone voltam ao Brasil entusiasmados com o novo disco, uma feijoada de vários pertences: além de Manzanera, aparecem amigo antes de ser profissional. Todo mundo sabe quando um acorda mal."

EXPERIMENTANDO O SEVERINO

Severino desponta como um dos melhores trabalhos dos Paralamas. Apesar da produção gringa, entregue às mãos competentes de Manzanera, o disco repete a brasilidade que o grupo vinha mostrando nos trabalhos anteriores. "Só que desta vez fomos mais fundo", diz Barone. O "apesar da produção gringa" aí de cima perde força na análise de Felipe Ribeiro, o Bi: "Como todo estrangeiro, o Phil enxergou a gente com outros olhos. Ele queria que colocassemos mais elementos brasileiros em nossa música"

A pré-produção do disco rolou no Rio. Algumas músicas, como "Vamos Bater Lata", já haviam sido apresentadas em shows. Depois, os Paralamas zarparam para Londres e se entregaram ao gostoso (mas cansativo) trabalho de gravar, escolher as músicas e fazer a mixagem. "Neste disco tivemos mais oportunidades de ousar", conta Herbert. Além de viola de dez cordas e do violão com cordas de nylon (sugestões de Manzanera), os Paralamas também experimentaram e mandaram ver com instrumentos especiais, como tubos de PVC, latas e até mesmo um serrote, cortesia do faz-tudo do estúdio.

Nas palavras de Herbert, esse cara já viu e ouviu meio mundo passando por ali, entre aquelas paredes: "A gente ficou muito impressionado e acabamos pedindo para ele escrever o release da banda."

BANZO DANADO

A saudade aperta e Barone sente falta da família: "Laura, minha filha, começou a andar no final do ano e eu nem vi. Não é fácil esse exílio, bate um certo banzo, aquela nostalgia que os escravos sentiam da África. Não troco o Rio de Janeiro por nada deste mundo." Herbert não estranha tanto: "A família de minha mulher *(a inglesa Lucy)* é daqui, então não sinto muita falta do Brasil". A rotina de gravações só era quebrada em dias de folga, quando eles tomavam o trem para Londres e assistiam alguns shows. Barone: "Fomos ver o Sepultura na Brixton Academy. Nós éramos os caras mais velhos da platéia naquele mar de Beavis & Butthead". Bi Ribeiro tomou os caminhos do baile e descobriu a América. "Em alguns clubes, seja qual for o ritmo que estiverem tocando, o pessoal só dança de rosto colado".

Mas nem tudo é fácil pra três caras estranhos em um vilarejo como Chertsey, especialmente se entre eles houver alguém de inegável tendência carapinha, como Herbert: "O racismo é pesado. Aqui mesmo fomos num *pub* e nos sentimos hostilizados. Então, nós resolvemos ir embora e um grupo veio atrás da gente e nos mandou tomar no cu. Aqui eu sou negão."

AS MÚSICAS

Um dos exemplos dessa quizumba multinacional é "El Vampiro Baja El Sol", dedicada ao roqueiro argentino Charly Garcia. É a primeira letra feita originalmente em espanhol por Herbert.

"A gente decidiu chamar o Brian May para fazer um solo e ele acabou fazendo barba, cabelo e bigode"

Brian "Queen" May, o poeta dub Linton Kwesi Johnson, a Reggae Philharmonic Orchestra (uma das mais interessantes misturas de reggae e violino do planeta), o argentino Fito Paez (autor de "Tric Trac", do disco Os Grãos), Tom Zé, Egberto Gismonti (no disco em espanhol) e até o servente do estúdio, um exímio tocador de serrote.

Severino era um projeto cercado de mistérios (que a BIZZ passa a limpo, de ponta a ponta, com exclusividade). O grupo chegou a dar algumas entrevistas, sem revelar o nome das músicas e o conteúdo do disco. "A gente não queria criar uma expectativa nas pessoas", explica Herbert.

LOS TRÊS AMIGOS

Alojados no apartamento de Manzanera, o trio e o percussionista Lira levantavam por volta das dez da manhã, tomavam café e seguiam para o estúdio. Jantavam e iam para casa por volta das onze da noite. Família, nem pensar. Bi Ribeiro: "A gente teve uma folga e recebeu a visita de mulheres e namoradas". Barone: "Foi a primeira vez, em doze anos de grupo, que ficamos tanto tempo junto. Mas a gente é

A música e o piano são de um outro argentino, Fito Paez. É nela também que rolam as participações da Reggae Philharmonic Orchestra e das guitarras de Brian May.

Barone: "Foi ouvindo a música que o Bi disse: 'cara, isso parece Brian May'. A gente então decidiu chamá-lo para fazer um solo e o cara acabou fazendo barba, cabelo e bigode: tocou o solo, fez a guitarra base e até deu sugestões em alguns vocais". Herbert se emociona "O Brian chegou aqui à uma da tarde e foi embora à uma da manhã. Parecia uma criança brincando no estúdio".

Os Paralamas estreitam o seu namoro com a poesia dub na faixa "Navegar Impreciso" *(veja no destaque)*, com as participações de Tom Zé e do poeta Linton Kwesi Johnson. A letra, explica Herbert, fala das conturbadas relações entre Brasil e Portugal: "Linton disse que gostaria de ouvir um jamaicano falando o mesmo sobre a Inglaterra". A música tem ainda uma típica batucada brasileira, além de biscoitos sonoros "tomzeanos".

"Rio Severino", definida por Bi como "rock nordestino", já havia aparecido em *É Batumaré*, disco-solo de Herbert, e também em alguns shows da banda.

Só que o novo arranjo ganhou violas. "O Phil nos provocou e a gente acabou colocando uma viola". O instrumento reaparece na sua versão de dez cordas em "Varal", outra faixa brasileira.

"Cagaço" traz uma preocupação mais social, fala da situação do Brasil. "A música possue um *groove* meio lento, misturado com reggae", diz Bi. Em "Não Me Estrague O Dia", Herbert retorna aos problemas entre patrão e empregado, enquanto "The Hunger"

Phil Manzanera. Foi sensacional. Ele viu o som da gente com outros olhos, deu uns palpites legais e puxou por nossa brasilidade. Algumas coisas bem brasileiras do disco foram sugestões dele, como a idéia de usarmos violas."

POR QUÊ SEVERINO?

Barone é quem conta: "Uma vez a gente estava nas quebradas de Mato Grosso e ficamos falando de algumas idéias para o disco. Herbert comentou

nos *crossovers* com o Brasil e acredito que agora chegamos a um ponto bem interessante", adianta Barone, que passa a bola para Herbert: "Nós fomos influenciados um pouco pela Tropicália. Sabe como é, aquela coisa de pegar a guitarra e tocar ritmos folclóricos? O Brasil não precisa de Seattle para fazer rock". Bi finaliza: "Às vezes rola até um lance desse por causa de nosso percussionista, o Lira, umcara que tem o batuque no sangue."

"Fomos influenciados pela Tropicália, ritmos folclóricos. O Brasil não precisa de Seattle para fazer rock"

homenageia o filme *Fome De Viver* , estrelado por David Bowie e Catherine Deneuve. E o grupo ainda presta uma "reverência" – nas palavras de João Barone – aos Titãs: regravam a canção "Go Back" em espanhol, uma cover torta que também vai entrar no disco latino dos Paralamas

PHIL MANZANERA O PRODUTOR

Bi Ribeiro: "Nós sempre quisemos experimentar um produtor gringo". E pensamos em vários, até sugerirem o

que seria legal chamar o disco por um nome. Então escolhemos *Severino*, que por coincidência é o nome de uma das músicas. Eu tinha pensado em *Brazuca*, mas era um pouco pedante demais". A capa traz um dos vários trabalhos do gênio Arthur Bispo do Rosário, que passou mais da metade de sua vida internado num hospício.

O SOM BRASILEIRO

"Desde que nós gravamos 'Alagados' foi que a gente começou a entrar fundo

OS SHOWS COM BRIAN MAY

Em 93, o grupo voltou aos tempos de começo de carreira e abriram shows para Brian May. "Foi difícil porque não tinha nem o nosso nome na porta", diz Bi. Herbert: "As luzes se apagavam e todo mundo gritava 'Brian!'. Quando a gente aparecia, eles diziam 'que porra é essa?' Mas gostamos do desafio. Tinha dias em que chegávamos a virar o jogo."

"O Marcelo Sussekind disse que o melhor som de bumbo é o piso traseiro do fusca"

O DISCO EM ESPANHOL

O mercado latino para os Paralamas é uma realidade. Ídolos na Argentina, eles devem lançar, também em abril, um disco com algumas músicas de *Severino* ao lado de versões de seus maiores sucessos, como "Go Back", "Esqueça Tudo O Que Te Disseram Sobre O Amor", "Carro Velho" e "Quase Um Segundo". Esta última teve arranjos de Egberto Gismonti. "Desde que fizemos *Bora Bora* que a gente combinava de fazer algo juntos", diz Barone. "E aí, quando menos esperávamos, o Egberto nos entregou uma fita com 'Quase Um Segundo.'" Na ocasião, Herbert não agüentou e abriu o berreiro: "Sempre fui meio chorão, mas para mim o Egberto é uma pessoa iluminada. Lembro que lá em casa a gente rompia o ano com Egberto Gismonti no toca-discos. E de repente vi o cara transformar minha música numa obra daquelas !"

ABUSANDO DA TECNOLOGIA

Barone: "É incrível como a gente pode usar bem a tecnologia. Neste disco, nós gravamos metais no Brasil e trouxemos em DAT, com as participações do Fito Paez e do Tom Zé". Herbert vai no popular: "Um dia, o Marcelo Sussekind me disse que o melhor som de bumbo era o do piso traseiro do fusca. Com o sampler, hoje a gente pode usar essa sonoridade. Para os próximos discos quero fazer mais experiências ainda."

O NOVO POP BRASILEIRO

Herbert Vianna: "Não tenho escutado muito os novos grupos, estou meio distante, mas gostei muitos dos Raimundos. Os caras têm pique e depois que vi o show deles até me ofereci para produzir o disco. Outra banda que me pareceu muito boa é o Chico Science & Nação Zumbi." *Sérgio Martins*

NAVEGAR IMPRECISO

A Pátria-avó se volta sem memória
De todos estes anos de amor
Um amor sem beijo e sem resposta
Responde agora a uma nova sedução
Teus joaquins, teus açougueiros
Filhos de uma mãe-avó
Os bons e os maus tratos que te dei
Sucumbem com tamancos, camisetas
Sob a lei que ouviste a nova-velha
Europa te ditar
E voltas tuas costas para mim
Voltas tuas costas para o mar
Pra tuas conquistas, pro teu navegar
Pra tua cruz de malta sobre o azul
Um dia foste forte e generosa
Mas hoje tua memória não tem sul
Não é porque já não se usa navegar
E nem é por tua idade, eterna sois
Mas nunca mais a nossa
velha intimidade
O sabor inigualável dos teus pães

O POETA E OS PARALAMAS

Durante a temporada "severina" na Inglaterra, a maior emoção dos Paralamas tinha nome e usava óculos: **Linton Kwesi Johnson**, um dos maiores letristas da história do reggae, criador e intérprete maior da poesia dub (ele esteve recentemente no Brasil: confira no *Ao Vivo* desta edição). Não dá pra confundir o estilão: voz grossa, quase soturna, recitando em cima de sólidas bases de baixo/bateria. Herbert não exagera: "Os jornais andaram ligando aqui e foi difícil explicar a importância de ter Linton Kwesi Johnson gravando com a gente. Pra nós, foi um impacto comparável a John Lennon levantando da tumba".

Os Paralamas já namoravam o estilo de Linton Kwesi Johnson desde os tempos de *Cinema Mudo* (83), o primeiro disco do então desconhecido trio de Brasília.

Mais recentemente, conta Bi, as referências foram mais explícitas: " 'Os Grãos', a música-título do nosso penúltimo disco, tinha um jeitão igual ao dele."

Herbert Vianna foi quem armou o encontro. Uma amiga da mulher do guitarrista morava ao lado da casa do poeta. Herbert ligou para o cara, que se sentiu honrado e topou ver qual era a dos brasileiros: "Fui até a casa dele, em Brixton e no caminho rolava no rádio um programa sobre a importância da poesia na música. Aí entrou um pedaço especial do tal programa, falando exatamente de Linton Kwesi Johnson. E eu chegando na casa dele!" Ao tocar a campainha, mais uma emoção para Herbert: "Você sabe o que é escutar aquela voz grave e profunda durante dez anos e de repente ouvi-la a poucos metros de você?" Linton chegou ao estúdio, fez poucas adaptações na letra de "Navegar Impreciso" e mandou bala. Em seguida, elogiou a dupla Bi Ribeiro e João Barone

BIZ ZOOM

Referências pra quem quer saber mais

- Muita gente já brincou desse tirar-musica-de-parafuso que os Paralamas estão aplicando em *Severino*. Mas o poderoso seguramente, é **Hermeto Pascoal**, que desde sempre transforma estúdios de gravação em feira livre porcos, galinhas, bacias máquinas de costura discursos políticos, tudo isso para ele vale uma nota. Confira *Festa Dos Deuses* (PolyGram, 92

- **The Reggae Philharmonic Orchestra** é um grupo inglês que se dedica a notáveis experiências com reggae e música de câmara. Confira: *The Reggae Philharmonic Orchestra* (Mango, 88, importado)

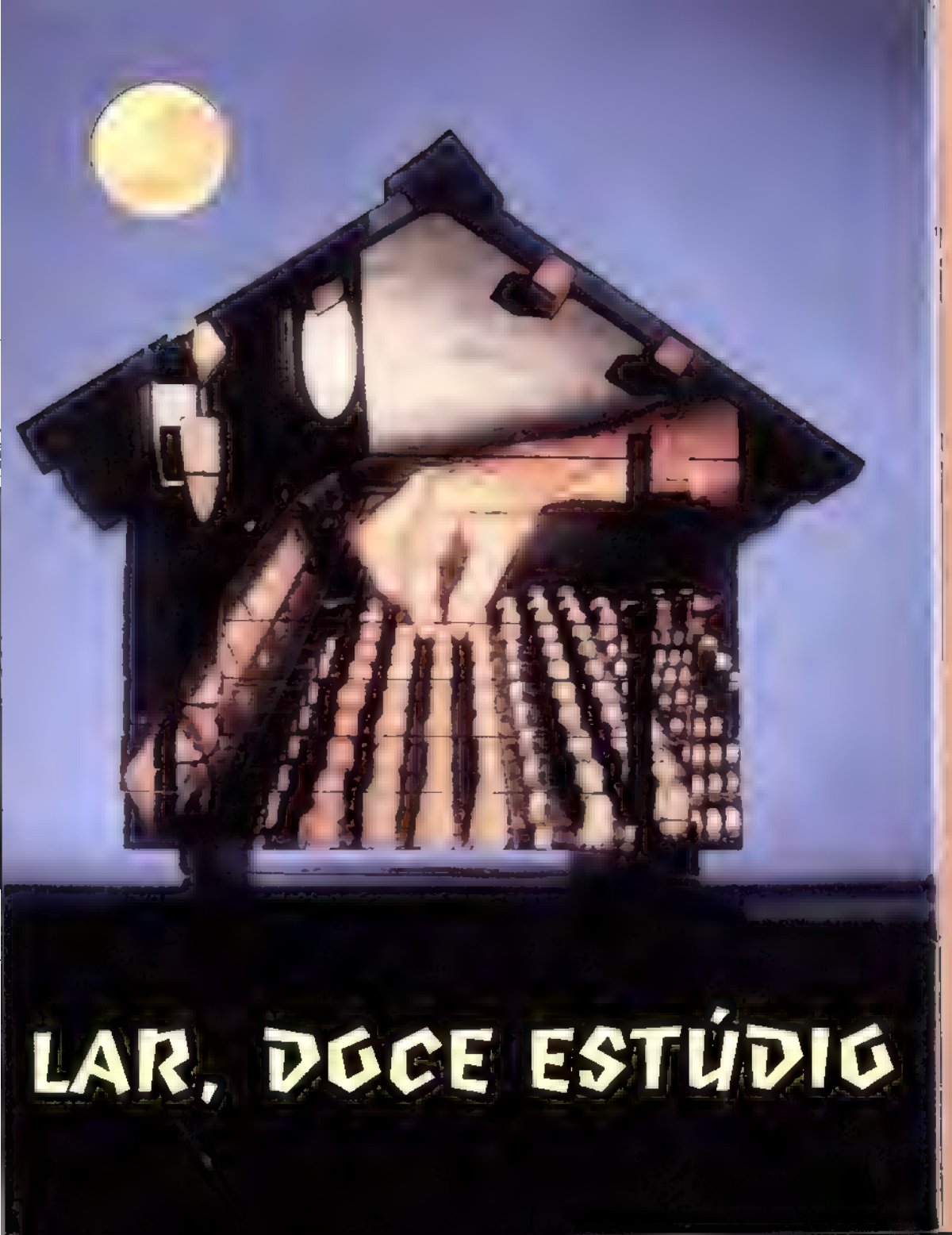
- O baiano **Tom Zé** vem sacudindo a poeira do mundo com o auxílio luxuoso de David Byrne. Confira: *The Hips Of Tradition* (Luaka Bop, 93, importado)

- **Brian May** é mesmo um *guitar man* de outro planeta, daqueles que a gente ouvindo identifica na hora. Confira: vá de Queen tradicional, *A Night At The Opera* (EMI, 75)

- **Arthur Bispo do Rosário** "sofria de esquizofrenia paranóide", diziam os psiquiatras. Graças a esse diagnóstico, ele viveu 50 de seus 78 anos em um manicômio, ocupando-se do que chamava de "a reconstrução do mundo". Suas obras hoje são comparadas às de Marcel Duchamp, Rayssa e Tinguely e, mesmo assim estão amontoadas num dos muquifos da Colônia Juliano Moreira no Rio. Confira a capa de *Severino*, em abril.

BIFE À MILANESA COM GUARANÁ

ESTE É O SABOR.



LAR, DOCE ESTÚDIO

FOTOGRAFIA ANDRÉ SAULE

A tecnologia que antes era privilégio dos grandes estúdios agora pode ser levada pra dentro de casa. A BIZZ dá uma geral nessa revolução musical do faça-você-mesmo

Há mais de dez anos, o gravador cassete multipistas deu origem a uma revolução musical que se espalhou pelo mundo. De repente, o home recording studio, que custava caro e era privilégio de profissionais bem-sucedidos, tornou-se acessível a qualquer músico (e até alguns curiosos) com um punhado de dólares para investir.

A maquininha, chamada Tascam 144, encantou inclusive os profissionais. Com suas quatro pistas de gravação independentes e mesa de mixagem acoplada, era a ferramenta ideal para o registro de idéias e até para a gravação de discos. Bruce Springsteen foi um dos pioneiros, gravando no porão de sua casa o álbum acústico *Nebraska* (CBS/Sony, 1982).

É claro que um estúdio não se resume apenas a um gravador multipistas (ou *multitrack*). São necessários também os processadores de som, microfones, fones de ouvido, amplificador, caixas acústicas, mesa de mixagem (geralmente conjugada ao *multitrack*) e mais um gravador cassete (ou de rolo) para masterização e cópias. E pelo menos os instrumentos musicais básicos, como guitarra, baixo, teclado e bateria (na verdade, toda essa família de instrumentos pode ser substituída por um bom sintetizador, que com seu arquivo de sons pode fazer o papel de todos os outros instrumentos).

Os instrumentos musicais também passaram por uma revolução. Se antes um sintetizador Moog custava uma fortuna e ocupava toda uma parede (lembra do Emerson, Lake & Palmer?), hoje o *sampler* – um teclado computadorizado capaz de gravar "amostras" do som de instrumentos e depois tocá-las em qualquer tonalidade – tem preço acessível, é compacto e alguns modelos são vendidos como brinquedos.

BOM E BARATO

Alta tecnologia com baixo preço – esse é o segredo de uma invenção bem-sucedida, capaz de transformar qualquer idéia musical em realidade. Hoje ficou muito simples ter um estúdio em casa custa entre 3 e 5 mil dólares, cabe em qualquer lugar e dá até pra fazer um disco. Como *É Batumaré* (EMI), por exemplo, que Herbert Vianna gravou "na garagem" em 1992.

Bruno Fortunato, guitarrista do Kid Abelha, usa seu estúdio para fazer experiências com arranjos e ter uma idéia de como a música irá funcionar: "No hit 'Todo O Meu Ouro', eu levei o arranjo praticamente pronto e foi assim para o disco". Fortunato nota que, às vezes, menos é mais: "Tem ocasiões que se consegue um puta som no *home studio*, que não se consegue num estúdio profissional", conta ele. "Acho que é o clima mais tranqüilo que se tem em casa".

Para o baterista e produtor Stefano Dehò, que faz trilhas e jingles e já tocou em diversas bandas de rock paulistanas, um estúdio doméstico, acima de tudo, serve para economizar a grana de quem vai entrar num estúdio maior, onde se cobra uma pequena fortuna por uma sessão de gravação: "O músico pode levar sua idéia totalmente resolvida em um disquete de computador ou, voltando um pouco no tempo, numa fita cassete".

DIGITAL

O quê? Música em disquete? Pois esta é a nova tecnologia que está tomando de assalto as garagens do planeta: a música gravada em computador, capaz de proporcionar uma qualidade sonora comparável à do CD. Computadores Macintosh, Amiga e PC são os novos aliados dos músicos e compositores.

"A placa multimídia é o sistema da família", diz Lucas Shirahata, presidente da Roland Brasil. "Serve tanto para o adolescente que tem uma banda de rock como para o pai que precisa trabalhar com sons e imagens. Ao mesmo tempo, você tem um equipamento de áudio de última geração, que não ocupa espaço, em forma virtual na sua casa."

Shirahata, aliás, se recusa a falar sobre áudio analógico. "É andar dez anos para trás", diz ele. E com bons motivos. A nova placa de som RAP-10/AT, da Roland, transforma o computador pessoal em um estúdio digital completo, trazendo de quebra uma orquestra, ou melhor, o som de 128 instrumentos musicais, além de seis kits de bateria e efeitos chorus e eco.

O sistema computadorizado (ou MIDI, acrônimo de *Musical Instrument Digital Interface*, ou interface digital para instrumento musical) não só é capaz de transformar o músico em uma "orquestra de um só homem" como também permite a utilização de vários programas, desde os que imitam o gravador e o mixer tradicionais até os softwares de notação musical, nos quais a música pode ser escrita – e tocada – como partitura.

Uma das funções do programa *Audio Toolworks*, que acompanha a placa de som RAP-10/AT da Roland, é criar um rack virtual com toca-fitas, CD player e drive para disquetes. O pacote da Roland, com o programa, a placa de som e uma interface para a conexão de instrumentos MIDI, custa 1.100 dólares comerciais.

MIDI OU ANALÓGICO?

Ainda existe uma certa relutância quanto ao MIDI. Explica-se: apesar do fantástico avanço das placas de som, elas ainda não conseguem reproduzir de modo convincente os sons da guitarra. "O fundamental no gravador é a vitalidade que chips e computadores não conseguem proporcionar na gravação da guitarra. O MIDI, DAT, etc. são fabulosos, mas para um som mais pesado não há nada melhor que o velho Tascam", diz Fernando Deluqui, guitarrista do RPM e dono de um *home studio* muito bem equipado, onde atualmente ele produz demos para o próximo disco da banda.

Ed Motta, cuja vida, segundo ele mesmo, se resume a ficar 24 horas

enfurnado no estúdio de oito pistas instalado em seu quarto, não é muito chegado na tecnologia digital. "Se puder optar, gravo tudo no analógico. Mas não morro se tiver que usar o digital. O MIDI funciona legal quando preciso seqüenciar alguma coisa."

Hoje, a tendência para os estúdios domésticos é a combinação do equipamento analógico com o digital, do gravador *multitrack* com o computador multimídia ou um teclado *workstation*. "A mistura do MIDI com analógico é perfeita. Pra que me limitar a quatro canais se posso ter até 987", pergunta o guitarrista Fábio Golfetti (ex-Violeta de Outono), que gravou um disco inteirinho em seu quarto. "A junção das duas configurações de estúdios permite que o músico se auto produza e obtenha um resultado de alta qualidade", conta R.H Jackson, responsável pela pré-produção do último disco do Ratos de Porão.

NADA SUBSTITUI O TALENTO

Não existem limites para quem tem criatividade. O lendário Lee "Scratch" Perry, que deu a primeira polida em Bob Marley, revolucionou o reggae e o mundo com um gravador de quatro pistas. Foi nessa máquina que em 1969 Scratch inventou o dub, um exercício de efeitos especiais que continua *up to date* (confira os segredos do jamaicano na antologia *Soundz From The Hot Line*, selo Heartbeat, 92, importado).

Numa comparação, a tecnologia hoje disponível em gravadores e efeitos para o *home studio* é muito mais avançada do que a disponível na metade dos anos 60. O *multitrack* que os Beatles usaram para gravar *Sgt. Pepper* já foi superado de longe por muitos "estúdios portáteis". Mas não dá pra dizer o mesmo da banda de Liverpool e de seu produtor George Martin. Quer dizer: a tecnologia ajuda, mas talento é indispensável.

Robert Halfoun e Lu Gomes

Serviço

SÃO PAULO

Mr. Music - Rua Teodoro Sampaio 763, loja 9. Fone (011) 851-2916 • Contraband - Av. Faria Lima 1464 Fone (011) 212-3360 • Gang - Rua Teodoro Sampaio 826, Fone (011) 883-1673 • P.A. - Rua Teodoro Sampaio 770, Fone (011) 282-5653 • ProporSom- R Teodoro Sampaio, 763, Fone (011) 64-6919

RIO

Musicenter - Rua Visconde de Piraiá 207, 1º piso, Ipanema, Fone (021) 521-0390 • Cenário - Rua 19 de Fevereiro 48, Botafogo,Fone (021) 226-8126

Estúdio R.H. Jackson: **1 Computador Atari com programas DR-T e Fractal Composer:** organizam matematicamente seqüências de notas musicais. **2 Mixer caseiro:** coração do estúdio, centraliza e redistribui todos os periféricos. **3 Bateria Roland R-8:** reproduz vários sons e ritmos de bateria. **4 Computador Amiga 300 com programas de sampler e sequencer. 5 Banco de sons MT 32:** produz sons de 128 instrumentos. **6 Sintetizador analógico sequencial:** produz sons de instrumentos e organiza várias seqüências musicais. Fora da foto: **Sampler DS-S Audio Track:** "grava" amostras de qualquer som e reproduz da maneira que você quiser; **Sampler Roland, Gravador Tascam 244:** gravador analógico de 4 pistas; **Multi Efeitos Yamaha SX 500:** efeitos de reverber, chorus e delay para vários instrumentos; **Emulador Roland para guitarra e baixo:** reproduz com fidelidade (sem fazer barulho) sons de amplificadores "no talo", como Marshall e Mesa Boogie; **Microfones Shure SM-58:** alcance direcional.

Estúdio Deluqui: **1 Gravador Tascam 388:** mixer de seis canais conjugado ao gravador de quatro pistas. **2 Caixas Yamaha NS 10 Studio:** os ouvidos do estúdio, com altíssima fidelidade de som. **3 Rack com amplificador Alexis e processadores de efeitos:** compressor Alexis 3630, Yamaha SPX, multi reverb Lexicom LXP 1, noise reductions (dbx) e sintetizadores (Proteus 1 e Roland D70). **4 ADAT Alexis:** gravador de digital de oito pistas. **5 Computador Macintosh com programa Performer,** usado basicamente como sequencer. Fora da foto: **DAT (Digital Audio Tape) Sony e Microfones Shure SM-58 e AKG 414** (usado para captação de ambientes).

Estúdio Dehó: **1 Computador Macintosh com programa Performer. 2 Caixas Pioneer S-500X:** baixo custo, fidelidade sonora semelhante às campeãs Yamaha NS10 Studio. **3 Sintetizador/teclado Korg M1EX:** típica workstation e um dos mais completos no mercado, produz milhares de sons dos mais variados instrumentos, com sequencer de oito pistas. **4 Rack com amplificadores, equalizadores Cygnus, processador de efeitos Yamaha FX 100 e CD-ROM Syquest** (o CD-Rom reproduz CDs com bases gravadas por grandes instrumentistas e possibilita que se tenha uma orquestra com sonoridade "real" dentro do estúdio. Já estão sendo produzidas obras nas quais é possível alterar até a mixagem original). **5 Mixer/Gravador Tascam 246 Portable II.** mesa de som de seis canais com gravador analógico de quatro pistas de gravação. Fora da foto: **Interface JL Cooper:** traduz os sinais MIDI em notas musicais e vice-versa; **Sampler Roland S-750:** grava amostras de qualquer som.

Estúdio Golfetti: **1 DAT Sony DCD-D3. 2 Mixer/Gravador Tascam 246 Portable II. 3 Rack com processadores de efeitos:** bateria eletrônica Alexis Module D4, multi efeitos Roland SPX 90 e GS 6 para guitarra, Electro Harmonix Flanger. **4 Computador Atari ST com programa C-Lab Notator:** organiza matematicamente as notas e funciona como sequencer. **5 Sintetizador/ Teclado Yamaha DX 100.** Fora da foto: **Sincronizador SMPTE:** sincroniza e traduz sinais MIDI em notas musicais e vice-versa; **Sintetizador Proteus E-MU/ 1: Sintetizador para guitarra Boss GR50:** transforma o som da guitarra em vários instrumentos; **Microfone AKG D310:** para captação direcional ou geral.

• Quando gravar guitarras distorcidas com processadores que simulam o som de amplificadores como Marshall ou Fender, retire o *noise reduction* e a compressão. Esses efeitos interferem na porrada e conteúdo da distorção.

• Gravar sempre com os VUs no limite (entrando um pouco no vermelho). Aumenta as alternativas no momento da mixagem.

• Em qualquer instrumento, sempre dar um pequeno corte nas frequências baixas. Geralmente existe a tendência do resultado final ficar muito grave e uma vez feito é muito difícil desfazer.

• Ajustar o pitch (velocidade) do gravador no modo mais rápido possível. Quanto mais rápida a velocidade de gravação, menor a possibilidade de distorção.

• As caixas acústicas e os *headphones* são os ouvidos do estúdio. É fundamental que eles sejam de boa qualidade. Caso contrário você não saberá o que está gravando [redacted].

• As latas de lixo grandes e metálicas são as melhores produtoras de reverberação metálica. Experimente colocar um amplificador pequeno lá dentro e microfoná-lo também no interior da lata. Não se chega a esse som com periféricos, por melhor que sejam.

• Use e abuse do pitch do seu gravador. Com isso é possível mudar timbres de voz, velocidade de solos, de bateria, etc. Solte a imaginação.

• Instrumentos acústicos e mesmo amplificados (quando o amplificador é microfonado) podem ser gravados no banheiro. O revestimento azulejado dá um reverber natural fabuloso. Para os vocais, o ideal é gravar com os VUs no limite e bem distante do microfone, utilizando a reverberação do banheiro.

• A idéia parece maluca, mas John Lennon a utilizou com sucesso. Pendure um amplificador pequeno no teto do banheiro, amarrado a uma corda longa, e coloque o microfone a uma distância de um metro dele. Na hora da gravação, balance o amp como um pêndulo. Dá um efeito de panorâmica – o som fica variando do canal esquerdo ao direito – inimaginável.

• Para estúdios MIDI, o mais importante quanto à autonomia do computador é a capacidade de memória. Em programas musicais, a velocidade de operação não é fundamental, e sim a capacidade de seu *hard disc*. Em média, 6 minutos de áudio gravado ocupam 100 megabytes.

Chegou Zap! O caderno mais novo do Estadão, que vai sair toda quinta, no lugar do Cola. Só que totalmente diferente. Zap! é um caderno que só vai ter matérias que interessam. Tem Bussunda, da turma da Casseta & Planeta. Tem a coluna "Na Real", com mais espaço para você soltar o verbo. Zap! vai continuar falando de vestibular e universidade, vai falar de política e economia sem ser chato (difícil, não é?). Mas você vai ver. Leia Zap! Ele é muito mais do que você está pensando.

Anuncie em revista. Nosso horário nobre começa e termina na hora em que o leitor quiser.

O bom da revista é que o consumidor não tem hora, lugar nem pressa para ler. Pode ser de madrugada, quando não está passando mais nada na TV e quando o jornal já ficou velho.
Pode ser no escritório, no consultório, enquanto o dentista não chama, no cabeleireiro. Ou seja, o bom da revista é [illegible] o seu anúncio po[illegible] trabalhando a [illegible] hora do dia e [illegible] exatamente [illegible] anúncio es[illegible]
A propósit[illegible] são, hein[illegible]

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

Quem pode comprar revista pode comprar seu produto.

AO VIVO

M2000 SUMMER CONCERTS

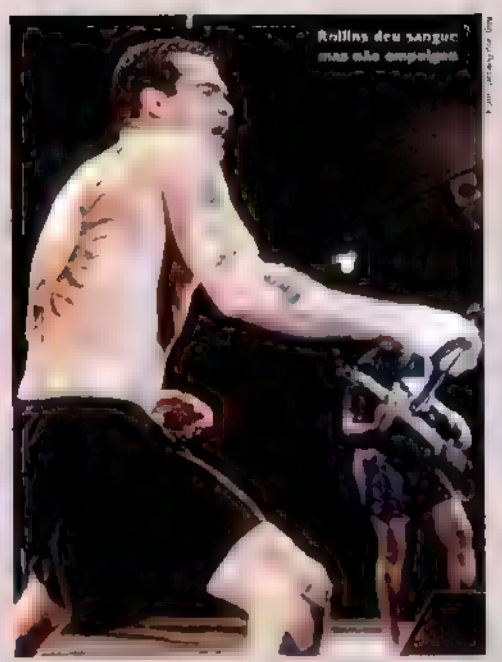
(Santos, 05/02)

Dr. Sin, Raimundos, Deborah Blando, Rollins Band, Mr. Big e Lemonheads

A última etapa do M2000 Summer Concerts acabou rolando apenas em Santos. O Rio ficou de fora devido a briguinhas entre a prefeitura e os promotores do festival mais a confusão na segurança dos shows. Melhor para os santistas, que ficaram com as apresentações mais aguardadas.

O Dr. Sin, escolhido para abrir o festival, entrou pontualmente às 8 da noite. Ao vivo, o trio é a prova viva de que a técnica não é tudo no rock. Ainda assim, os meninos foram bem recebidos, principalmente pela

Paul Gilbert, do Mr. Big, e seu virtuosismo bizarro



Rollins deu sangue mas não empolgou

música-clip da MTV ("Emotional Catastrophe") e pela versão de "Have You Ever Seen The Rain", sucesso do Credence Clearwater Revival.

Em seguida vieram os Raimundos, um dos shows mais aplaudidos da noite. Devido a problemas de som, porém, a mistura com forró ficou apenas em alguns repentes e no triângulo tocado pelo vocalista Rodolfo.

Era óbvio que, depois dos Raimundos, qualquer som menos pesado seria destroçado pela galera. É, a escalação de Deborah Blando foi duplamente infeliz. Deborah – mais para Cindy Lauper do que para Madonna – assassinou "You Really Got Me" (Kinks) e "Descobridor Dos Sete Mares" (Tim Maia).

O "furacão" Henry Rollins, que esteve mais para brisa, começou bem, com "Low Self Opinion" (do disco *End Of Silence*), mas meteu a testa no joelho e, depois disso, ficou só no "quase": ameaçou se jogar na platéia e fazer um bom show, mas não fez. Pecado imperdoável: "Tearing", seu maior hit, ficou de fora.

Por que Evan Dando, dos Lemonheads, é símbolo sexual? Ele canta curvado e não consegue nem encarar a platéia! O contraponto foi o baixista Nic Dalton, que não parou um minuto. Dando, como Rollins, dispensou um trunfo, o hit "Mrs. Robinson".

O melhor da festa ficou para o Mr. Big. Que eles são chatos e têm um dos piores vocalistas da história do hard rock (Eric Martin), não resta dúvida. Só que estão acostumados a tocar para platéias grandes e, ao contrário dos outros, não deixaram de tocar suas músicas mais conhecidas – como a regravação de "Wild World", de Cat Stevens. A galera cantou de mãozinhas dadas a xaroposa "To Be With You" (só não teve isqueirinho porque choveu). O único show de arena da noite.

Sérgio Martins

FICHA TÉCNICA

Local: Praia do Gonzaga. Público: 80 mil. Som. 200KW. Luz: 600KW, 500 refletores, 18 canhões computadorizados e 10 seguidores.

Deborah Blando: beleza rara, carisma zero

HELMET

(São Paulo, 24/01)

O "pulinho" que os americanos do Helmet deram em São Paulo após suas apresentações na etapa suíça do M2000 foi mais que bem-vindo. O público, porém, não compareceu em peso, talvez devido à pouca divulgação que teve o show (único) no Olympia. Esse povo não sabe o que perdeu...

A abertura ficou, acreditem, por conta dos Ratos de Porão, que, prejudicados pela péssima equalização do som, fizeram uma apresentação meio constrangedora. As músicas do novo disco é que salvaram a noite: os sons são animais! Destaque também

O Helmet detonou suas "arritmias"

para *covers* do Ultra Seven (a musiquinha do seriado) e do Peter Frampton ("Breaking All The Rules").

O prato principal não demorou muito. O Helmet logo subiu ao palco para detonar, sem intervalo, suas arritmias. As aclamadas músicas "complexas", engraçado, soam mais "normais" ao vivo. Ao contrário do que prometeram em entrevistas, eles não tocaram músicas novas – o grosso do repertório ficou por conta de *Meantime* (o último álbum). É claro que eles não deixaram o primeirão *Strap It On* de lado, mas a massa só agitou mesmo nos hits "Unsung" e "Just Another Victim" (da trilha de *Judgment Night*).

Rodrigo César

FICHA TÉCNICA

Local: Olympia. Abertura: Ratos de Porão. Público: 3.000. Som: 40KW Luz: 15KW, 300 refletores.

Linton Kwesi Johnson é poeta do reggae

LINTON KWESI

(Salvador, 24/01)

A expectativa em torno da vinda de Linton Kwesi Johnson à Bahia era grande. Afinal, Linton – um sociólogo jamaicano criado em Londres (onde gravou uma participação no novo disco dos Paralamas) – é um dos maiores poetas do reggae. E não costuma ser figurinha fácil em shows.

Mas não só por isso. Dentre os sete músicos da poderosa The Dub Band, um pelo menos também faz parte da história: o baixista e produtor Dennis Bovell, responsável pelas mixagens dos discos de LKJ. Dennis é nada mais nada menos que o mago de um som ganchudo e cheio de efeitos de eco e reverberação que, unido a letras sobre opressão racial e confronto com as autoridades, passou a ser chamado de *dub poetry*.

No final das contas, LKJ – com um look mais para professor do que para "regueiro" – conquistou o reduzido público (o show começou à 1h) aos poucos, com hits como "Making History", "It No Funny", "Bass Culture" e Street 66". Para facilitar a compreensão de sua mensagem, ele fez com que todos os temas de suas canções fossem previamente traduzidos. Um recital dub cerebral sobre a experiência negra britânica para os manos baianos. Valeu.

Hagamenon Brito

FICHA TÉCNICA

Local: Pelourinho. Abertura. Gerasamba, Jauperi e Olodum. Público. 2 000. Som: 30KW, 48 falantes graves, 48 falantes médios e 2 mesas de 40 canais. Iluminação: 124 refletores e 1 canhão de luz.

SKANK

(Curitiba, 02/02)

Eles não disfarçam a mineirice. Mas quando plugam os instrumentos, os meninos do Skank mostram porque são destaque no pop brasileiro.

A precisão sonora do liquidificador de ritmos e influências comandado pelo vocalista Samuel Rosa rende vários pontos. O Skank subverte alguns dos nossos ídolos de sempre: Gil, Caetano, Ben Jor e até Hitchcock.

Em vez de se atrelar a apenas uma corrente do reggae, o Skank promeve um verdadeiro carnaval. Vai do roots ao dancehall, enxertando elementos de rock (com *riffs* e solos perfeitos), samba e samplers. Os curitibanos mostraram que gostam, lotando o Aeroanta nas três apresentações.

Asonico R. Smith

FICHA TÉCNICA

Local: Aeroanta. Publico: 1 000. Som: 36KW, mesa de 32 canais. Luz: 7KW.

ANTENANDO

Os shows da temporada

MARÇO

Billy Paul, Palace, São Paulo/SP, dia 2
Devotos De N. Sra. Aparecida, Pato Fu, Jorge Cabeleira e outros, Circo Voador, Rio de Janeiro/RJ, dia 5, 21h (fone 021/227-3352)
INXS e Soul Asylum, Estádio da Gávea, Rio/RJ, dia 10; Anhembi, São Paulo/SP, dia 11; Curitiba/PR, dia 12 (fone 011/813-6890)
Artigo 288, Geração Futuro e outros, Circo Voador, Rio/RJ, dia 11
Pavilhão 9, Urbania, São Paulo/SP, dia12 (fone 011/255-6855)
Fight, São Paulo/SP, dias 15 e 16, e Rio/RJ, dia 17 (fone 011/284-5165)
James Taylor e Sting, Estádio da Gávea, Rio/RJ, dia 18; Anhembi, São Paulo/SP, 19; Teatro Guaíra (só James Taylor), Curitiba/PR, dia 22
Scorpions, Olympia, São Paulo/SP, dias 29 e 30 (fone 011/252-6255)

ABRIL

Garage Fuzz, Urbania, São Paulo/SP, dia 16 (fone 011/255-6855)

LANÇAMENTOS

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI

Sony

Da Lama Ao Caos

Da Lama Ao Caos, de Chico Science & Nação Zumbi, protocélula do mangue beat, já chega como disco básico. Pra muita gente, o legal está na estréia de mais uma grande síntese-que não-dá-pra-classificar, mas tenta-se: maracatu eletrificado. Indo mais longe e soando mais moderno, mangue beat é uma cena. Não tem, decerto, a pompa flanelária de Seattle, nem é tão universal quanto os agora longínquos primeiros espasmos do reggae e do rap, que já nasceram falando inglês.

Mas é uma cena, que além da Nação Zumbi do Chico deve mandar outros nomes bem antes do próximo cometa. Já disseram que os desprivilegiados têm quase sempre, muito mais que os outros, uma inclinação pela ruptura, pela renovação, porque estão insatisfeitos e daí naturalmente predispostos a mudanças. Claro que a galera do Recife, correndo a céu aberto numa das piores cidades do mundo, inventaria uma revolução. O motim não dá certo o tempo todo, ainda se perde buscando inimigos no escuro do "sistema", mas na essência clama por um direito legítimo: antenar-se, tomar parte na aldeia planetária, com a roupa do corpo mesmo, com mangue e tudo.

O disco começa com um manifesto, "Monólogo Ao Pé Do Ouvido", que logo de cara legenda as outras treze faixas. "Modernizar o passado é uma evolução musical!",

Em "Banditismo Por Uma Questão De Classe", entra o *thriller* policia versus bandido, com caixa militar e Lampião no lugar de Malcolm-X. Rolam apliques de rap e de ragga, muita guitarrinha funk, muita base de metal, *riffs* hardcore alguns solos, a receita decidida de todo o resto. Mas são muitos detalhes: um coro redondo em "Rios, Pontes E Overdrives", o Pastoril do Mangaba e o *groovão* afro em "A Cidade", o bumbo supergrave de "A Praieira", a levada meio Gana, meio Camarões de "Samba Makossa" ou as interferências científicas na quase-vinheta "Salustiano". Os pedaços mais surpreendentes, porém, estão na instrumental "Lixo Do Mangue" e nos quase sete minutos de "Coco Dub", que mostram o quanto podem valer uns tratantos em estúdios gringos.

O mangue beat não é uma cena repetida, apesar de caetanos, alceus e robertinhos já terem, há muito, ligado o Nordeste na tomada. Não é um *Ô Blesq Blom* cover, embora o produtor seja Liminha, o mesmo Bill Laswell das caatingas que fez o disco dos Titãs. Mas claro, haverá implicantes se deliciando com analogias desse tipo, suspeitando das coincidências. Os mangue boys vão ter de suar a camisa e pisar na lama pra valer se quiserem mostrar que não são efêmeros, que não são mais uma bizarrice nesse circo. Eu acho que eles conseguem.

Otavio Rodrigues

DISCOS

RADIOHEAD

EMI-Odeon

Pablo Honey

Se você não é marinheiro de primeira viagem, já viu esse filme centenas de vezes. Surge um grupo neo-qualquer-coisa formado por uns ex-desempregados ingleses, cabeludos e de aparência ambígua, liderados por cantor/compositor de sexualidade indefinida – mais ou menos carismático – que atua cercado por uma parede de guitarras incapazes de articular mais de três notas. Fazem sucesso nos Estados Unidos, puxados por um clip que passa 94 vezes por dia na MTV, acabam vendendo mais de quinhentos mil discos e voltam triunfantes para a Inglaterra.

Este quinteto de Oxford, seguindo essa trajetória, com uma diferença: não duas guitarras, mas três.

O clip é da faixa "Creep" e eles dizem que o próximo disco será bem melhor. De resto, tanto faz ouvir isso, Gene Loves Jezebel, Blur, The Mission, Curve, Suede... Próximo! *Jean Yves De Neufville*

POSTER CHILDREN

Warner

Tool Of The Man

Um tanto desconhecido aqui no Brasil, o Poster Children é um grupo que goza de um relativo prestígio nos Estados Unidos. Tinha tudo para estar perdido naquela cornucópia underground que vieram a chamar de grunge.

A banda se sobressaiu, entre outros motivos, por ter seus dois primeiros discos produzidos por Steve Albini, mentor demente do extinto – e já lendário – Big Black. Desta vez, no entanto, a produção não ficou nas mãos do barulhento Albini, mas sim nas de Mike McMackin. O resultado, diga-se, é bem satisfatório. O quarteto saído de Urbana, Illinois (algo tipo Juiz de Fora), impressiona com o vigor e a crueza do seu rock. O som poderia ser descrito como uma mistura de Smashing Pumpkins com Superchunk.

Faixas como "Dynamite Chair" "Tommyhaus", "Redline" e "Outside In" mostram que, embora trabalhando em campo um tanto saturado, o Poster Children sabe imprimir sua marca com muita personalidade. *Jeferson De Sousa*

VÁRIOS

Sony

Carlito's Way

Carlito's Way (*O Pagamento Final*) é cafona, exagerado, violento. E é um ótimo filme.

Al Pacino faz um traficante arrependido, louco pra escapar do submundo com sua garota e não consegue. Enquanto falha, ele troca alguns balaços, cheira e cuida de uma discoteca (imagine isso nas mãos de Brian de Palma). Aí entra a trilha sonora, cafona e exagerada. E é ótima! Tem som da Filadélfia ("I Love Music", do grupo vocal The O'Jays, com Rozalla; "TSOP – The Sounds Of Philadelphia", com MFSB And The Three Degrees), climas meio caribenhos do batidão disco de Miami ("Rock Your Baby", com Ed Terry) e mesmo o *sado cucaracho* do movimento, com Santana ("Oye Como Va"), Marc Anthony ("Parece Mentira") e Ray Barreto (com "Watusi"). Todas as trilhas tinham de ser assim, a cara do filme. *Otávio Rodrigues*

DEVOTOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Radical

Escondam suas irmãs, salvem suas mães, protejam a retaguarda. "Woodie Alien" e a trupe de excomungados tatuados chegaram finalmente com seu rockabilly berege. O primeiro disco dos Devotos – que reúnem George Johnson (ex-guitarrista do Kães Vadios), Victor Lete (bateria) e Luiz Thunderbird (baixo/vocal – tem tudo para agradar os topetudos e os "Beavis And Buttheads" em geral.

É o caso do GANGgajang na deliciosa "Sounds Of Them", incluída nesta coletânea.

Há enorme empatia entre bandas e surfistas. Formadores de opinião, muitos compendores australianos diziam para todo mundo, onde quer que estivessem, quais os grupos que os inspiravam.

Foi aí que surgiu essa história de *australian surf music*. Mesmo alguns anos atrasada (agora só dá reggae na beira da praia), essa coletânea já vale ouro por trazer The Cruel Sea – *slide-guitar band* debochada que causou o maior impacto no genial filme de surf *Green Iguana*, de Jack McCoy. Tem Deniz Dek, parecido com um TSOL menos pesado. E a banda aborígene Mixed Relations, que funde reggae com calipso em "Our Mother". Delícia! Dá vontade de conhecer o resto do disco.

The Best Of . é interessante pois, com canções de oito bandas, dá um bom apanhado do que rola naquele país, longe e inacessível. Dá até para desculpar a inclusão dos canadenses do Rush e dos alemães do Wizo. *Fred D'Orey*

Thunder canta melhor do que fala e em alguns momentos se sai muito bem – como em "1954" ou em "Devotos A Quem?" (que se parece com Titãs) e em "Abaixo".

Mas são nas músicas sem letras que eles batem um bolão. Primeiro com a despirocada "Va Fan Culo" – um ataque de porralouquice do baterista, que culmina na clássica cover de "Wipe Out" –, depois num set débil-instrumental: o country ligadão "Fubuios No Celeiro".

As duas mais legais do disco: "Tequila Boogie" e "I Lost My Mind In Cucamonga". Quanto às letras, todas seguem a cartilha de decência da TFP, se é que você me entende... *Alexandre Rossi*

VÁRIOS

PolyGram

The Best Of Australian Surf Music

Desde os tempos do Men At Work, a Austrália sempre foi uma mina de ótimas bandas muito bem afinadas com a galera do surf. Australian Crawl e Midnight Oil patrocinaram várias competições importantes nos anos 80 e Michael Hutchence, cantor do INXS, é amigão do campeão mundial de surf, Tom Carroll. Sem falar que muitos dos músicos pegam onda e cantam esse estilo de vida.

THE ROBERT CRAY BAND

PolyGram

Shame + A Sin

Robert Cray começa seu novo disco arremetendo contra os impostos e queixando-se de que trabalhou duro para ganhar seu dinheiro. Nem tanto... Além disso, Cray devia pagar imposto adicional por maltratar os ouvidos dos outros com seu "blues mauricinho". Falta *patibos* em Cray e na sua banda.

Ele domina a técnica, às vezes parece Eric Clapton (por isso que Clapton o pajera tanto), mas é um som para rolar em *happy hour*.

Neste disco ele quase engana com um blues de macho na faixa de abertura – a dos impostos – e não faz feio com o convidado Albert Collins em "You're Gonna Need Me".

Mas o todo é inferior à soma das partes e o resultado só é simpático. Uma música que não incomoda, límpida, depurada como um drinque afrescalhado. E a gente sabe: alguém pode querer ouvir Cole Porter tomando um *dry martini*, mas blues exige algo mais másculo. *José Flávio Jr.*

VÁRIOS

Devil

Fun, Milk & Destroy

Entre forró-cores, mangue beats e todo o novo movimento de MPopB, o hardcore brazuca legítimo deu as caras, finalmente.

João Gordo (leia-se Ratos De Porão) e o produtor R.H. Jackson resolveram selecionar cinco bandas de São Paulo, que produziram em um trabalho para aloprado nenhum botar defeito. Vide grupos como Muzzarelas, No Violence Kangaroos In Tilt, Intense Matter Of Living e Lethal Charge, alguns dos chapados que participam dessa coletânea. O cacete vai da primeira à última faixa, sem o menor sinal de trégua. Babaquices ideológicas que, convenhamos, já perderam o trem da história, deram lugar ao bom humor e à irreverência.

A porradaria desenfreada ganhou características dos anos 90, adotando a mistura como elemento principal. Do metal ao ot, passando pelo forró do IML, as músicas aqui agitam e divertem ao mesmo tempo. Os destaques ficam por conta das Muzzarelas – com influências explícitas de punk rock – e do Lethal Charge, o grupo mais pesado do álbum. *Robert Halfoun*

RATOS DE PORÃO

Roadrunner

Os Ratos De Porão conseguiram de novo. Evolução sem modinha. Aventura sem perder as raízes. E ainda tem mané que consegue chamar os caras de "traidores do movimento punk...".

Mudança nos Ratos foi sempre sinônimo de mais poder e perversão sonora ao extremo. O produtor importado por eles, Alex Newport (Fudge Tunnel, Nailbomb) conseguia destilar toda a fúria da banda, evitando os caminhos fáceis das podreiras metálicas e do industrialismo. O que se ouve neste disco é um som cru e agressivo. Como os Ratos sempre foram.

O baterista Boca está cada vez mais desenfreado, perfeitamente integrado com o novo baixista Waltão (ex-Não Religião). Jão alucina nas guitarras, enquanto João Gordo mostra que não é um sujeito de um berro só. Detona vocais cristivos, com uma surpreendente versatilidade.

O álbum é cacetada em cima de cacetada. "Vídeo Macumba" se inspirou no famigerado vídeo que Mike Patton deu a João Gordo (você já leu isso na BIZZ!). Deixa os malucos de cabelos em pé. "Ultra Seven Theme" traz uma pagação de primeira. Mas o melhor é a versão podreira de "Breakin' All The Rules", aquela do meloso Peter Frampton, toda recheada por beats rápidos e entrecortados por poderosas pancadas. *Carlos Eduardo Miranda*

MUDHONEY

Warner

Five Dollar Bob's Mock Cooter Stew

O título deste EP é algo como "O cozido de galeirão *(uma espécie de ave)* de cinco dolares do Bob".

É o segundo lançamento do Mudhoney pela *major* Warner (o primeiro deles foi o álbum *Piece Of Cake*), após anos de independência pela gravadora Sub Pop. Mas essa mudança não foi ruim.

Para provê-la, os reis do pedal *wah wah* gravaram *Piece Of Cake* em oito canais! *Five Dollar...* vem nessa trilha: cinco das sete faixas foram registradas ao tempo recorde de . 45 minutos.

As músicas, porem, não são só zoeira. "In The Blood" e "Between Me & You Kid" têm algo daquele sarro pop do Monkeywrench – grupo paralelo do cantor Mark Arm e do guitarrista Steve Turner. Isso talvez suscite a ira de alguns fãs mais ortodoxos. Que estes não se assustem: o Mudhoney de sempre está em auto-referências: "Make It Now Again", "Six Two One" e "Underide". Longa vida aos reis da sujeira. *Gabriela Dias*

DISCOS

SNOOP DOGGY DOGG

Warner

Doggystyle

Calvin Broadus, 22 anos, 1m85 de altura, atende pelo nome canino de Snoop Doggy Dog g e é protagonista de um dos casos mais extraordinários da história do showbiz.
Ex-presidiário, ele cumpriu pena por tráfico de drogas, foi preso de novo em agosto de 93, suspeito de matar a tiros um policial nas ruas de Los Angeles. Liberado sob fiança, agora aguarda julgamento. Quem baba ovos pelo Pearl Jam, que vendeu 950 mil cópias de seu último álbum em uma semana, precisa saber que *Doggystyle*, na mesma época, passou de dois milhões de exemplares arrematados em cinco dias, o que faz desse tal de Snoop Doggy Dogg o artista que teve a mais rápida ascensão no mundo da música nos últimos tempos.

Não é por acaso, não. O disco de Snoop é "bom pra c..." – desculpe, mas o nosso amigo despeja tal quantidade de palavrões que a gente fica contaminado. Há um contraste fascinante entre a brutalidade de seu discurso – o lance é fazer sexo adoidado, fumar muita maconha e meter uma bala na cabeça do gângster rival – e o magnetismo animal de seu rap, que segue deslizando macio sobre seus beats matadores e aqueles funks à la George Clinton. É só perceber que o single "Who Am I (What's My Name)?" – que toca direto no rádio e na MTV – é uma recriação de "Atomic Dog" (de Clinton) e pega na veia, imediatamente. Nota: no resto do disco, a produção é de Dr. Dre (ex-NWA) – e é tão eletrizante quanto.

Senhores jurados, um homem que reinventa o rap dessa maneira não pode ser de todo ruim. *Jean Yves De Neufville*

CARMEN ELECTRA

Warner

Não basta ser gostosa: é preciso ter talento. Carmen Electra, uma bela protegida de Prince, está com tudo em cima – pelo menos no que interessa (e aqui a escolha é sua). Anunciada como "a fêmea mais sexy do planeta", a jovem madona de Paisley Park derramou sua poesia tantalizante em quatro *grooves* do baixinho púrpura e os resultados foram mais que satisfatórios.

Entre uma e outra defendida na ecologia, Carmen pega forte no sexual: "Fantasia Erótica", por exemplo, uma de suas parcerias com Prince, dá bem uma idéia do clima da obra. O som é aquele de Minneapolis, envenenado para as pistas de dança. E a letra é assim: "Qualquer coisa que quiser que eu faça/Vou fazer com você. /Estou pondo minhas cartas na mesa/ enquanto tiro a roupa .." O vídeo deve ser uma loucura. *Lu Gomes*

FOREIGNER

Warner

Classic Hits Live

O Foreigner foi formado em 76, por três ingleses e três americanos, literalmente como um supergrupo. Não só pelo número de músicos – pois a dupla Lou Gramm (voz) e Mick Jones (guitarra) compunha tudo –, mas pelo som pegajoso.

O primeiro álbum foi estouro mundial. Em 82, Gramm levou prêmios como cantor e o sexteto virou quarteto. Em 85, os fãs não ouviram mais falar deles. Agora sai este disco ao vivo, gravado em vários concertos entre 77 e 85.

Catorze temas, quase só babanhas insossas de FM. Os melhores são aqueles mais pesados: "Women", faixas inéditas – "Not Fade Away" (Buddy Holly) e "Love Maker" mais o *grand finale* de "Feels Like The First Time". *Leopoldo Rey*

ARTIGO 288

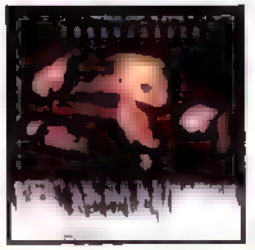
Radical

A Hora Da Verdade

Uéba! Pois até que enfim já começaram a pintar lançamentos de rap nacional na praça.

Não que antes não houvesse algo similar. É que o gênero – independente por excelência – sempre foi tão mal divulgado, que as vezes passava em brancas nuvens. Ou então, exigia um esforço sobre-humano para se conseguir uma simples copiazinha de vinil. Agora, as edições no gênero vêm até em CD!

Este *A Hora Da Verdade*, traz o Artigo 288 fazendo uma crônica um tanto nervosa da realidade. Um grupo carioca que bate o pau nos traficantes ("O Bicho Vai Pegar"), na polícia ("Artigo 330"), na pena de morte ("Poça De Sangue") e não poupa sequer um "ex-brother" que "se pintou de branco, afinou o nariz/esticou o cabelo e pensa ser feliz". Os arranjos são OK, mas não têm a criatividade e o impacto dos trabalhos do grupo paulista Racionais MC's, por exemplo: um grupo que – queiram ou não – é o mais respeitável parâmetro do rap nacional. De qualquer forma, este disco merece ser tocado em alto e bom som. Só especulando: quero ver qual é a emissora de rádio que vai ter a coragem de botar no ar uma música tão franca quanto "Artigo 330". *Jeferson de Sousa*



SOUNDGARDEN

PolyGram

Superunknown

São dezesseis loucuras que compõe *Superunknown* (ou então, "superdesconhecido"), novo disco do Soundgarden. Algo como a caixinha-de-surpresas que as contém. É um título apropriado: Em dez anos de carreira, o grupo nunca ousou tanto.

O quarto álbum deles vai do flerte com o pop ao punk rock, ou então da psicodelia sessentista às raízes metálicas no som da banda (como o Black Sabbath).

Exemplos: as faixas "Spoonman" (sua primeira música de trabalho) e "Let Me Drown" grudam logo na primeira audição; "Half" – uma das canções "viajandonas", feitas pelo baixista Ben Shepherd – emula, pasmem, uma cítara! Já "My Wave" caminha por um território pop (ouça o refrão, é macreditável!) trazendo um som de baixo que é pura distorção.

Mas nesse álbum ainda há ecos daquele Soundgarden que registrou trabalhos importantes como *Screaming Life* (o primeiro EP do grupo, editado pela Sub Pop, em 89) e *Louder Than Love* (90).

No final das contas, nem ruptura com o passado, nem apego às raízes: o que se apresenta é apenas um novo, um superdesconhecido Soundgarden. *Gabriela Dias*

THE VELVET UNDERGROUND

Warner

Live MCMXCIII

"A música moderna começa com os Velvets, e as implicações e a influência do que fizeram parecem continuar sempre... O único erro... seria romantizá-los demais". Endosso a frase do ilustre crítico americano, Lester Bangs. Penso que Lou Reed e John Cale também, pelas declarações iconoclastas sobre a volta do Velvet Underground em 93 – como um meio de "levantar uns trocos" para eles, Sterling Morrison e Moe Tucker. Uma forma de "alugar" músicos e críticos que se referem ao V.U. com adoração fingida e pouco conhecimento de causa.

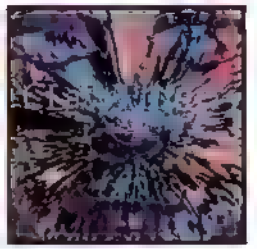
Sucesso popular o V.U. nunca obteve, e nem almejou – tanto que ao abrir os shows do U2 na Europa, tiveram audiências bem maiores do que reuniam nos anos 60. Mas seu legado se confirma na velha frase: "Se diz que esta banda teve apenas poucas centenas de fãs – mas cada um deles formou um grupo". Impossível listar aqui os 11 artistas que eles influenciaram, mas este comeback em dez faixas ao vivo impressiona – fora o CD duplo (23 canções), mais um vídeo e um *laser disc* (*Velvet Redux – Live MCMXCIII*).

Escute o disco e monte uma banda. Ou como disse Leany Kaye (produtor e ex-guitarrista do Patti Smith Group): "Eles foram um grupo que provou que se podia juntar o lado perverso da arte com o lado pop do rock'n'roll...". Mesmo após um quarto de século, o V.U. faz jus à lenda. *Caio Pucci*

CLAWFINGER

Warner

Deaf Dumb Blind Metal Hammer



Se você curte Red Hot Chili Peppers, Body Count, Ice T, Rage Against The Machine, não encontrará nesse Clawfinger nenhuma novidade em matéria de andamento, ritmo, estilo, batida, letras furiosas de protesto, palavrões contra mazelas da sociedade e adjacências. Mas, se for para fazer uma trilha em cassete para rodar por aí ou dar uma festinha, tudo se encaixa direitinho.

Porém, sempre tem um porém: como fazer tudo isso com um álbum intitulado surdo, mudo e cego? Esse estilo é marcado pelo contrário disso. E tem mais, essa banda é sueca e em seu país de origem, problemas como os tratados nas letras (racismo, custo de vida, violência policial), como "Nigger" e "The Truth", praticamente inexistem. Para quem os branquelos do Clawfinger clamam aos céus, então? Talvez se fossem de outro país com algum desses problemas, a coisa soasse mais hor e menos falsa. Podem também estar procurando um reconhecimento internacional melhor. E, segundo o encarte, nada de guitarras – tudo é carregado com *samples* e *loops* e muito peso sonoro. *Leopoldo Rey*

Esta última está neste segundo disco, que – além de candidato a melhor disco brasileiro de soul moderno em 94 – concorre como "mais comprido maxi-single", também. São sete faixas (com dois remixes de "Toda Noite", em um total de 35 minutos. Esse carioca ainda regravou "Given A Chance", de Babyface (na versão, "Me Dê Uma Chance") e "Deixar Você", pérola escondida de Gilberto Gil. E temos uma boa carga de Milton Guedes, novo membro da temível "família G." de saxofonistas (junto a Leo G. e Kenny G.) virtuoses e chatos. Mas aqui ele toca uma bem-vinda gaita de boca, saindo-se muito melhor, embora não se compare ao Maurício Einhorn ou ao Stevie Wonder. *Antton Mulinaire Jr.*

EDMON

PolyGram

Edmon? Quem mesmo?

Ah, sim..., era aquele cara que cantava o tema "Coração De Gelo" na novela *O Dono Do Mundo* e agora canta um outro chamado "Toda Noite" em *Olho No Olho*.

INDEX

O QUE ESTÁ CHEGANDO NAS LOJAS

POP/ROCK

AL GREEN
Don't Look Back
(BMG Ariola • vinil/CD/cassete)

ANDREAS VOLLENWEIDER
Eolian Minstrel
(Columbia/Sony • vinil/CD/cassete)

APACHE INDIAN
Nuff Vibes & Remixes
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

ART GARFUNKEL
Up Til Now
(Sony • vinil/CD/cassete)

ARTIGO 288
A Hora da Verdade
(Radical/EMI• vinil/CD)

CONCRETE BLONDE
Mexican Moon
(EMI • vinil/CD/cassete)

CROWDED HOUSE
Together Alone
(EMI • vinil/CD/cassete)

DAVE HOLE
Short Fuse Blues
(Warner • vinil/CD/cassete)

DAVID BOWIE
The Singles Collection 1
(EMI • vinil/CD/cassete)

DAVID BOWIE
The Singles Collection 2
(EMI• vinil/CD/cassete)

DEPECHE MODE
Songs of Faith and Devotion/Live...
(Warner • vinil/CD/cassete)

DEVOTOS DE N. S. APARECIDA
(Radical • vinil/CD)

DIANA ROSS
One Woman
(EMI • vinil/CD/cassete)

ED MOTTA
Ao Vivo
(Warner • vinil/CD/cassete)

EDMON
(Philips/PolyGram • maxi-single CD)

EVE'S PLUM
Envy
(Sony • vinil/CD/cassete)

FLOP
Whenever You're Ready
(Sony • vinil/CD/cassete,

GABRIELLE
Find Your Way
(PolyGram • vinil/CD/cassete,

GURU
Jazzmatazz/An Experimental
Fusion Of Hip-Hop
And Jazz
(EMI • vinil/CD/cassete)

HIS BOY ELROY
(Sony • vinil/CD/cassete)

HOT STUFF
Kind of Crime
(Continental • CD)

INFORMATION SOCIETY
Best Of Information Society
(Warner • vinil/CD/cassete)

JACKSON BROWNE
I'm Alive
(Warner • CD)

JOHN MICHAEL MONTGOMERY
Life's A Dance
(Continental • vinil/Cd/cassete)

JOHNNY HEARTSMAN
The Touch
(Warner • vinil/CD/cassete)

K.D. LANG
Even Cowgirls Get The Blues –
Trilha sonora
(Warner • CD

KEROSENE
Arrhythmia
(Warner • CD)

MARK KNOPFLER
Screenplaying
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

MICHAEL HEDGES
Strings of Steel
(BMG • vinil/CD/cassete)

MIKE OLDFIELD
Elements – The Best Of
(EMI • vinil/CD/cassete)

MINISTRY
Twitch
(Warner • vinil/CD/cassete)

OCTOBER PROJECT
October Project
(Sony • vinil/CD/cassete)

PASSPORT
Garden Of Eden
(Warner • CD)

QUIET RIOT
The Randy Rhoads Years
(Rhino • CD)

RADIOHEAD
Pablo Honey
(EMI • vinil/CD/cassete)

ROBERT CRAY
Shame + A Sin
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

RY COODER
Crossroads – Trilha sonora
(Warner • CD)

SANTANA
Sacred Fire – Live In
South America
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

SNOOP DOGGY DOGG
Doggystyle
(Warner • vinil/CD/cassete)

10.000 MANIACS
MTV Unplugged
(Warner • CD)

THE ROLLING STONES
Jump Back – The Best Of
(EMI • vinil/CD/cassete)

THE VELVET UNDERGROUND
Live MCMXCIII
(Warner • vinil/CD/cassete)

TRACY LAWRENCE
Alibis
(Continental • vinil/CD)

UAKTI
I Ching (1994)
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

US 3
Hand on the Torch
(EMI • vinil/CD/cassete)

VAN HALEN
Van Halen II
(Warner • CD)

VÁRIOS
Tommy/ The Movie – Trilha
sonora
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
The Best of Australia'n
Surf Music
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
Cool Runnings - Trilha sonora
(Sony • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
Carlito's Way - Trilha sonora
(Sony • vinil/CD/cassete)

YES
Highlights – The Very Best of
(Warner • vinil/CD/cassete)

MPB

VÂNIA BASTOS
Canta Mais
(Velas • vinil/CD)

A BIZZ organiza este índex a partir dos lançamentos que chegaram à nossa redação até o dia 10 de cada mês.
Nosso endereço é Av. Nações Unidas, 5.777, São Paulo (SP), CEP 05479-900

GO FOR IT!

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

BOLSA DE DISCOS

7,37

AFGHAN WHIGS • *Gentlemen* • Warner

7 8 • 6 5 6 9 8 10 •

7,00

STEEL PULSE • *Rastafari Centennial...* • BMG-Ariola

8 • 7 • 7 6 7 6 8 •

6,80

JESUS & MARY CHAIN • *The Sound Of Speed* • Warner

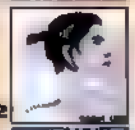
8 7 8 6 9 6 9 6 8 1

6,44

LEGIÃO URBANA • *Descobrimento Do Brasil* • EMI-Odeon

5 7 6 • 8 6 8 6 6 6

6,42



MARINA • *O Chamado* • EMI-Odeon

9 5 4 • 8 • 7 5 • 7

6,33

SALT'N'PEPA • *Very Necessary* • Sony

6 • • 6 6 • 5 7 8 •

6,16

THE POGUES • *Waiting For Herb* • Warner

8 4 • • • 5 8 6 • 6

6,11

LEMONHEADS • *Come On Feel The Lemonheads* • Warner

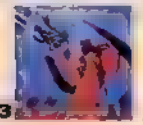
6 5 • 5 7 6 8 8 7 3

5,11

IRON MAIDEN • *Live At Donington* • EMI-Odeon

3 • 5 9 4 7 5 5 6 2

3,33



MEAT LOAF • *Bat Out Of Hell II...* • EMI-Odeon

0 • 6 7 5 5 5 0 0 2

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

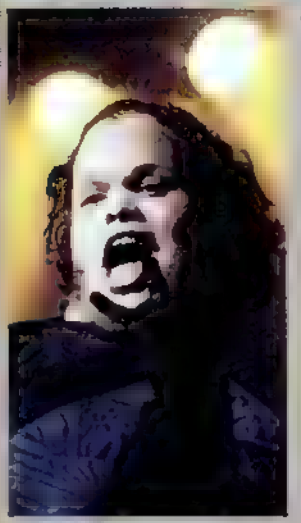
TOM PETTY já namorava os Byrds e o som agudo da guitarra Rickenbacker muito antes do R E M virar moda. Porém, em termos de Brasil, nunca teve seu talento devidamente reconhecido. Por isso é que este seu *Greatest Hits* (BMG-Ariola) é mais do que bem vindo. A coletânea traz a maioria dos sucessos desse guitarrista louro, alguns *B-sides* (como "Trailer") e duas faixas méditas produzidas pelo barbudão Rick Rubin. *S.M*

Uma prova de que *Alive III*, do **KISS**, devia ser um álbum duplo: foi lançado um pirata com dez músicas "fundamentais" (entre elas "Parasite", "Love Gun", "Cold Gun", "I Want You", "Firehouse", "War Machine" e "Shout It Out Loud") que não fazem parte do repertório prensado no disco. *Unchained & Unmasked*, gravado em setembro de 92 nos Estados Unidos, é para os fãs. Corra pra loja! O *bootleg* é legalizado na Itália, ou seja: acaba entrando como produto importado no Brasil. Não tem contravenção! *R.H.*

O que era um mini-álbum em 80 virou um CD com 21 faixas, incluindo *outtakes*, canções raras e méditas. Assim é *Super Black Market Clash*, edição especial que amplia, com honras, o lançamento original de catorze anos atrás do quarteto punk **THE CLASH**. Alô, Sony: ótima chance de enriquecer seu catálogo nacional. *C.P.*

Sheffield Steel, de **JOE COCKER** (Island, importado). Incomodado em encontrar aqui uma "novidade" de 82? Imagino que, como eu, uma legião está passando a discoteca a limpo: sai aquele LP, aquela fita que, pela nobreza, resistiu às últimas faxinas, e entra a versão digital, o *compact disc*, glorioso. Esse Cocker diferente, produzido por Chris Blackwell e Alex Sadkin – com canjas de Adrian Belew (Talking Heads), Robert Palmer, Jimmy Cliff, Wally Badarou, Sly Dunbar e Robbie Shakespeare – durou o quanto pôde num cassete. Renasceu agora, soando como novo, em todos os sentidos. Não dava pra não recomendar. *O.R.*

ARQUIVO PESSOAL



ED MOTTA

OS DEZ RECENTES

1 GUINGA • *Delírio Carioca* • Velas
2 STEELY DAN • *Citizen Steely Dan* • MCA
3 DONALD FAGEN • *Kamakiriad* • Reprise
4 BRECKER BROTHERS • *Straphangin'* • Arista
5 CLAUS OGERMAN • *Gates Of Dreams* • Warner
6 NORMAN CONNORS • *The Best Of* • Sequel
7 HEATWAVE • *Too Hot To Handle* • Epic
8 THE WHISPERS • *Imagination* • Solar
9 CHARLES MINGUS • *The Complete Debut Recordings* • Fantasy
10 INCOGNITO • *Tribes, Vibes And Scribes* • Verve Forecast

OS DEZ ETERNOS

1 STEELY DAN • *Katy Lied* • ABC
2 LED ZEPPELIN • *Physical Graffiti* • Swansong
3 TAKE 6 • *Take 6* • Reprise
4 GIL SCOTT-HERON & BRIAN JACKSON • *Winter In* • Strata-East
5 DONNY HATHAWAY • *Extension Of A Man* • Atlantic
6 BANDA BLACK RIO • *Maria Fumaça* • Warner
7 BILL EVANS • *Symbiosis* • Bait
8 EARTH, WIND AND FIRE • *Gratitude* • Columbia
9 ASWAD • *Live And Direct* • Island
10 TRAFFIC • *John Barleycorn Must Die* • Island

LEITORES

PEARL JAM • *Vs* • Sony
SEPULTURA • *Chaos A.D.* • Roadrunner
NEW ORDER • *Republic* • Factory
ENGENHEIROS DO HAWAII • *[illegible]* • BMG-Ariola
GABRIEL O PENSADOR • *[illegible]* • Sony
GUNS N' ROSES • *The Spaghetti Incident?* • Geffen
BLIND MELON • *Blind Melon* • Capitol
DEF LEPPARD • *Retro Active* • Mercury
MADONNA • *Erotica* • Warner

Apesar das cartas estarem chegando com força, a gente continua pedindo para você mandar sua relação de discos. Escreva para a **Parada Dos Leitores**. O endereço é Av. Nações Unidas, 1.777 CEP 05479-900 São Paulo/SP. Mas atenção: só valem os discos comprados nas últimas trinta dias.

LOJAS

GERAL

1 RACIONAIS MCs • *Sobrevivendo No Inferno* • EMI Odeon
2 GABRIEL O PENSADOR • *Gabriel O Pensador* • Sony
3 PEARL JAM • *Vs* • Sony
4 AEROSMITH • *Get A Grip* • BMG-Ariola
5 4 NON BLONDES • *Bigger, Better, Faster, More* • Warner
6 RUSH • *Counterparts* • PolyGram
7 IRON MAIDEN • *A Real Dead One* • Emi-Odeon
8 VÁRIOS • *Judgment Night* • Sony
9 CARLOS BARMOSA • *Portrados* • BMG-Ariola
10 CYPRESS HILL • *Black Sunday* • Sony

INDEPENDENTE

1 DIFALLA • *Kaiowas* • Sepultura
2 PATO FU • *Rotomusic De Liquidificapum* • Chaos
3 VIPER • *Manos In Japan Live* • Eldorado
4 AMEN CORNER • *Fall Asleep* • Cogumelo
5 REMEMBER • *Nothing Ain't Otherwise* • Rock Brigade
6 GAROTOS PODRES • *Canções De Ninar* • Musical
7 OVERDOSE • *Decadence Of Progress* • Cogumelo
8 RACIONAIS MCs • *Raio X Brasil* • Zimbabwe
9 SECOND COME • *You* • Rock It
10 GANGRENA GASOSA • *Welcome To Terreiro* • Rock It

Lojas consultadas: Aquarius, Barrafina Alive, Bossa Nova, Cactus, Cri Du Chat, Devil, Metalic, Musical Box, Sweet Jane e Woodstock (SP) Headbanger, Modern Sound e Sub Sons (RJ). Cânibo Negro e Cogumelo (MG), Pop Som (RS), Jukebox e Tamarindo (PR), em 10/01/94

parada

EUA

1 ALAN [illegible] • *[illegible]* • Columbia
2 MARIAH [illegible] • *[illegible]* • [illegible]
3 JOHN MELLENCAMP • *Human Wheels* • Mercury
4 SNOOP DOGGY DOGG • *Doggystyle* • Death Row/Interscope
5 TOM PETTY • *Greatest Hits* • MCA
6 [illegible] • *[illegible]* • [illegible]
7 SALT 'N' PEPA • *[illegible]* • [illegible]
8 BRYAN ADAMS • *So Far So Good* • A&M
9 R. KELLY • *12 Play* • Jive
10 TONI BRAXTON • *[illegible]* • [illegible]

GB Albums

1 CHAKA DEMUS & PLIERS • *Wise Me* • Mango
2 DIANA ROSS • *One Woman - The Ultimate Collection* • EMI
3 DIANA CARROLL • *So Close* • A&M
4 BRYAN ADAMS • *So Far So Good* • A&
5 REMIX • *Debut* • One Little Indian
6 4 PEOPLE • *Elegant Slumming* • Deconstruction
7 PHIL COLLINS • *Both Sides* • Virgin
8 MARIAH CAREY • *Music Box* • Columbia
9 TAKE THAT • *Always & Forever* • RCA
10 M PEOPLE • *Fresh Out Of Heaven* • Deconstruction

GB Singles

1 OASIS • *Live Forever* • Creation
2 BRYAN ADAMS • *All For Love* • A&M
3 K7 • *"Come Baby Come"* • Tommy Boy/Beat
4 TORI AMOS • *"Cornflake Girl"* • East West
5 CHAKA DEMUS & PLIERS • *Twist And Shout* • Mango
6 CULTURE BEAT • *Anything* • Epic
7 TONI BRAXTON • *Breathe Again* • Arista/LaFace
8 DEPECHE MODE • *In Your Room* • Mute
9 ENIGMA • *"Return To Innocence"* • Virgin
10 HADDAWAY • *"I Miss You"* • Logic/Arista

GB Independent

1 BJORK • *Debut* • One Little Indian
2 SUEDE • *Suede* • Nude
3 THE SHAMEN • *Boss Drum* • One Little Indian
4 THE LEVELLERS • *The Levellers* • Cooking Vinyl
5 THE LEVELLERS • *[illegible]* • [illegible]
6 [illegible] • *[illegible]* • [illegible]
7 [illegible] • *[illegible]* • [illegible]
8 [illegible] • *[illegible]* • [illegible]
9 APHEX TWIN • *Selected Ambient Works* • Apollo/R&S
10 [illegible] • *[illegible]* • [illegible]

REPLAY

ALTOS E BAIXOS EM 24 ANOS REVISITADOS

Os compactos de David Bowie são reunidos em uma edição desigual

Vamos convir: há um limite para tudo, menos para a febre de caixas/antologias que assola o mercado fonográfico. A Rykodisc, que nos dois últimos anos relançou álbuns e coletâneas de **DAVID BOWIE** – inclusive no Brasil, via EMI-Odeon –, agora vem com **The Singles – 1969 To 1993**.

São quase quarenta faixas, em uma edição dispensável, exceto para completistas. Nada contra o primeiro disco, com singles pinçados entre *Space Oddity* (69) e *Low* (77). Mas no segundo terço do outro – após "Scary Monsters (And Super Creeps)" (80) –, a coisa muda. Afinal, só fanáticos aturam babas como "Day In, Day Out", "Absolute Beginners", "Never Let Me Down", ou tristes duetos com Mick Jagger ("Dancing In The Street"), Pat Metheny ("This Is Not America") etc – dando o devido desconto para as faixas de *Let's Dance* (83). Resumo: vá atrás dos álbuns legais. *Celso Pucci*

EM BUSCA DA VOZ PERDIDA

Uma antologia de raridades do bardo irlandês no início de sua carreira solo

Ao longo de quase trinta anos, o cantor e compositor **VAN MORRISON** tem sido uma das mais brilhantes e criativas forças do rock. O selo português Movieplay põe no mercado nacional um lado obscuro de seu legado no CD **The Lost Tapes – Vol. I**.

Em 67, Morrison deixou o Them e foi para os EUA trabalhar com o produtor Bert Berns, que tinha vários sucessos na época, inclusive "Twist And Shout". *The Lost Tapes* traz o registro da parceria Morrison/Berns.

A princípio, a coisa funcionou muito bem, tanto que Morrison conseguiu o seu maior sucesso: a *pop song* "Brown Eyed Girl".

Só que Berns via Morrison como um artista nas paradas, não como um músico criativo. Ele não gostou e abandonou o barco. Embora Morrison tenha se queixado deste período, muita coisa é interessante até hoje. Se você duvida, ouça "T B Sheets", que por quase dez minutos leva o ouvinte numa viagem de morte e de loucura. Além do material lançado na época, esta edição mistura várias gravações inéditas, com Morrison experimentando jazz, folk e blues – sua maior paixão. Uma pequena mostra do que ele faria em *Astral Weeks* (68) e em *Moondance* (70), discos que mudaram o panorama do rock. *Paulo Cavalcanti*

NA TRILHA DO INFERNO

Em CD, o ato final do AC/DC junto ao cantor Bon Scott

Ainda que os fãs considerem os álbuns *For Those About To Rock (We Salute You)* e *Let There Be Rock* como os melhores do **AC/DC**, foi por meio da devastação sensorial do hecatômbico **Highway To Hell** que esses australianos abriram as portas do sucesso. Lançado em 79 (e agora finalmente disponível no formato CD no Brasil, via Warner), a gravação – cuja capa traz o guitarrista Angus Young travestido como um horrendo Belzebu – antecipou o retorno do heavy metal às paradas dos EUA e da Inglaterra. Mesmo os nomes das faixas faziam alusões à alta octanagem deles: "In Flames", "Touch Too Much" "Get It Hot" e "Shot Down In Flames".

Infelizmente, este álbum acabou entrando para a história ao registrar a última aparição do cantor Bon Scott *(à direita, na capa do disco,* com o grupo: em fevereiro de 80, ele morreu num hospital londrino, vítima de um coma alcoólico. Como ele dizia, "If you want blood, you've got it..." *Arthur G. Couto Duarte*

DEPOIMENTOS **JUKEBOX** IMPORTADOS

GRAM PARSONS

Desgraça pouca é bobagem! Mote certo para os parcos 26 anos vividos por um dos maiores – mas quase ignorado – dos criadores do country rock: **GRAM PARSONS**.

Nascido Cecil Connor, viveu a infância e o início da adolescência entre a Flórida e a Geórgia, aprendendo a tocar com o pai, Coon Dog Taylor, músico country que se suicidou quando Gram tinha 13 anos. Após a mãe se casar outra vez, adotou novo nome e o sobrenome do padrasto (um alcoólatra que morreu no mesmo dia que Parsons se formou). Logo caiu fora de casa e foi para Nova York, onde vivia à custa de tocar em botecos. Daí montou a International Submarine Band, mas em 68 migrou para Los Angeles, lá conheceu Chris Hillman, baixista do aclamado The Byrds, que o levou para o grupo. Ficou só três meses com eles, suficientes para gravar o álbum *Sweetheart Of The Rodeo* –, antes de sair com Hillman para nova empreitada, The Flying Burrito Brothers, com os quais fez apenas dois discos – *The Gilded Palace Of Sin* (69) e *Burrito Deluxe* (70) –, ir seguir em carreira solo, mas sofreu um acidente de moto e só em 72 foi gravar seu álbum. Nesse interim, conheceu Emmylou Harris (cantora, compositora e *partner* de Gram até sua morte, em 73) e tornou-se amigo íntimo de Keith Richards, influenciando os Rolling Stones em canções como "Sweet Virginia" (onde fez vocais), "Dead Flowers" e "Wild Horses".

Gravou outro disco, que não chegou a ver concluído. Estava em Joshua Tree (no deserto Mojave, Califórnia), quando morreu sob "circunstâncias misteriosas" – leia-se "uma baita overdose". O toque bizarro da história: seu *manager*, Phil Kaufman, e mais um amigo roubaram o cadáver de Parsons da estação de trem, de onde seguiria para o enterro, em Nova Orleans. A dupla voltou com o corpo para Joshua Tree, onde o cremaram – desejo confesso de Gram. Suas cinzas se espalharam pelo deserto, mas a música que fez continuou a pulsar em Emmylou, no country rock safra 70 (The Eagles, Poco), em Elvis Costello e em outros discípulos deste pioneiro. *Celso Pucci*

DISCO SELECIONADO

G.P./Grievous Angel (94 Reprise)

CD que reúne os dois únicos álbuns gravados por Gram Parsons (em 72 e 73, respectivamente). O disco está disponível nos EUA, na Europa e no Japão. Mas – que pena! – não há previsão de ser lançado no Brasil.

ZONA FRANCA
LANÇAMENTOS INTERNACIONAIS

BARULHO COM MELODIA

A partir da esquerda: Raymond McGinley (voz/guitarra), Gerry Love (baixo), Norman Blake (voz/guitarra) & Brendan O'Hare (bateria)

O **TEENAGE FANCLUB** é uma das melhores bandas de noise pop do planeta. Esse quarteto escocês faz um som de garagem açucarado por uma pegada pop irresistível. Diferente dos outros filhotes do Sonic Youth que flertam com microfonias e guitarras Jazzmaster – notadamente Polvo, Yo La Tengo etc. – o TF prefere a simplicidade às longas viagens de noise. Suas músicas raramente ultrapassam os três minutos e os refrões pegajosamente competentes lembram os Beatles por volta de 63, só que ampl ficados por uma dúzia de pedais *fuzz*.

Thirteen (Geffen), é o terceiro álbum deles – *Bandwagonesque* (91), saiu no Brasil, mas seu disco de estréia, *A Catholic Education* (90), continua inédito em *terra brasilis*.

O novo é menos pesado que os anteriores. Das treze faixas, pelo menos oito são baladas. Sei que o metaleiro de plantão já vai soltar brados de indignação. "Balada, nem pensar!" Calma, fã do Pantera. Por acaso "Needles And Pins" não é uma balada? E mais: se você tiver algum sentimento dentro desse seu coração de pedra, com certeza vai conseguir apreciar bastante esse disquinho.

Não que seja nenhuma maravilha. Algumas canções, como "120 Minutes", têm letras bobas ("Não quero ficar louco/Não quero amar em vão") e outras são realmente entediantes e frouxas. Mas quando o Teenage Fanclub acerta a mão – como em "Hang On", "Escher", "The Cabbage" e "Radio" –, o mundo se torna um lugar mais agradável. *André Barcinski*

O RAP QUE VEIO DA TRIBO

ATCQ: jazz, sedução e sexo na nova investida

Formado por Q-Tip, Phife Dawg e MR Muhummad, **A TRIBE CALLED QUEST** é um grupo que pode até não vender tanto quanto Snoop Doggy Dog e Public Enemy, mas está fazendo um trabalho mais interessante. Duvida? Então passe pela importadora mais próxima e ouça **Midnight Marauders** (Jive), o terceiro e mais recente álbum deles.

O disco é simplesmente maravilhoso. Uma robótica voz de mulher anuncia o começo de uma viagem pelos terrenos do jazz, cheios de samplers de saxofone e de trompetes (Freddie Hubbard é um deles) bem colocados, como as melodias de baixo, um bom gosto do DJ Ali.

As letras passam longe do universo cheio de palavrões do gansta rap. Q-Tip, um dos poetas mais conceituados do estilo, mostra que não abusa do "fuck" ao falar em sedução e sexo – vide "Electric Relaxation" e "Midnight". E o mesmo acontece nas letras "de mensagem". "Sucka Nigga" é um marco. Trata-se de uma esculhambação aos negros sem um palavrão sequer em sua poesia. O disco ainda conta com a participação do De La Soul em "Award Tour", cujo clip anda rolando nos programas de TV especializados no gênero. Ouça *Midnight Marauders* e mude o seu conceito sobre a mesmice do rap americano. *Sergio Martins*

grunge é a mãe!

Nem tudo o que vem de Seattle é grunge. Ainda bem! **PAW** é o exemplo perfeito de que boa parte dos grupos daquele pedaço dos EUA sequer passa perto da onda pegajosa que tomou as rádios em 93. Não parece com Nirvana, não lembra Soundgarden e o melhor: o vocal não tem nada de Eddie Vedder. Ah, e as letras não são cabeçudas.

Seu álbum de estreia, **Dragline** (A&M), transita pelo pop sem preconceito, mas é pesadão. Às vezes lembra Rollins Band, é quase tão repetitivo quanto o Helmet, soando mais deprê em alguns momentos e mais furioso em outros. Aliás, essa é a principal tendência no som de 94. O disco tem passagens alegrinhas, refrões melodiosos, dedilhados em violões e em guitarras distorcidas. Outro destaque: a voz potente de Mark Hennessx, que dá o tom agressivo ao grupo, até quando eles ameaçam com baladinhas. Não vai ter pra ninguem, pode apostar! *Robert Malfoun*

Surf Music Futurista

Jan And Dean, os Ventures e os Beach Boys evaram a fama, mas **DICK DALE** (no single Let's Go Trippin' ") foi quem deu as bases da surf music. Ele ainda é reverenciado na costa este americana, tanto por seu staccato (modo de tocar notas "secas", sem deixá-las soar),

quanto pela invenção – junto a Leo Fender – do amplificador Twin Reverb. Agora, ele volta à ativa com o superlativo **Tribal Thunder** (Highton). Mesmo cinquentão e sem gravar há quase dez anos, ele mostra porque influenciou *guitar heroes* como Jody Harris (da ex-banda de Lou Reed) e Lee Ranaldo (Sonic Youth). As músicas inéditas ("The Eliminator", "Nitro", "Tribal Thunder") fluem à mil por hora entre solos fulminantes e *standards* do gênero – vide "Rumble", de Link Wray – merecem arranjos *up to date*. Acredite, o verão do próximo milênio começa aqui. *Arthur G. Couto Duarte*

ZONA FRANCA

VIAGEM PELAS PISTAS

Dois discos mostram que o ambient techno é o rock progressivo dos 90. **Live '93**, de **THE ORB** (Big Life) reúne músicas "eno-o-o-ormes" dos reis ingleses do gênero como "Towers Of Dub", "Blue Room" e "Little Fluffy Clouds" em versões ao vivo mais "eno-o-o-ormes" ainda. Em vinil é quádruplo, em CD, duplo. Por mais que as viagens cósmicas da banda – algo como Tangerine Dream cruzado com Tackhead – sejam legais e o repertório tenha sofrido mudanças e acréscimos, uma servida de manteiga numa primeira não cobre uma bengala de pão.

JAM & SPOON escaparam por pouco de deitar e rolar no excesso. Isso porque separaram seu álbum de estréia, **Tripomatic Fairytales** (Epic), em dois volumes: *2001*, com o techno trance comendo solto e *2002*, repleto de flutuações ambientais e devaneios siderais. Com material novo, os alemães continuam com o mesmo brilho impecável que fez da faixa "Stella" (92) um monumento ao trance. Inclui o novo e impressionante single "Follow Me". CAMILO ROCHA

Não há dúvidas de que a cultura hip hop invadiu o mundo como uma opção muito tentadora para a juventude. Tanto quanto o rock, diga-se. Duvidas? Pois ouça **Planet Rap (A Sample Of The World)**, uma coletânea da gravadora especializada Tommy Boy que traça um panorama mundial do gênero.

Tem de tudo um pouco: do indispensável francês **MC SOLAAR** ao surpreendente gangsta japonês **MICROPHONE PAGER**. Quem acha que rap para ser bom tem que vir da terra de Tio Sam ficará chocado ao se deparar com as músicas registradas por rappers desconhecidos de diversos países – vide **BOOTFUNK** (Dinamarca), **MVP** (Canadá), **ARTICOLO 13** (Itália) e **PROPHETS OF THE CITY** (África do Sul).

As faixas mais fraquinhas desta coletânea acabam ficando por conta do grupo alemão **DIE FANTASTISCHEN VIER** (que é pop demais) e – vergonha das vergonhas! – uma tremenda armação feita por uns baianos radicados em Nova York que atende pelo nome de **MD MC's** (os caras conseguiram vender um samba reggae bem safado, a título de rap).

Os Racionais MC's bem que mereciam uma chance dessas. JEFERSON DE SOUSA

HARAQUIRI MUSICAL

Imagine um trio composto de japonesinhas aparentemente normais fazendo música *bubblegum* e cantando em um inglês que os americanos classificaram como ESL ("English as a Second Language", "inglês como segundo idioma"). Imagine-as com um visual muito próprio, repleto de referências aos anos 50. Imagine todo essa loucura e você terá uma vaga idéia do que é o **SHONEN KNIFE**.

A idéia tresloucada de juntar melodias ultra-pop com guitarrinhas ramonescas foi de duas irmãs chamadas Naoko e Atsuko Yamano (vocais/guitarra/garra e vocais/bateria/percussão, respectivamente). Junto com Michie Nakatani (vocais/baixo/teclados), formaram um grupo que já tem sete álbuns e muitos fãs – Kurt Cobain (Nirvana) e Thurston Moore (Sonic Youth) entre eles.

A mais recente piada delas é **Rock Animals**, que acaba de sair. As letras são de um *nonsense* impagável ("Johnny é um cara comum/Ele é o cara mais legal da cidade / Ele é bom em arco e flecha/Yeah! yeah! yeah!"). E ainda há bons "adicionais": a mixagem é de Don Flemming, do Gumball, e "Butterfly Boy" tem o já citado Thurston na guitarra base.

Agora, que assinaram com a poderosa Virgin, estas nativas de Osaka, ex-secretárias e ex-estilistas (Atsuko é a responsável pelo lado visual da banda), devem dar muito o que falar – e mais ainda do que rir. GABRIELA DIAS

O punk pop do trio de japinhas, conquistando fãs como Kurt Cobain e Thurston Moore

Também saindo do forno...

■ **ALTERN 8. THE ORB, THE SHAMEN & OUTROS • YMO Reconstructed** (Moonshine) A turma da ambient dance em tributo ao precursor trio japonês dos anos 70 (que tinha Ryuichi Sakamoto)

■ **BILL LASWELL, BERNIE WORRELL, BOOTSY COLLINS JAH WOBBLE & OUTROS • Divination – Ambient Dub Vol 1 (Praxis Sacrifist) & II (Dead Slow)** (Axiom) O líder do Material apresenta dubs "viajantes" e convidados muito especiais

■ **FRANK ZAPPA, JOHN CALE, LAURIE ANDERSON, RYUICHI SAKAMOTO, YOKO ONO & OUTROS • A Chance Operation – The John Cage Tribute** (Koch International Classics) Um eclético time em tributo ao compositor de vanguarda

■ **THE GODFATHERS • (The Godfathers)** (Intercord) Uma nova empreitada do quinteto, como sempre baseada no rhythm'n'blues

■ **MATERIAL • Hallucination Engine** (Axiom) O grupo de Bill Laswell, com Bernie Worrell, Bootsy Collins e William S. Burroughs

■ **THE WALKABOUTS • Satisfied Mind** (Sub Pop) Grupo "de Seattle", em disco cuja maior influência é a country music. CELSO PUCCI

CONFLITO DE GERAÇÕES

Passando pela banca de jornal, vi a BIZZ 102 – e quem estava na capa? Não acredito: ZZ Top! Finalmente pude mostrar a todos quem eles são. Vou enquadrar a reportagem – a primeira bem feita a respeito do trio, no Brasil.

Carlos Gomes
São Paulo/SP

Gostaria bastante que a revista publicasse mais matérias como a do Frank Zappa. Eu o conhecia pouco e agora me interesso pela sua obra. Sugiro alguns nomes que não recebem o tratamento adequado da mídia: Kiss e Aerosmith. De resto, tudo está melhorando, inclusive o espaço para bandas novas. E que voltem as fichas.

André Panizza
Jundiaí/SP

Eu leio a BIZZ desde o nº 0, mas só agora resolvi escrever. É que a edição de janeiro estava fantástica, uma das melhores da década! História do Zappa, entrevista com ZZ Top e show do Paul McCartney: continuem assim, cambada.

Antônio C. M. Peixoto
São Paulo/SP

Em 93, a BIZZ abriu o leque para que os leitores pudessem conhecer as "carnes novas" estrangeiras e brazucas. Mas agora em 94... Que avacalhação! ZZ Top na capa foi de lascar.

José Roberto Ferreira
São José dos Campos/SP

E=MC²

Acho que a BIZZ devera dedicar mais espaço para reportagens com grupos e cantores mais antigos. Esses jovenzinhos que lêem a revista precisam beber mais na fonte para saberem o que estão ouvindo hoje.

Romeu Pereira Ramos
Coração de Jesus/MG

Que tal fazer entrevistas com as bandas alternativas brazucas que estão surgindo? Não adianta só um pequeno espaço como a Gomgem: precisamos de mais informação!

Tânia Cristina Carmonário
São Paulo/SP

Há três anos leio esta revista e, nesse pouco tempo, ela tem mudado muito, e para pior. A BIZZ está se preocupando muito com o visual e esquecendo a qualidade dos textos.

Outra coisa: hip hop, reggae. Olodum? Que negócio é esse? Essa era uma revista de rock! Daqui a pouco, Leandro e Leonardo vão estar na capa.

Manuela Araújo Miranda
Campina Grande/PB

Eu queria saber se essa revista é de música ou só de rock. Parece que na BIZZ só se fala dessas porcarias de roqueiros. Quero ver uma matéria sobre o Michael Jackson logo – eu já pedi antes, mas vocês não me atenderam.

Renato de Oliveira
Mirandópolis/SP

Tenho notado que, nas últimas edições, a revista ficou mais eclética. E melhor. Fala sobre a nova MPB, coloca nomes como Gilberto Gil e Jorge Ben Jor na seção Replay... Jovem também ouve música popular brasileira!

Tertuliano Lima Neto
São Paulo/SP

Este leitor assíduo acha que a seção Lançamentos melhorou bastante (passou a falar mais dos discos e menos da vida do cantor ou da banda), mas que ainda está incompleta. Vocês poderiam informar quais as melhores canções, o número de músicas e a duração de cada CD. Em Parada, seria legal incluir as músicas mais ouvidas pelos leitores de BIZZ, bem como os clips mais pedidos na MTV. Uma seção sobre equipamentos, lançamentos de aparelhos de som e técnicas avançadas também seria interessante. E as letras traduzidas deveriam ser incluídas na própria BIZZ. Tenho dito.

Giovanni Schmidt
Rio de Janeiro/RJ

HOLLYWOOD POLÊMICO

A transmissão do Hollywood Rock feita pela Rede Globo foi horrível. Aerosmith e Robert Plant na íntegra e só duas músicas do Sepultura. As pessoas deste país não dão muito valor às bandas de rock brasileiro.

Renato F. Lima/SP

Quanto à polêmica do Sepultura no Hollywood Rock: tenho certeza que Max jamais pisaria na bandeira nacional de propósito. É óbvio, também, que ele não cuspiu nela, como alguns repórteres idiotas disseram. Por que não aconteceu nada com a Madonna quando ela se enrolou no "símbolo nacional"? O povo brasileiro deveria se preocupar com coisas mais importantes.

Reinaldo Pires
São Sebastião/SP

FIM DA PICADA

Pelo amor de Deus, essa foi dose! Eu estava preenchendo aquela carta-resposta incluída na BIZZ 102 quando, no item clip, concorrendo com, entre outros, Legião Urbana, Titãs e Sepultura, eu vi... Mara Maravilha! Só pode ser brincadeira! Gosto muito da BIZZ, mas isto foi o fim da picada!

Ismael Hansen Moldaner
Estância Velha/RS

CASOS DE POLÍCIA?

Vimos por meio desta fazer uma denúncia contra a rádio jovem Pan FM, de São Paulo, que havia aberto um espaço pra fãs-clubes solicitarem gravações raras, informações etc. Somos presidentes do fã-clube "Tears For Fears Brazil Service" e, na época do lançamento do single "Break It Down Again", procuramos a rádio para nos gravar, antes, o single. Fomos gentilmente recepcionados pelo senhor Billy, que prometeu a gravação em dois dias. Entregamos uma fita virgem, uma outra gravada com músicas inéditas e o CD *Sowing The Seeds Of Love* com uma faixa também inédita (raridade). Resultado: um mês depois, a fita foi devolvida sem nada gravado. A essas alturas, já tínhamos conseguido o single importado; estávamos mais preocupados em reaver nosso material...

Paula e Demétrios
São Paulo/SP

O CD nacional de Very, do Pet Shop Boys, simplesmente não tem a música escondida que, na versão importada, aparece mais ou menos um minuto após o final da música "Go West". Isso só mostra o desrespeito que as gravadoras têm com os consumidores e fãs.

Márcio Trabasso
Descalvado/SP

NINGUÉM PRECISA ENTENDER

Se a crítica "descolada", as rádios manipuladas e a meia dúzia de babacas que "veste" music wear e vai aos shoppings não reconhece, problema deles. A música brasileira (qualquer tendência) fala por si. Fantástico o que alguns – justiça seja feita – artistas andam produzindo. Como se não bastasse a moçada jovem (Pato Fu, Gabriel), os veteranos também detonam. Legião "redescobre o Brasil" (com seu melhor trabalho em quinze anos), Titãs faz merecer todos os superlativos gramaticais (mesmo sem Arnaldo Antunes) e Lobão faz tour *à la* João Gilberto de banquinho e viola. Sem falar do Ben Jor! Pra quem entende de música (e escuta o que quer), a estética Barbie está sepultada. Ainda bem que a mídia não "sabe" que país é esse.

Jeann Marcus
Maceió/AL

Escrevam: BIZZ, A/C Cartas, Av. Nações Unidas, 5777, São Paulo/SP, CEP 05479-900.

Foram mais de 4 mil sugestões de slogans no concurso promovido pela **aiwa** entre os leitores da Revista BIZZ. Esta grande participação mostrou o interesse que a chegada de **aiwa** despertou entre os "maníacos de som". A frase vencedora, de Luis Claudio Ferreira da Silva, premiada com um Mini-System NSX 320, reflete o prestígio da marca, que já conquistou o mundo todo e agora chega ao Brasil.

"aiwa. QUALIDADE QUE MARCA."

aiwa

Av. Brasil, 1008 - Jardim América - Tel.: (011) 280 7911 Fax.: (011) 64 3186

As letras dos sucessos que você curte estão na revista

LETRAS TRADUZIDAS

EM ABRIL ELA ESTARÁ DE VOLTA

EDITORA AZUL

EDITORA **AZUL**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor-chefe: Otavio Rodrigues
Edito especial: Celso de Salles Pucci
Editor de arte: Richard Kovacs
Repórter sênior: Lu Gomes
Editores-assistentes: Gabriela Dias, Sérgio Martins
Editor assistente de arte: Antônio Fernando Moura
Diagramador: Flávio Vianna
Coordenador de produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondentes: Anamaria G. Lemos (Londres), José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Ademir Assumpção, Alex Antunes, Alexandre Rossi, Álvaro Pereira Jr., André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Arthur Veríssimo, Ayrton Mugnaini, Camilo Rocha, Carlos Albuquerque, Carlos Eduardo Miranda, Cecília Mão, Celso Fioravante, Celso Fonseca, Claudio Campos, Cláudia Lima, Cristiane Fontes, Cristina Ruiz, Dagomir Marquezi, Edmundo Barreiros, Eduardo Bid, Fabio Massari, Felipe Zobaran, Fernando Costa Netto, Fred D'Orey, Geraldo Carvalho, Giovana Hallack, Hagamenon Brito, Inaê Riveras, Jan Fjeld, Jeferson de Souza, Jota Joe, João Ricardo Lima, Juliana Parlato, Lourival C.S. Júnior, Lúcio Ribeiro, Marcel Plasse, Marilda Mascarenhas, Paulo Cavalcanti, Robert Halfoun, Rodrigo Leão, Virgínia Guilhon, Zeca Camargo.
Fotos: André Sader, Angelo Pastorello, Araquém Alcântara, Christian Knepper, Cida Souza, Claudio Elisabetsky, Dimang Kon Beu, Jorge Rosenberg, Luciana da Justa, Marcos Prado, Penna Prearo, Rogerio Albuquerque, Rose Manalu, Rui Mendes, Sergio Nedal. **Arte:** Walkyria Garotti. **Ilustrações:** Calvin, Carlinhos, Di Sumida, Matangra, Speto, Fábio Colbuco.

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palumares, Fabio Gomes Dias, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Bortolz, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochinaca Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antônio Peressinoto, Igor Ausan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arnivaldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Coin Ponconi

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosiane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Lúcia de Lima Dória Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 104 março de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080 Centro, tel. (021) 532-0113, fax (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte deste cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Grafcolor, Proposta Editorial
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA **AZUL**

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7066 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1940 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone (001212) 557-5990/5993 - Telex (00) 237670 - Fax (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone (00331) 42.66.31.48 - Telex (0042) 660731 ABRILPA - Fax (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel. (061) 223-2134 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônia Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7975
Minas Gerais: MAM Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e fax (031) 224-9534
Paraná: MLC - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2814
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax (051) 223-9528
Santa Catarina: Dr. Speranza - Rua Dr. Arlindo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel. (0482) 32-0519

PM Noite
RPC Dia e Noite.
RPC 100.5 FM

ROCK ALTERNATIVO, PROGRESSIVO, HARD, ETC.
SWEET JANE ROCK RECORDS
AS ÚLTIMAS NOVIDADES IMPORTADAS EM CD, CD SINGLE, VHS E V. LASER.
ACEITAMOS ENCOMENDAS EUA/EUROPA
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL.
Temos boxes de Ozric Tentacles, Hendrix, Janis, Depeche, Zeppelin, ELP, Velvet, REM, Police, Beach Boys, Syd Barrett, Cocteau Twins, Stranglers, Yes, Jethro, James Brown, Mike Oldfield, Otis Redding, etc.
AV PAULISTA, 726 - LJ. 9/10
SÃO PAULO - SP - FONE: (011) 288-4847

BIZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304
EDITORA AZUL

SUPER ULTRA HIPER ANIMAL

NAS BANCAS
EDITORA AZUL

D|B

discoteca básica

THE MONKEES
Pisces, Aquarius, Capricorn & Jones, Ltd.

PERFORMANCE

Lançamento 1967 **Produção** Não creditada **Faixas** "Salesman" • "She Hangs Out" • "The Door Into Summer" • "Love Is Only Sleeping" • "Cuddly Toy" • "Words" • "Hard To Believe" • "What Am I Doing Hangin' Round?" • "Peter Percival Patterson's Pet Pig Porky" • "Pleasant Valley Sunday" • "Daily Nightly" • "Don't Call On Me" • "Star Collector" **Notas** O álbum foi primeiro lugar nos EUA (o single "Pleasant Valley Sunday" chegou em terceiro) e quinto na parada inglesa • Entre os candidatos "testados" para o quarteto estavam Stephen Stills (reprovado por causa de seus dentes) e Danny Hutton (depois, do Three Dog Night) • No lançamento de *Pisces ...* em Londres, o grupo conheceu Jimi Hendrix e o convidou para abrir sua turnê nos EUA, coisa de uns poucos shows, pois a platéia "comportada" dos Monkees não estava preparada para as loucuras do negão • Dos quatro, só Michael Nesmith se firmou depois, como compositor de country rock **Formatos** Em CD nos EUA e na Alemanha; no Brasil, foi lançado só em vinil, mas está fora de catálogo.

A partir da esquerda: Peter Tork, Mickey Dolenz, David Jones & Michael Nesmith, loucos à solta nos anos 60

Esqueça tudo sobre Velvet Underground ou sobre Syd Barrett. Os sujeitos mais injustiçados de toda a história da música pop foram do quarteto The Monkees.

Os termos que a imprensa usa hoje (*hype*, armação etc.) foram usados por veículos musicais "sérios" para definir o grupo como uma cria do estúdio Columbia, que em 65 selecionou – entre os mais de quinhentos candidatos – quatro mancebos para estrelarem uma série de TV, nos moldes dos filmes *A Hard Day's Night* e *Help!*, dos Beatles. Para o cobiçado papel de conjunto de rock: Mickey Dolenz (bateria/voz), David Jones (guitarra/voz), Peter Tork (baixo/voz) e Michael Nesmith (guitarra/voz).

O seriado estreou em 66 e detonou uma verdadeira *monkeemania*, que se estendeu aos discos. Nos dois primeiros, *The Monkees* (66) e *More Of The Monkees* (67) eles só cantavam, acompanhados por músicos de estúdio. As canções eram de "proveteiros" como Neil Diamond, David Gates, Tommy Boyce e Bobby Hart. Só que, impulsionados pela maluquíssima série de TV (produzida pelo não menos maluco Bob Rafelson), os álbuns grudavam feito pixe nas paradas, para ódio dos críticos cabeças, que viam neles algo tão relevante quanto, digamos, o desenho *Os Impossíveis*. A situação não agradava à banda que, junto ao sucesso que obtia, exigia liberdade para tocar e compor como gente grande. Largaram de seus produtores e lançaram *Headquarters* (67), decidindo sobre toda a elaboração do disco. Ganharam a admiração de Frank Zappa ("Pelo menos, são bem produzidos", disse o saudoso Mr. Z), Jack Nicholson (roteirista de *Head*, no Brasil, *Os Monkees Estão À Solta*), James Frawley e outros desqualificados sociais.

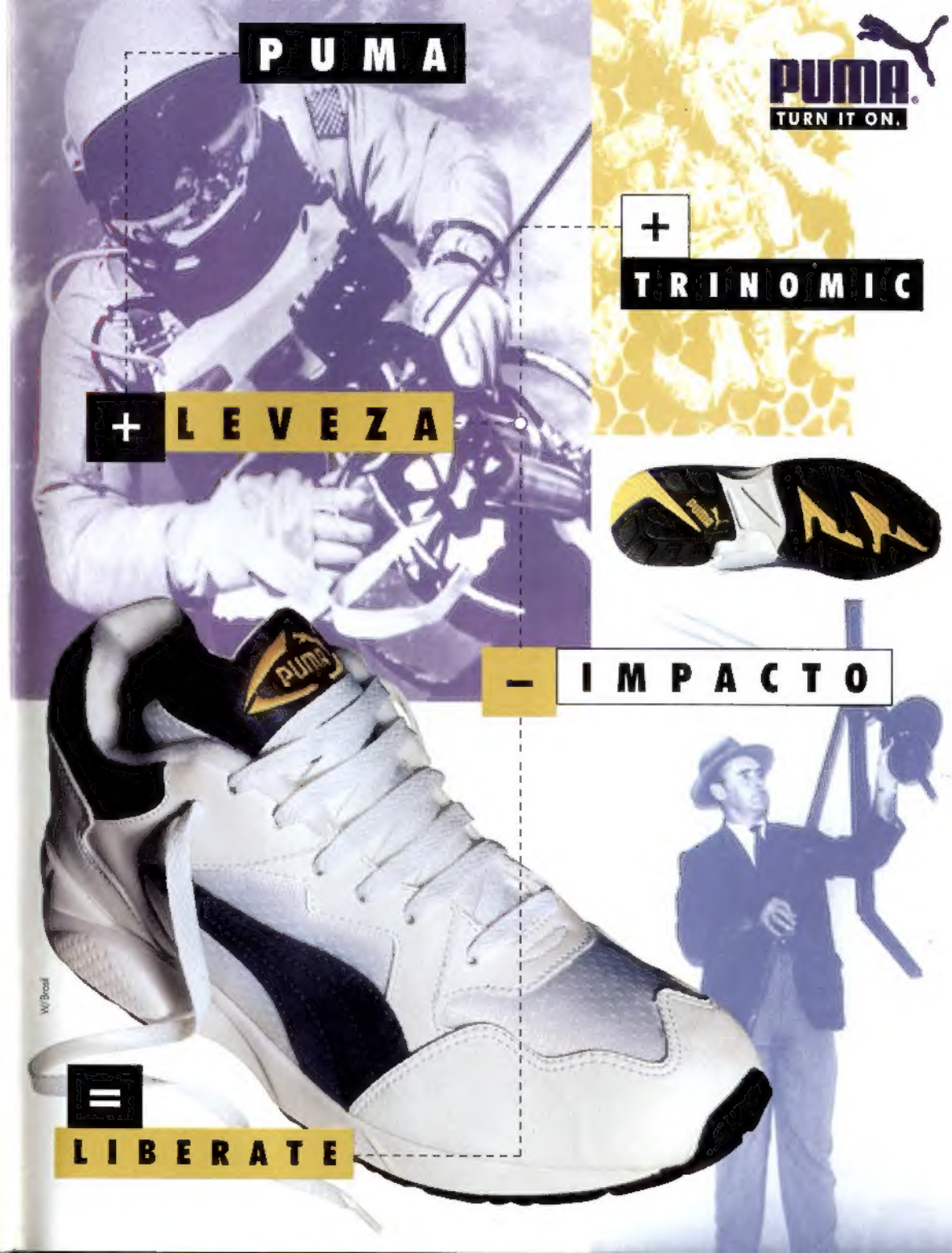
Foi aí que se viram com a liberdade de conceber a maior bizarrice que um grupo dito "descartável" jamais ousou lançar: o álbum *Pisces, Aquarius, Capricorn & Jones, Ltd.*

A maioria das faixas eram na tradição do *acid rock*, tipo Jefferson Airplane e Grateful Dead, recheadas com vinhetas esquisitas e instrumentação atípica. "She Hangs Out" tinha aqueles tecladinhos vagabundos com os quais os Charlatans sonham toda noite; "Cuddly Toy" era psicodelia *light*, tipo *A Fábrica De Chocolate*. "Words" era psicodelia de verdade, lembrando 13th Floor Elevators (!). As baladas estavam entre as melhores do grupo: "Hard To Believe" (parecia um Neil Diamond descontrolado) e "Don't Call On Me" (com clima de *happy hour* para casais *freaks* apaixonados. "Pleasant Valley Sunday" o grande hit, foi regravada por Wedding Present e Magnapop. "Daily Nightly" tinha rajadas de sintetizadores (aqui usados com pioneirismo histórico) e órgãos Hammond alucinados, construindo o fundo para a voz de Dolenz. "Star Collector" fechava o disco num clima fantasmagórico, tipo *Scooby Doo*.

Pisces... foi o grande disco deles. A série de TV acabou em 68 e eles fizeram o filme *Head* (também dirigido por Rafelson), tão biruta e experimental que foi um grandioso fracasso. Tork saiu do grupo que, como trio, gravou mais dois álbuns, antes de notar que a mágica e a espontaneidade eram coisas do passado.

Em 86, Jones, Dolenz e Tork fizeram *Pool It!* e a turnê *Happy Together* – de encomenda para velhinhas saudosistas – numa das mais constrangedoras jogadas da história. Nesmith preferiu preservar os Monkees na memória, certo de que estarão sempre vivos com sua fama nos anos 60, de famosos *bubblegummers* psicodélicos.

RICARDO ALEXANDRE



SETE SETE CINCO
BRASIL
LOJAS EXCLUSIVAS